

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**O GÊNERO JORNALÍSTICO *NOTÍCIA* – DIALOGISMO E VALORAÇÃO**

**RODRIGO ACOSTA PEREIRA**

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues

Florianópolis, 2008.

**RODRIGO ACOSTA PEREIRA**

**O GÊNERO JORNALÍSTICO *NOTÍCIA* – DIALOGISMO E VALORAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de concentração de Lingüística Aplicada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues

Florianópolis, 2008.

**RODRIGO ACOSTA PEREIRA**

**O GÊNERO JORNALÍSTICO *NOTÍCIA* – DIALOGISMO E VALORAÇÃO**

Dissertação aprovada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Lingüística, pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração Lingüística Aplicada.

**BANCA EXAMINADORA:**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes  
Rodrigues  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Désirée Motta-Roth  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Orlando Tambosi  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, 06 de outubro de 2008.

A minha mãe, a meu pai, a meus irmãos  
pela presença e força constantes. Razões  
pelas quais sigo em frente.



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e irmãos, pelo conforto de saber que estão sempre ao meu lado, mesmo longe pela distância.

Ao Ricardo, pela força, carinho, presença, paciência diária.

A toda minha família pelas palavras de incentivo.

Aos amigos que conquistei ao longo do Mestrado, que contribuíram para minha formação profissional e, em especial, pessoal. Amigos que me fizeram descobrir a verdadeira essência da vida – a amizade.

Às amigas Nara e Nívea, verdadeiras neobakhtinianas, pelas diversas conversas teórico-metodológicas sobre o Círculo de Bakhtin e Lingüística.

A Patrícia, Ani e Salete – ‘O Terceto Fantástico’ –, colegas para todas as horas, irmãs quando mais precisei, companheiras quando em dúvida fiquei e amigas indescritíveis. Pessoas que, como anjos, me ajudaram e me fizeram perceber que juntos podemos mudar situações e enfrentar obstáculos que achávamos insuperáveis. Obrigado pela força, pela paz e pela companhia de todos os dias – vocês são únicas, singulares, memoráveis, espetaculares. Vocês são simplesmente ‘As meninas poderosas’ do meu coração e juntos seremos sempre ‘O Quarteto Fantástico da Lingüística’.

A todos os amigos que “torceram” por mim.

A Morgana, Letícia, Gisele, pelos vários estudos em Inglês.

A Mariana, pelos vários bate-papos e cafezinhos no ALERS.

Ao ALERS, pelo uso e pelo espaço de pesquisas e conversas entre colegas e amigos.

Aos Professores Doutores da PGL: Marco Antônio Esteves da Rocha, Roberta Pires de Oliveira, Rosângela Hammes Rodrigues, Simone Bueno Borges da Silva e Terezinha de Moraes Brenner.

Ao Prof. Dr. Fábio Lopes da Silva, pelo apoio acadêmico nas horas mais difíceis.

Aos Professores Doutores Jane Quintiliano Silva Guimarães (PUC - MG) e Orlando Tambosi (UFSC), pelas sábias contribuições durante o Exame de Qualificação.

A CAPES, pela bolsa que me foi concedida durante dois semestres de curso.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues – educadora, professora, pesquisadora – papéis múltiplos em uma pessoa essencialmente singular. Obrigado pela paciência, conversas, discussões, apoio, orientações, indicações, demonstrações e ensinamentos sobre o Círculo de Bakhtin. Foste minha companheira e guia nessa caminhada.

Acima de tudo, obrigado por tua passagem significativa e 'axiologicamente' marcante na minha formação enquanto professor-pesquisador. Reitero meu muito obrigado a excelente profissional que tu és.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é elaborar uma análise descritivo-interpretativa do gênero jornalístico notícia da mídia impressa. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na linha da Análise Dialógica de Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin. Com base nesse objetivo 140 notícias, publicadas em jornais de circulação estadual e nacional, a nomear *O Estado de S. Paulo*, *Correio do Povo*, *Diário Catarinense* e *Zero Hora*, no período de 13 a 20 de dezembro de 2007, nas seções Geral e Nacional, foram analisadas considerando-se a literatura pertinente. A metodologia de análise e apresentação dos dados baseou-se no método sociológico de análise dialógica da linguagem proposto por Bakhtin (2006), e na proposta de Rodrigues (2001) de análise do gênero a partir de suas dimensões social e verbo-visual. A partir da análise da dimensão social, concluímos que o gênero notícia se legitima e se regulariza nas diversas situações sociais que se constroem na esfera social do jornalismo impresso, assim como é consubstanciado por diferentes orientações ideológicas e projeções valorativas que se entrecruzam nas situações enunciativas nessas esferas. Sob essa perspectiva, as notícias apresentam periodicidade diária, público-leitor das classes A, B e C e marcas autorais explícitas e implícitas. A análise da dimensão verbo-visual, a partir da construção lingüística da notícia, revelou que este gênero apresenta diversas regularidades enunciativo-discursivas que se tipificam nas interações e que, por sua vez, relativamente estabilizam os enunciados na forma de gênero: relações dialógicas entre notícias, visadas dialógico-valorativas com determinados efeitos de sentido e projeções estilístico-composicionais específicas do gênero. Em adição à análise da construção lingüística, a investigação acerca da construção imagética da notícia, por sua vez, mostrou que as notícias geralmente apresentam, em sua composicionalidade textual, gêneros intercalados multimodais, como fotografias, mapas e infográficos que não só consubstanciam sua construção e organização textual, como, em adição, direcionam o leitor a determinados efeitos de sentido. Esses resultados indicam a importância de descrever e explicar as diversas práticas discursivas (como a notícia) que se constroem nas diversas esferas sociais, entendendo não apenas como interagimos socialmente por meio de gêneros, mas, principalmente, como os gêneros regulam, legitimam e significam nossas interações.

Palavras-chave: dialogismo, valoração, gêneros do discurso, notícia.

## ABSTRACT

The objective of this work is to elaborate a descriptive and interpretative analysis of the discourse genre *news* in the press media. The theoretical and methodological basis is the Dialogical Discourse Analysis (DDA) from Mikhail Bakhtin Circle. Based on this general aim, 140 news published in newspapers of national and state circulation, such as *O Estado de S. Paulo*, *Correio do Povo*, *Diário Catarinense* e *Zero Hora*, from December 13rd to December 20<sup>th</sup>, 2007, in the sections *Geral* and *Nacional* was analyzed considering the literature. The methodology of analysis and data presentation is based on the sociological methodology of dialogical analysis of language proposed by Bakhtin (2006) and Rodrigues (2001) discussions concerning the dimensions of social and verbal-visual dimensions of the genre. The social dimension analysis revealed that the *news* discourse genre is legitimated and regularized in the several social interaction situations that is constructed in the press journalism social sphere as well is constituted by different ideological orientations and axiological projections that are inter-related in the enunciative situations in these spheres. In this way, the news presents diary circulation, readers from A, B, C classes and author explicit and implicit marks. The verbal-visual dimension analysis through the linguistic construction of the genre revealed that the news presents some specific enunciative-discourse regularities that typified in the social interactions: dialogical relations, dialogical, axiological projections, and style and compositions projections that regulate the genre functioning and constitution. In addition to the linguistic construction, the investigation concerning the news image construction showed that the news is constituted by different multimodal genres like photos, infographics and maps. These findings point out the importance of describing and explaining the several discourse practices (like the news) that are constructed in the different social spheres in order to comprehend not only how we interact socially by genres, but also how the genres regulate, legitimate and mean our social interactions.

Key-words: dialogism, appraisal, discourse genre, news.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Notícia OESP02	173
Imagem 2	Notícia OESP03	173
Imagem 3	Notícia CP51	174
Imagem 4	Notícia DC31	175
Imagem 5	Notícia DC06	176
Imagem 6	Notícia DC15	177
Imagem 7	Notícias DC40/41	178
Imagens 9/10	Notícias DC30/31	179
Imagem 11	Notícia DC20	180
Imagem 12	Notícia OESP02	181
Imagem 13	Notícia DC20	182
Imagens 14/15	Notícias DC31/31	183
Imagens 16/17	Notícias DC42/43	184
Imagem 18	Notícia CP38	184
Imagem 19	Notícia DC07	186
Imagem 20	Notícia DC18	186
Imagens 21/22	Notícias DC12/21	187
Imagem 23	Notícia DC11	188
Imagens 24/25	Notícias CP03/43	188
Imagem 26	Notícia OESP02	192
Imagem 27	Notícia DC15	192
Imagens 28/29	Notícias DC30/31	193
Imagem 30	Notícia CP16	194
Imagem 31	Notícia CP51	195
Imagem 32	Notícia CP27	195
Imagem 33	Notícia OESP24	199
Imagem 34	Notícia OESP04	200
Imagem 35	Notícia CP30	200
Imagem 36	Notícia ZH07	203
Imagem 37	Notícia DC44	204
Imagem 38	Notícia OESP15	204
Imagem 39	Notícia OESP07	205

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1	Conceitos discutidos a partir da análise da dimensão social do gênero notícia do jornalismo impresso	207
Tabela 2	Regularidades enunciativo-discursivas da construção lingüística do gênero notícia na esfera do jornalismo impresso	210
Tabela 3	Regularidades e projeções da construção imagética da notícia	214

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>I</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	22
1.1	BAKHTIN E O ENFRENTAMENTO SOCIOLÓGICO DA LINGUAGEM	23
1.2	OS GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DIALÓGICA DE DISCURSO (ADD) DO CÍRCULO DE MIKHAIL BAKHTIN: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	28
1.3	DISCURSIVIDADE, RESPONSABILIDADE E DIALOGISMO	37
<b>II</b>	<b>METODOLOGIA</b>	42
2.1	O MÉTODO SOCIOLÓGICO DO CÍRCULO DE BAKHTIN: POSTURA DISCURSIVA FRENTE AO CORPUS DIALÓGICO	43
2.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DOS JORNAIS	45
2.2.1	<b>O Jornal O Estado de S. Paulo</b>	47
2.2.2	<b>O Jornal Correio do Povo</b>	48
2.2.3	<b>O Jornal Zero Hora</b>	50
2.2.4	<b>O Jornal Diário Catarinense</b>	51
<b>III</b>	<b>DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO NOTÍCIA</b>	53
3.1	A ESFERA SOCIAL DO JORNALISMO E O GÊNERO NOTÍCIA NA VOZ DA TEORIA DO JORNALISMO (TJ)	53
3.2	A ESFERA SOCIAL DO JORNALISMO: A VOZ DA ADD	65
3.2.1	<b>O jornalismo de jornal impresso: esfera e ideologia</b>	66
3.2.2	<b>O discurso da notícia: representação social e ética</b>	73
3.3	GÊNERO NOTÍCIA E CRONOTOPO	80
3.3.1	<b>O gênero notícia e posições de autoria</b>	83
3.3.2	<b>O público-leitor</b>	94
<b>IV</b>	<b>DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO NOTÍCIA: A CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA</b>	98
4.1	O TEMA	98
4.1.1	<b>As relações dialógicas</b>	112
4.1.2	<b>O projeto sociodiscursivo</b>	121
4.1.3	<b>A reenunciação: o discurso do outro</b>	126
4.2	O ESTILO E A VALORAÇÃO	132
4.2.1	<b>Visadas dialógico-valorativas</b>	134
4.2.2	<b>Projeções estilístico-composicionais</b>	139
4.3	A COMPOSICIONALIDADE TEXTUAL	149
4.4	ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICO-TEXTUAL	157
<b>V</b>	<b>DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO NOTÍCIA: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA</b>	162
5.1	A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO JORNALISMO IMPRESSO	163
5.1.1	<b>O planejamento visual</b>	164
5.1.2	<b>O fotojornalismo</b>	167



5.1.2.1	A fotografia como enunciado	170
5.1.2.1.1	<i>Visadas dialógico-valorativas das fotografias</i>	172
5.1.2.1.2	<i>As relações dialógicas entre fotografias</i>	182
5.1.2.1.3	<i>Movimentos valorativos das fotografias</i>	185
5.1.2.1.4	<i>Projeções estilístico-composicionais das fotografias</i>	189
5.1.2.1.5	<i>Estratégias de construção verbo-visual das fotografias</i>	191
5.1.3	<b>A infografia</b>	196
5.1.4	<b>Os mapas</b>	202
<b>VI</b>	<b>SÍNTESE DA PESQUISA</b>	206
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	217
	<b>REFERÊNCIAS</b>	220
	<b>ANEXO 1</b>	229
	<b>ANEXOS DIGITALIZADOS</b>	CD

## INTRODUÇÃO

A pesquisa insere-se na área de concentração Lingüística Aplicada (LA) do Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina (PGL – UFSC) e na linha de pesquisa *Corpora* e Gêneros: Análises e Aplicações. É parte integrante do GRPesq **Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análise de gêneros** e do projeto “Estudo dos gêneros do discurso jornalísticos: análises na perspectiva bakhtiniana da linguagem” ambos coordenados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues. Nesse contexto, buscaremos investigar o gênero do discurso notícia, da esfera do jornalismo impresso, sob a ótica do Círculo de Bakhtin, a partir dos diversos aspectos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e do diálogo com a Teoria do Jornalismo (TJ), contemplando uma pesquisa de cunho dialógico e transdisciplinar<sup>1</sup>.

Diferentes discussões e pesquisas têm surgido no Brasil e no exterior<sup>2</sup> no campo da Teoria dos Gêneros do Discurso (BAZERMAN, 2007; BONINI, 2005; CHARAUDEAU, 2004; 2006; FURLANETTO, 2005; MOTTA-ROTH, 2005; 2007; PRIOR, 2007; RODRIGUES, 2007; ROJO, 2007; SIGNORINI, 2006; SCHNEUWLY e DOLZ 2004; SWALES, 1990; 2007), procurando compreender o funcionamento e a constituição dos gêneros na sociedade e seu papel de significar as diversas situações de interação.

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que por transdisciplinar, entendemos “‘um espaço aberto’ ou ‘com múltiplos centros’, no qual se encontram concepções similares e divergentes de LA” (MOITA LOPES, 2006, p. 15).

<sup>2</sup> No Brasil como no exterior, as pesquisas sob o escopo dos gêneros do discurso estão apoiadas em diferentes abordagens. É importante para o pesquisador saber localizar qual perspectiva sua pesquisa se insere. Dentre os principais campos de investigação apresentam-se a sociossemiótica, a socioretórica, a semiodiscursiva, a sociocognitiva, a interacionista sociodiscursiva e a sociodialógica.

Percebe-se que no Brasil o advento das pesquisas sobre gêneros do discurso/textuais<sup>3</sup> vem conjugado às contribuições teórico-aplicadas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) para as práticas de ensino/aprendizagem<sup>4</sup>. Os PCN apresentam os gêneros do discurso como objetos das práticas de ensino e aprendizagem e os textos como unidades dessas práticas. Dessa forma, tornou-se fundamental o reconhecimento e a compreensão da constituição e do funcionamento dos gêneros do discurso, das ações do professor frente ao novo objeto de ensino/aprendizagem e das práticas de planejamento e didatização dos gêneros na escola, ocasionando um crescente desenvolvimento de pesquisas em LA sobre os gêneros do discurso/textuais. Com isso, projetos e pesquisas atuais em LA têm se direcionado à (a) análise descritivo-interpretativa de gêneros do discurso em esferas sociais específicas; (b) análise dos discursos que se entrecruzam nas situações de interação mediadas por gêneros; (c) formação do professor frente às novas perspectivas teóricas, metodológicas e aplicadas que perpassam e subsidiam sua ação docente; e (d) reconstrução das práticas de ensino/aprendizagem na perspectiva dos gêneros do discurso e sua didatização.<sup>5</sup> Segundo ROJO (2006, p. 258-259), para as pesquisas contemporâneas em LA,

A questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente –, mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes [...].

---

<sup>3</sup>Rojo (2005) estabelece uma distinção entre pesquisas voltadas ao estudo dos gêneros do discurso e àquelas direcionadas à pesquisa sobre gêneros textuais. De acordo com a autora, “[...] teoria dos gêneros do discurso – centra-se, sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos [...] e teoria dos gêneros de textos – na descrição da materialidade textual”. (ROJO, 2005, p. 185).

<sup>4</sup>Rojo (2007) postula que os gêneros do discurso podem ser compreendidos como ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas.

<sup>5</sup>Para autores como Schneuwly & Dolz (2004), a didatização de gêneros é entendida como *transposição didática* (CHEVALLARD, 1991) de gêneros.

As pesquisas em LA acerca da análise descritiva e interpretativa dos gêneros do discurso têm enfatizado seu papel social, discursivo e ideológico nas diversas práticas sociais, seja sob o ponto de vista dos gêneros como orientadores dessas práticas, à medida que relativamente estabilizam as interações que a elas se conjugam, analisando o gênero sob o ângulo enunciativo-discursivo, seja sob o ponto de vista semiótico-textual, buscando investigar as diferentes regularidades que se constroem na materialidade textual desses gêneros. Segundo Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p. 8-9), é notável a ascensão de pesquisas que envolvem os gêneros do discurso/textuais no Brasil e no exterior<sup>6</sup> no campo da LA, posto que

Tanto no Brasil, principalmente após a publicação dos PCN (BRASIL, 1998), quanto no estrangeiro (BHATIA, 1997, HYLAND, 2002), é notável o número de campos científicos e profissionais interessados nesse tema. Pode-se dizer hoje que, estão inclinados a discutir questões relacionadas aos gêneros, entre outros, críticos literários, retóricos, sociólogos, jornalistas, cientistas cognitivistas [...]. O gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais, possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da Lingüística. [...] Ao tomar o conceito de gênero como categoria do discurso, a LA amplia o horizonte de explicações para a linguagem.

---

<sup>6</sup> Prior (2007, p. 277-283) pontua que em pesquisas norte-americanas e australianas contemporâneas em LA com base nos gêneros do discurso/textuais, analistas de gêneros tem modificado seu foco de análise da perspectiva do gênero como fenômeno isolado para o reconhecimento de como tipos específicos de textos são formados em confluência, constituindo sistemas de gêneros. Os gêneros têm sido descritos em termos de *cadeias* (SWALES, 2004); *colônias* (BHATIA, 2002), entre outras denominações.

Do original: “genre analysts have been moving from a focus on genres as isolated phenomena to a recognition of how specific types of texts are formed within, infused by, and constitutive of *system of genres*. Genres have been described in terms of *chains* (SWALES, 2004; FAIRCLOUGH, 2004); *colonies* (BHATIA, 2002); *repertoires* (DEVITT, 2004); *sets and systems* (BAZEMAN, 2004; DEVITT, 1991) and *ecologies* (SPINUZZI, 2004). [...] Besides, situated genre analyses in specific sites (BAZEMAN, 1999; BERKENKOTTER, 2001, PRIOR, 1998) have also highlighted ways that literate activity involves multimodal *chains* of genres (e.g. from planning talk to a written text that is then reviewed orally and in writing [...])”

Quanto às pesquisas em análise de discurso, estas procuram investigar o processo de discursivização e subjetivação que se constituem mutuamente nas diversas interações socioideológicas. Dessa forma, discurso, sujeito e ideologia apresentam-se como conceitos centrais que subsidiam o desenvolvimento das diferentes discussões que envolvem as análises de discurso na LA. As pesquisas lingüístico-aplicadas acerca da formação de professores, por sua vez, se encontram aliadas às pesquisas de análise de gêneros (BUNZEN, 2005; KLEIMAN, 2006; RODRIGUES, 2001; SIGNORINI, 2006), análise de discurso (SIGNORINI, 2006) e questões que envolvem a socioconstrução da identidade (HEBERLE; OSTERMAN & FIGUEIREDO, 2006; MOITA LOPES, 2003; SIGNORINI, 2006), buscando compreender como interação, discurso, ação/prática docente e identidades sociais estão intimamente articulados.

Sobre as pesquisas que objetivam investigar as práticas de ensino/aprendizagem na escola, estas buscam analisar e introduzir a didatização dos diversos gêneros do discurso como instâncias sociais que perpassam as ações do professor em sua prática pedagógica. Investigações contemporâneas em LA sob esse ângulo apresentam discussões seja sobre o papel dos gêneros do discurso como objetos<sup>7</sup> de ensino/aprendizagem, seja sobre a relação intrínseca entre conhecimento teórico e procedimental das ações docentes.

---

<sup>7</sup> Rojo (2007, p. 1761) revisita Bhatia (2004) postulando que, segundo este autor, “as teorias de gêneros trazem questões relevantes para a LA. Objetiva-se responder (a) em que medida as práticas pedagógicas devem dar conta de ou refletir as realidades do mundo do discurso e (b) em que medida os procedimentos analíticos devem dar conta das realidades plenas do mundo do discurso”. A essas questões, Rojo (2007, p. 1762) responde que “a escola contemporânea, a escola da alta modernidade, tem de se acercar, de uma ou de outra maneira, das várias práticas discursivas dos diversos campos de atuação dos cidadãos em sociedade. Aqui, é que a teoria dos gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin [...] faz sua primeira entrada na discussão, quando a pesquisa e elaboração acadêmica em LA que impacta os referenciais curriculares vêm propor os gêneros do discurso como objetos de ensino da língua materna (Língua Portuguesa)”.

(ACOSTA-PEREIRA, 2007a; 2007b; 2007c; ANTUNES, 2003; BUZEN & MENDONÇA, 2006; DELL' ISOLA 2007; DIONÍSIO, MACHADO & BEZERRA, 2005; GIL, RAUBER, CARAZZAI & BERGSLEITHNER, 2005; KARWOSKI, GAYDECZKA & BRITO, 2005; KLEIMAN, 2001; PAULIUKONIS & GAVAZZI, 2007; DE PIETRI, 2007; UCHÔA, 2007).

Dentre essas perspectivas teóricas, metodológicas e aplicadas das investigações em LA, a presente pesquisa, como já dito, objetiva investigar a constituição e o funcionamento do gênero jornalístico notícia com base na Análise Dialógica do Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin, revisitando aspectos teórico-metodológicos da Teoria do Jornalismo (TJ), integrando-se a uma pesquisa transdisciplinar acerca dos gêneros do discurso na esfera sociodiscursiva do jornalismo impresso. Os dados da pesquisa constituem-se em 140 notícias, das quais 20 são do *Jornal Zero Hora* (RS), 45 do *Jornal Diário Catarinense* (SC), 51 do *Jornal Correio do Povo* (RS) e 24 do *Jornal O Estado de S. Paulo – 'Estadão'* (SP) publicadas nos cadernos *Geral e Nacional*, durante o período de 13 a 20 de dezembro de 2007.

A pesquisa, situando-se no horizonte da Análise Dialógica de Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin buscou, em adição, relacionar as fundamentações da ADD (BAKHTIN<sup>8</sup>, 1926; 1981; 1989; 1993; 1998; 2000; 2002; 2003; 2006); Brait (2006); Rodrigues (2001); Rojo (2005; 2007) com a TJ com base em Alsina (1993); Breton (2003); Cornu (1998); Fontcuberta (1993); Katz (1993); Lage (2005); Marcondes Filho (1986; 1993); Pena (2007); Ponte (2004); A. D., Rodrigues (2002); G., Silva (2005) e Traquina (2001).

---

<sup>8</sup> Frente às diversas discussões sobre a autoria das obras de Mikhail Bakhtin, concorda-se com Faraco (2007, p. 57), "ora, diante da teorização de Bakhtin sobre a autoria – que transforma o autor em *posições autorais* – passamos a dispor de um argumento para sugerir que todos os textos disputados foram escritos, de fato, por Bakhtin [...]". Dessa forma, nesta pesquisa, optou-se por delegar a Mikhail Bakhtin as posições autorais das obras estudadas.

Esta dissertação está organizada em 6 capítulos. No 1º capítulo, ao longo do referencial teórico, objetivamos (a) revisitar fundamentações epistemológicas da visão social de linguagem do Círculo de Bakhtin; (b) explanar sobre os gêneros do discurso sob o escopo da ADD e (c) explicar o entrecruzamento entre discursividade, responsividade e dialogismo sob a perspectiva do método sociológico proposto por Bakhtin (1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006).

No 2º capítulo, apresentamos (a) o percurso metodológico da pesquisa que consiste na discussão do método social e dialógico de análise da linguagem proposto por Bakhtin (1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006) e (b) a contextualização dos jornais que fazem parte da pesquisa – *Diário Catarinense* (SC); *O Estado de S. Paulo* (SP); *Correio do Povo* (RS) e *Zero Hora* (RS).

O 3º capítulo apresenta a análise dos dados a partir da dimensão social do gênero, (a) discute a constituição e o funcionamento da esfera sociodiscursiva do jornalismo impresso; (b) busca identificar os interlocutores da interação mediada pela notícia, a saber, a autoria e o público-leitor e (c) relaciona gêneros do discurso e cronotopo, com vistas à apreensão e discussão do cronotopo do gênero notícia.

No 4º capítulo, explanamos sobre a construção lingüística da dimensão verbo-visual do gênero, apresentando uma análise descritivo-interpretativa das regularidades enunciativo-discursivas que engendram e se engendram na constituição e no funcionamento do gênero jornalístico notícia.

O 5º capítulo disserta acerca da construção imagética da dimensão verbo-visual do gênero notícia a partir das discussões analíticas sobre a fotografia, o infográfico e o mapa, gêneros intercalados à materialização enunciativo-discursiva da notícia do jornalismo impresso.

No capítulo 6, será apresentada uma revisão sintética dos resultados da pesquisa, focando as particularidades das dimensões social e verbo-visual do gênero notícia. Ao fim, apresentamos as considerações finais e abertura de sugestões para futuras pesquisas sobre o assunto.



[...] ao abrir-se para o outro,  
o indivíduo sempre  
permanece para si  
(BAKHTIN, 2003, p. 394).

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Como já dito na introdução, a pesquisa está baseada na Análise Dialógica de Discurso <sup>9</sup>(ADD) do Círculo de Bakhtin (1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006). Sob essa perspectiva, buscaremos explanar sobre a linguagem a partir de um panorama social, discursivo e dialógico, ou seja, a concepção interacionista de linguagem do Círculo, integrada às concepções de interação, dialogismo, valoração, enunciado, texto e gêneros do discurso. Para a apresentação do referencial teórico, a pesquisa está organizada nas seguintes subseções: (1.1) Bakhtin e o enfrentamento sociológico da linguagem; (1.2) Os gêneros do discurso na perspectiva da Análise Dialógica de Discurso (ADD) do Círculo de Mikhail Bakhtin – aspectos teórico-metodológicos e (1.3) Discursividade, responsividade e dialogismo.

---

<sup>9</sup> “Não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se domina *Círculo de Bakhtin* jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, arrisca-se a sustentar que o conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e conseqüências são visíveis nos estudos lingüísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral. Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre línguas, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas [...]. Iniciar a apresentação da análise/teoria dialógica do discurso dessa maneira significa, de imediato, conceber estudos da linguagem como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiossincrasias institucionais e necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primário [...]. As contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador”. (BRAIT, 2006, p. 9-29).

## 1.1 BAKHTIN E O ENFRENTAMENTO SOCIOLÓGICO DA LINGUAGEM

A busca pela concepção social da língua na Lingüística inicia com sucessivas revisitações aos postulados saussureanos do *Curso de Lingüística Geral* (SAUSSURE, 1916) acerca da afirmação da língua como fato social. As reconstruções de um escopo teórico para a fundamentação da língua sob o âmbito sócio-histórico-cultural desenvolvem-se a partir das reconsiderações de Antoine Meillet (1866-1936) sobre a língua enquanto fato social e sua íntima filiação ao sociólogo Émile Durkheim cujas discussões seguem a compreensão de que “por ser a língua um fato social resulta que, a Lingüística é uma ciência social e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação lingüística é a mudança social<sup>10</sup>” (CALVET, 2002, p. 16).

A proposta de Meillet, portanto, revisita aspectos internos e externos da língua, assim como aqueles relacionados a fatos sincrônicos e diacrônicos da linguagem, afirmando e reafirmando seu caráter social. Meillet procura explicar a estrutura lingüística por panoramas sócio-históricos.

Embora Saussure<sup>11</sup> e Meillet afirmassem a língua como fato social (CALVET, 2002), ambos possuíam explicações distintas. Para Saussure, a língua é elaborada na comunidade e somente nela é que é social. Para Meillet, a noção de fato social busca recuperar posicionamentos diacrônicos e sincrônicos, postulando o fato da língua como fato sócio-histórico-cultural.

---

<sup>10</sup> Esse postulado segue orientação similar às discussões de William Labov (CALVET, 2002).

<sup>11</sup> Retoma-se que “Saussure mostra que o homem não é o senhor de sua língua. Ao questionar as evidências gramaticais e a maneira pela qual elas funcionam para o sujeito falante, Saussure contribui para tirar a reflexão sobre a linguagem das evidências empíricas; ao estudar a língua como objeto abstrato, um sistema cujas forças são exteriores ao mesmo tempo ao indivíduo e à realidade física, a teoria saussureana produziu um efeito de desconstrução do sujeito psicológico livre e consciente que reinava na reflexão da filosofia e das ciências humanas nascentes, no final do século XIX”. (GADET, 1996, p. 7 apud PAVEAU & SARFATI, 2006, p. 63).

Posteriormente às considerações de Meillet, iniciam-se na Rússia os próximos estudos: Nicolai Marr (1864-1934) com a elaboração das línguas jaféticas.

A partir de Marr, reafirmam-se as postulações de que a língua, desde a sua origem, foi um instrumento de poder e é sempre marcada pela divisão da sociedade em classes sociais. Segundo Calvet (2002, p. 19-20)

Marr pensava que o advento mundial do socialismo deveria provocar a aparição de uma única língua, o que estava em conformidade com a idéia [marxista] de que as línguas refletem a luta de classes. Hoje a aplicação do Marxismo que elas pretendiam realizar parece bem primária, mas via-se nelas, sobretudo à época, a justificação em Lingüística de princípios ideológicos mais gerais: primado da luta de classes sobre a idéia de nação, língua como superestrutura, tudo isso entrava perfeitamente em uma visão internacionalista sem contar que respondia perfeitamente aos problemas da URSS em face das minorias nacionais, mostrando em particular que a organização social estava acima da divisão em nações.

Posteriormente às discussões de Meillet e de Marr, segue na Rússia um grupo de estudiosos envolvidos nas considerações sociopolíticas do Marxismo, o Círculo de Bakhtin, cujos enfrentamentos a Saussure<sup>12</sup> e a Freud<sup>13</sup> retomavam a posição da linguagem vista sob um panorama social, interativo e ideológico. Bakhtin<sup>14</sup> (2003; 2006) desencadeia várias postulações sobre as orientações filosófico-lingüísticas do século XIX.

---

<sup>12</sup> Discussões em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006).

<sup>13</sup> Discussões em *Freudismo – Um Esboço Crítico* (2001).

<sup>14</sup> “Uma característica da obra de Bakhtin é um crescente embasamento no conhecimento soviético de então [final da década de 1920]. As fontes já identificadas incluem o trabalho de importantes pensadores, como os estudiosos do folclore e literatura Viktor Zhirmunski e Olga Freidenberg e George Lukács [...] Bakhtin [além disso,] viria a adotar o relato de Jakubinski da formação da língua nacional russa e separá-lo de suas coordenadas históricas. [...] O ponto de partida de Jakubinski é o argumento de que a língua tem duas funções fundamentais, das quais todas as outras funções subseqüentes derivam: 1) *a língua como meio de interação* e 2) *a língua como ideologia*. [...] Bakhtin adota a premissa metodológica de Jakubinski da linguagem como unidade, mas não como identidade, da forma da comunicação e do conteúdo ideológico, abrindo seu ensaio sobre o romance de 1934-1935 com a afirmação de que seu objetivo fundamental é vencer a separação entre o ‘formalismo’ e o ‘ideologismo’ abstratos no estudo do mundo artístico. Forma e conteúdo estão unidos na palavra, entendida como um fenômeno social, em todas as esferas de sua vida e em todos os momentos – da imagem sonora aos estratos semânticos mais abstratos. É dito que esta idéia define toda a sua ênfase na ‘estilística do gênero’, em que os fenômenos estilísticos devem ser relacionados aos modos sociais em que a palavra vive e aos grandes destinos históricos dos gêneros” (BRANDIST, 2006, p. 70-71).

O autor relaciona suas menções às fundamentações epistemológicas da orientação que visava abordar a língua enquanto sistema objetivo e imanente e à posição cujos estudos encaminhavam-se a um posicionamento subjetivo e idealizado de língua. Ambas, Bakhtin (2006) denominava objetivismo abstrato e subjetivismo individualista respectivamente.

O objetivismo abstrato<sup>15</sup>, segundo Bakhtin (2006), apresenta a língua enquanto sistema abstrato, objetivo e imanente cujo “centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem-definida, situa-se [...] no sistema lingüístico – o sistema das formas fonéticas, gramaticais [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 79). Para o autor, essa orientação objetivista e abstrata procura evidenciar que a língua possui uma identidade normativa e é, portanto, essa unicidade identitária o objeto de investigação. “Do ponto de vista do objetivismo abstrato “não se poderia falar da criação refletida da língua pelo sujeito falante. A língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 80-81).

Bakhtin (2006) revisita aspectos estruturalistas saussureanos e postula que, para o objetivismo abstrato, os indivíduos recebem da sua comunidade lingüística um sistema já constituído, não havendo espaços para distinções ideológicas ou posições valorativas.

O subjetivismo individualista<sup>16</sup>, por sua vez, considera a língua enquanto atividade ou processo pessoal criativo que se constrói sob a forma de atos individualizados de fala, isto é, de acordo com Bakhtin (2003; 2006), para essa orientação, o psiquismo individualista apresenta-se como fonte da língua.

---

<sup>15</sup> Para essa orientação filosófico-lingüística, “a língua é um sistema estável, imutável, de formas lingüísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta” (BAKHTIN, 2006, p. 85).

<sup>16</sup> Para essa orientação, “as leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual” (BAKHTIN, 2006, p. 75).

Para o autor, “esclarecer esse fenômeno lingüístico significa reduzi-lo a um ato significativo [...]. A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística” (BAKHTIN, 2006, p. 74-75). Dessa forma, o Subjetivismo Individualista considera o ato individual de fala o fenômeno basilar da língua. “Wilhelm Humboldt <sup>17</sup>, um dos notórios representantes dessa tendência, foi quem estabeleceu seus fundamentos”. (BAKHTIN, 2006, p. 75).

Bakhtin (2006), após discutir os posicionamentos defendidos pelo objetivismo abstrato e pelo subjetivismo individualista, apresenta suas considerações teórico-metodológicas da abordagem sociológica para o estudo da linguagem.

O autor afirma que a realidade fundamental da língua não está numa estrutura objetiva, sistêmica e imanente ou nos atos psicofisiológicos ou em enunciações monológicas vistas sob os escopos objetivistas e subjetivista respectivamente, mas a essência da linguagem está nas interações sociais. “A enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato [...] com o meio extraverbal e verbal” (BAKHTIN, 2006, p. 129).

---

<sup>17</sup> Bakhtin (2006, p. 75) pontua que “Humboldt expôs suas idéias sobre a filosofia da linguagem em ‘Ueber die Verschiedenheiten des menschlichen Sprachbaues’ [...]”. Em ‘Ueber die Natur der Sprache im allgemeinen’ Humboldt discute que “a língua certamente repousa sobre convenções, na medida em que todos os membros de uma comunidade por ela se entendem; mas, individualmente, a primeira formação das palavras se deu a partir da sensação natural semelhante do ouvinte. É por isso que o estudo da língua, para além do uso da língua em si, ensina também a analogia entre o homem e o mundo, em geral, e cada nação, em particular, a qual se expressa a língua [...]. A linguagem nada mais é do que o complemento do ato de pensar, a intenção de elevar as impressões externas e as sensações internas ainda obscuras à condição de conceitos nítidos, e, para a criação de novos conceitos, ligar esses conceitos uns aos outros. A linguagem deve, portanto, assumir a natureza dupla do mundo e do ser humano, de modo a fomentar a influência e o efeito recíproco entre eles; ou deve antes, em sua própria natureza recém-criada, extirpar a realidade do objeto e do sujeito, mantendo de ambos apenas a forma ideal” (HEIDERMAN & WEININGER, 2006, p. 9-11).

Quanto à visão interacionista da linguagem, Bakhtin (2003; 2006) pontua que qualquer enunciação constitui-se como um contínuo ou um elo na cadeia ininterrupta das diversas redes de comunicação social. Dessa forma, para o autor, a comunicação verbal apenas pode ser compreendida a partir da relação dialética entre as instâncias verbal e extraverbal, posto que “a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 128).

Em suma, Bakhtin retoma as postulações objetivistas e subjetivistas para reafirmar sua tese sociológica da linguagem, considerando que (a) a língua como objeto sistêmico estabilizado é uma abstração teórico-metodológica; (b) a língua constitui-se como processo e realiza-se essencialmente nas diversas interações sociais; (c) as leis da evolução da língua não são concebidas sob o ângulo das leis da psicologia individualista; (d) a criatividade da língua não possui relações de semelhança com a criatividade artística; (e) toda e qualquer estruturação dos enunciados são especificações puramente sociais<sup>18</sup>.

É, portanto, a partir de uma posição sociológica que Bakhtin apresenta suas discussões epistemológicas acerca dos gêneros do discurso e o entrecruzamento deste com as particularidades das esferas e das interações sociais.

---

<sup>18</sup> Bakhtin (2006, p. 132) especifica que “a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo ‘individual’) é uma *contradictio in adjecto*”.

## 1.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD) DO CÍRCULO DE MIKHAIL BAKHTIN: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Segundo Bakhtin (2003), a linguagem medeia os diferentes campos sociais de interação. Em consequência, os usos sociais da linguagem são multiformes e heterogêneos, assim como os são as esferas da atividade e comunicação humanas. Para o autor, essa mediação é realizada por enunciados (orais ou escritos) concretos, únicos, irrepetíveis e heterogêneos que são proferidos pelos sujeitos atuantes em determinadas situações sociais de interação.

Assim, os enunciados refletem as condições sociais e as finalidades de cada esfera e situação sociais, regularizados por meio do tema, do estilo e da composição (do enunciado) que, em confluência, são indissolivelmente inter-relacionados e se constituem mutuamente.

Bakhtin (2003) afirma que todas as esferas da atividade humana estão efetivamente relacionadas com o uso da linguagem. As realizações lingüísticas se efetuam como enunciados que se legitimam e refletem as condições sociais de produção que estão pressupostas nas interações de que fazem parte. O enunciado materializa as condições e as finalidades de cada uma das esferas sociais desses enunciados, isto é, os enunciados, como unidades de comunicação, são marcados por regularidades sócio-temáticas, sócio-estilísticas e sócio-composicionais que se constituem na forma de enunciados relativamente estáveis, ou seja, essas regularidades são constitutivas dos gêneros.



Em adição à relação entre enunciados e campos da atividade humana, Bakhtin (2003) discute os indícios da totalidade dos enunciados, postulando que seu acabamento<sup>19</sup> ou conclusibilidade é determinado pelo: (a) seu objeto de sentido; (b) intuito do locutor e (c) as formas típicas de composição.

O conteúdo temático é compreendido como o objeto de sentido valorado no discurso, isto é, o conteúdo tematizado que se desenvolve no enunciado a partir da interação. Para Bakhtin (2003, p. 281), as esferas sociais produzem enunciados com seus temas específicos, ou seja, que lhe são próprios.

Além disso, de acordo com o autor, a exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado é diferente, à medida que se diversificam as situações de interação. A exauribilidade semântico-objetual pode apresentar-se quase plena em campos sociais cujos enunciados são de natureza mais padronizada, ou seja, nos quais a criatividade é quase ausente.

Por outro lado, em esferas sociais menos padronizadas, nas quais a fluidez temática é recorrente, o acabamento e a responsividade são mais plásticos. Em síntese, o objeto semântico é inexaurível, mas, ao se tornar tema de um enunciado, determina-se em função da esfera social no qual este enunciado se realiza e em função da intenção discursiva do falante.

Inter-relacionado e indissociável à exauribilidade semântico-objetual, a intenção discursiva de discurso apresenta-se como a vontade discursiva do falante que “determina o todo do enunciado, seu volume e as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2003, p. 281).

---

<sup>19</sup> “A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer ou pode dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 2003, p. 280). Bakhtin apresenta a *alternância dos sujeitos do discurso*, a *expressividade (posição valorativa)* e a *conclusividade* como as características constitutivas dos enunciados. Aqui discutimos apenas a conclusividade do enunciado.

Bakhtin (2003, p. 281) retoma que “imaginamos o que o falante quer dizer<sup>20</sup>, e com essa idéia verbalizada, (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado”. É a partir disso que a composição está relacionada com o conteúdo temático e com o intuito do locutor. Para Bakhtin (2003, p. 266), as unidades composicionais são determinados “tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva”.

A composicionalidade, aliada ao intuito do locutor e ao tema dos enunciados relativamente estabilizados em gêneros em determinadas situações sociais de interação, resulta no reconhecimento de situações de enunciação historicamente tipificadas, tornando a interação compreensível aos interlocutores.

Dessa forma, podemos afirmar que compreendemos a linguagem por meio de sua dimensão social e dialógica. É a partir da relação bidirecional entre linguagem e sociedade que se materializam as diversas situações sociais de interação. Os diversos usos da linguagem realizados na sociedade nas diferentes interações sociais entre indivíduos num determinado contexto sócio-histórico e cultural se realizam por meio de enunciados que se tipificam historicamente, os quais são denominamos gêneros do discurso. Em outras palavras, entendemos que as situações sociais de interação tipificam-se e, a partir delas, os enunciados que as materializam. Estes, por sua vez, se realizam e se regularizam em esferas sociais específicas da atividade humana, sendo relativamente estabilizados na forma de gêneros do discurso

---

<sup>20</sup> “Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva de discurso ou a vontade discursiva do falante [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 281).

A esse respeito, Bakhtin (2003, p. 283) argumenta que

As formas da língua e as formas mais típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência [...]. Os gêneros do discurso organizam nossa fala [...] Aprendemos a moldar nossa fala às formas dos gêneros [...]. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados. Ao introduzirem-se em nossa consciência, os gêneros moldam nossos discursos em determinadas interações, à medida que “nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...]”.

Outro aspecto discutido por Bakhtin é a questão da ideologia. Para o autor, a significação dos gêneros, nas diversas interações sociais, é intimamente investida de ideologias<sup>21</sup>, visto que as esferas sociais são constituídas de relações dialógico-ideológico-valorativas (BAKHTIN, 2006) e a regularização e a legitimação dessas esferas, portanto, se constroem por determinadas orientações e recortes ideológicos. Sociedade, discurso e ideologia se constituem mutuamente. Dessa inter-relação, os gêneros funcionam como formas típicas de enunciados, que, investidos de ideologias, retomam e reproduzem (mas também podem modificar) os valores sociais nas diversas interações.

Para o autor, o discurso que se produz nos gêneros é investido não apenas índices de valores ideológicos da situação imediata da interação, como também da situação mais ampla da qual a interação e a esfera de comunicação fazem parte.

---

<sup>21</sup> Rodrigues (2005, p. 171) afirma que “o trabalho da ideologia e os índices sociais de valor se manifestam não só nos conteúdos dos enunciados, mas nos gêneros e na sua circulação social diferenciada, demonstrando a existência de diferentes condições sociais de investimento dos gêneros”.

Dessa forma, os diversos gêneros que circulam na sociedade refletem ou refratam uma determinada realidade pertencente a uma esfera social. Nessa interação, os enunciados, realizados em uma esfera social específica, não apenas se adaptam a essa esfera como regularizam suas interações por meio dos gêneros. Bakhtin (2006, p. 130) retoma que toda e qualquer situação de interação possui um auditório organizado e, conseqüentemente, um certo repertório de enunciados relativamente estáveis (ou seja, um repertório de gêneros), visto que

Só se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. [...] A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente<sup>22</sup> o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social [...]. (BAKHTIN, 2006, p. 130).

Assim, podemos compreender que os gêneros do discurso não apenas funcionam em determinada esfera social, como incorporam os objetivos, as ideologias e as relações dialógicas constitutivas dessa esfera.

---

<sup>22</sup> O conceito de ideologia em Bakhtin (2006), como reflexos e interpretações da construção da realidade social e natural que tem lugar na consciência do homem e é constituído dialogicamente por material signico (MIOTELLO, 2007), difere dos conceitos de ideologia propostos por Althusser (1970) e por Ricouer (1977) nas pesquisas em Lingüística, Comunicação Social e Sociologia. Para Althusser (1970), “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência. [...] A ideologia tem existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou práticas e, com isso, a ideologia interpela indivíduos como sujeitos” (BRANDÃO, 1997, p. 22-23). Em Ricouer (1977), “ideologia tem como função de mediadora na interação social e na coesão do grupo [...], é dinâmica e motivadora, [à medida que] impulsiona a práxis social. O novo põe em perigo as bases estabelecidas pela ideologia [...]. A ideologia opera, assim, como um estreitamento das possibilidades de interpretação dos acontecimentos” (BRANDÃO, 1997, p. 24-25). Em síntese, a ideologia para Bakhtin (2006) é dialógica; semiotizada e perpassa todas as situações de interação social, posto que “tudo o que é ideológico possui um valor semiótico. [...] Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (p. 33-34).

Dessa forma, aspectos históricos e culturais se relacionam com as ideologias, regulamentando os diferentes discursos materializados nos enunciados. Para Bakhtin (2006, p. 33), “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico”.

Outro aspecto relativo ao diálogo social entre gêneros e ideologias está acerca do conceito de gênero primário e secundário<sup>23</sup>. Bakhtin (2003) busca compreender a distinção que estabelece entre o que denomina de ‘primários’ e de ‘secundários’. O autor propõe que entendamos os gêneros primários (simples) como aqueles que funcionam sociocomunicativamente em relações dialógicas de interação em espaços regularizados pelas ideologias cotidianas, isto é, ideologias não institucionalizadas.

Os gêneros secundários (BAKHTIN, 2000; 2003), por sua vez, de acordo com o autor, se encontram legitimados por ideologias formalizadas, isto é, ideologias especializadas que surgem nas condições sociais de comunicação mais complexas nas quais os gêneros se realizam (por exemplo, o romance, da esfera da arte, os gêneros do jornalismo de jornal e de revista, tais como: a entrevista, a carta de aconselhamento, o editorial, o artigo assinado).

Bakhtin (2003, p. 263) compreende a impossibilidade de se minimizar a heterogeneidade e a diversidade dos gêneros nas diversas esferas sociais de ação mediadas pelo discurso. Essa constatação leva-nos, segundo o autor, à dificuldade de definir ou limitar a natureza dos enunciados.

---

<sup>23</sup> Rodrigues (2005, p. 168-169) pontua que “Bakhtin não formaliza taxionomias dos gêneros, a não ser a distinção que estabelece entre dois grupos de gêneros, que denomina de gêneros primários (simples) e secundários (complexos), cuja diferenciação, segundo o autor, não está assentada na diferença funcional dos gêneros. [...] A unidade de fundamento da diferenciação é histórica, assentada na concepção socioideológica da linguagem [...]”.

É sob esse parâmetro heterogêneo e plástico dos gêneros do discurso que Bakhtin (2003) postula considerações sobre a relação recíproca entre gêneros primários e secundários. Como já dito, para o autor, os gêneros primários são constituídos e funcionam sob o prisma de ideologias do cotidiano, ao passo que os gêneros secundários circulam em esferas sociais de atuação de ideologias institucionalizadas. Contudo, os gêneros secundários incorporam e reelaboram os gêneros primários, constituindo-se a partir deles nas diferentes condições de comunicação sociodiscursiva.

Em síntese, podemos compreender que os gêneros, em suas diversas esferas sociais, não são apenas histórico e culturalmente construídos, mas também estão conjugados a determinadas ideologias. Estas, por sua vez, não apenas determinam a construção discursiva do gênero, como também o espaço da interação, regularizando e (re)construindo determinadas regulamentações sociais relativamente estáveis impostas pelos variados espaços de produção, circulação e recepção dos gêneros na sociedade.

Os aspectos híbridos<sup>24</sup> dos gêneros do discurso são discutidos por Bakhtin (1998; 2003; 2006) a partir dos conceitos de intercalação e transmutação. Dessa forma, não podemos minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e o caráter genérico do enunciado. Para o autor, “a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

---

<sup>24</sup> “Cada gênero tem seu campo predominante de existência (seu cronotopos) [...]. Cada novo gênero aumenta e influencia os gêneros de determinada esfera e o seu desaparecimento se dá pela ausência das condições sociocomunicativas que o engendram [...]. Bakhtin (1997) diz que o “gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo” (RODRIGUES, 2005, p. 166).

Quanto à intercalação de gêneros, podemos compreender como a incorporação de enunciados de um gênero em um enunciado de outro gênero, como uma carta dentro de um romance. Gêneros da esfera do jornalismo ou da esfera publicística, freqüentemente, utilizam-se desse recurso para a construção da interação.

Portanto, ocorre intercalação quando enunciados de um determinado gênero estão em enunciados de outros gêneros, independente da esfera, mas sempre com relação aos horizontes interacionais. Embora, sob a perspectiva de Bakhtin, todos os enunciados são sempre atravessados por outros enunciados e pelos enunciados do outro, a intercalação se estabelece e se constitui por enunciados de um determinado gênero em relação dialógica com enunciados de outro gênero, numa dada interação social. Para Bakhtin (1998, p. 124-125),

Os gêneros intercalados podem ser diretamente intencionais ou totalmente objetivos, ou seja, desprovidos inteiramente das intenções do autor. Eles não foram ditos, mas apenas mostrados como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor, e alguns dos seus elementos podem afastar-se, de diferentes maneiras, da última instância semântica da obra<sup>25</sup>.

Rodrigues (2005) entende que os gêneros intercalados apresentam-se como um modo de introdução do discurso do outro por meio de um gênero outro, cuja função é o da construção de uma determinada orientação socioaxiológica. “O gênero intercalado é como outra janela genérica (de gênero) que se maximiza sobre um determinado gênero do discurso” (RODRIGUES, 2005, p. 180-181).

---

<sup>25</sup> Bakhtin (1998, p. 124-125) refere-se a gêneros intercalados no gênero romance, afirmando que os gêneros intercalados são “uma das formas mais importantes e substanciais de introdução e organização do plurilinguismo no romance [...]. Todos esses gêneros que entram no romance introduzem nele as suas linguagens e, portanto, estratificam a sua unidade lingüística e aprofundam de um modo novo seu plurilinguismo”.

A hibridização dos gêneros, portanto, realiza-se por processos seja transmutacionais, seja de intercalação, caracterizando os gêneros do discurso como plásticos, fluídos e dinâmicos. Sobre essa questão, para o autor, as diversas atualizações e (re)constituições dos gêneros se dá nas diferentes interações sociais, visto que a intercalação é um dos processos enunciativos no qual se pode observar a plasticidade dos gêneros. “Todas essas características dos gêneros apontam para sua relativa estabilidade, sua dinamicidade e sua relação inextricável com a situação social de interação”. (RODRIGUES, 2005, p. 169).

Os gêneros, além de sua plasticidade e fluidez, são, concomitantemente, históricos e dinâmicos, ou seja, conjugam-se às mudanças sociais e discursivas. A renovação/mudança na língua reflete-se na renovação ou destruição de gêneros do discurso nas diversas interações; por exemplo, “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 267).

A historicidade dos gêneros está pressuposta nas mudanças sociais, visto que diferentes épocas elaboram diferentes gêneros do discurso. Dessa forma, como os gêneros moldam os enunciados e como os enunciados são carregados de índices de valor e se constituem sob a perspectiva de uma determinada situação de interação, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268), colaborando para uma renovação ou destruição de gêneros em dinâmica constante.



Assim, para Bakhtin (2003), estudar o discurso é partir para a compreensão dos enunciados e dos gêneros que moldam esse discurso, pois “o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 269).

### 1.3 DISCURSIVIDADE, RESPONSABILIDADE E DIALOGISMO

A produção e a compreensão de enunciados nas diversas interações são relações dialógicas, ou seja, os enunciados se constituem e funcionam por meio das diferentes relações intersubjetivas e dialógicas que os configuram e determinam seu funcionamento nas diferentes esferas sociais de comunicação.

O enunciado como unidade real da comunicação não é uma unidade objetiva e convencional, mas discursiva e intersubjetiva, posto que os limites dos enunciados são determinados pela alteridade. Nas interações sociais, os enunciados funcionam como “um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003 p. 291). Dessa forma, compreender o dialogismo<sup>26</sup> bakhtiniano é buscar desconstruir as inter-relações enunciativas que se constroem interativamente, já que nossos enunciados mantêm relação dialógica com outros enunciados já ditos e ainda com enunciados convocados a se constituírem, isto é, os enunciados estão em constante inter-relação com enunciados outros.

---

<sup>26</sup> “O dialogismo se faz presente nas obras do Círculo de 3 maneiras distintas: (a) como princípio geral do agir [...]; (b) como princípio da produção dos enunciados/discursos [...] e (c) como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se à forma de composição monológica [...]”. (SOBRAL, 2007, p. 106).

Com isso, os enunciados se articulam como formas sociais de comunicação, que, quando relativamente tipificadas, se organizam como gêneros do discurso.

A compreensão dos enunciados é inseparável de sua situação de interação, ou seja, significações enunciativas não são fixas, impermeáveis ou abstratas, mas são essencialmente situadas socialmente. Significação e interação funcionam conjuntamente na produção de sentidos dos enunciados. Para Bakhtin (2006, p. 135-136),

A multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra [...]. Sua significação é inseparável da situação concreta em que se realiza. Sua significação é diferente a cada vez, de acordo com a situação. [...] A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar [...]. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras novas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. [...] na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor [...].

Em *O Problema do Texto na Lingüística, Filologia e Outras Ciências Humanas*, Bakhtin (2003, p.323) revisita o aspecto dialogizante do discurso, discutindo que as relações dialógicas do discurso são apenas possíveis a partir de enunciados integrais de determinados sujeitos desse discurso. São relações que não estão reduzidas às relações lógicas (sintático-composicionais). Onde não há discurso não há relações dialógicas, ao passo que estas não podem ser constituídas por meio de objetos ou grandezas lógicas.

É sob essa perspectiva que Bakhtin apresenta aspectos sobre autoria e discursividade bivocalizada. O discurso bivocal é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano do discurso, especificando que o discurso bivocal orienta-se para o objeto do discurso como também para o discurso do outro.

Essa dupla orientação do discurso materializa-se nos enunciados e, por conseguinte, pressupõe uma autoria enunciativo-discursiva. “A palavra como ato [...]. A sensação de si mesmo e do outro na palavra” (BAKHTIN, 2003, p. 320). Segundo pressupostos de Bakhtin (2002; 2003; 2006), todo sujeito se constitui a partir da interação que estabelece com o outro, isto é, é a interação que se processa entre o eu e o outro que define o eu como sujeito. O autor argumenta que é a partir do discurso do outro que o sujeito se constitui na sociedade. Além disso, Bakhtin (2002; 2003; 2006) afirma que a tomada de consciência do sujeito quanto ao seu discurso e seu papel também se dá a partir dessa interação dialógica intersubjetiva do eu com o outro.

Para Bakhtin (2003)

[...] avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro – para nós mesmos esse valor não existe imediatamente [...]. Consideramos o fundo às nossas costas, isto é, tudo o que nos rodeia, o que não enxergamos imediatamente, não conhecemos e não tem para nós importância axiológica direta, mas, pelo visto, é significativo e conhecido aos outros, o que vem a ser uma espécie de fundo em que os outros nos percebem axiologicamente, no qual nos manifestamos para eles [...]. (p. 13-14).

Dessa forma, o discurso implica dialogismo e responsividade<sup>27</sup>, visto que “a palavra é interindividual” (BAKHTIN, 2003, p. 327) e todo discurso pressupõe audibilidade. O discurso materializado na forma de enunciados é compreendido dialogicamente, isto é, a compreensão dos enunciados se dá a partir de suas relações dialógicas com outros enunciados e da relação de responsividade do locutor frente aos enunciados que produz e compreende.

Para Bakhtin (2003), “a compreensão<sup>28</sup> responsiva do sentido do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (p. 332). Em suma, a compreensão dos enunciados e das relações entre eles é dialógica e demanda responsividade, posto que “a compreensão do enunciado pleno é sempre dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 331).

Após a breve discussão acerca dos conceitos basilares que sustentam a pesquisa, partimos para a seção a qual se apresentam (a) considerações acerca da apresentação da proposta do método sociológico de Bakhtin e a (b) a contextualização dos jornais cujas notícias constituem nossos dados de pesquisa.

---

<sup>27</sup> “O Círculo não aceita que as categorias de percepção e/ou de pensamento possam existir fora da situação concreta dos sujeitos que percebem e/ou pensam ou que existam em sua consciência entendida como instância a-social e a-histórica”. (SOBRAL, 2007, p. 106).

<sup>28</sup> “A busca da compreensão das formas de produção do sentido, da significação, e as diferentes maneiras de surpreender o funcionamento discursivo impeliram Bakhtin na direção de uma estética e de uma ética da linguagem que, mesmo tendo nos estudos a respeito de Rebelais e Dostoiévski um elevado grau de sistematização e, no gênero romance, o ápice da elaboração, não deixaram de examinar também a sistematicidade do discurso cotidiano, contribuindo, portanto, para uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e de seus estudos. Se os termos sentido e significação têm, para os estudos lingüísticos em geral, diversas possibilidades de enfoque, no quadro da produção de Bakhtin, tanto nas obras que são por ele assinadas quanto nas que lhe são atribuídas apesar das várias assinaturas, a dificuldade de situar esses conceitos é bastante grande, levando-se em conta o fato de Bakhtin ter diante do mundo e particularmente diante da linguagem uma postura que articula estética, ética e diferentes pressupostos filosóficos, não permitindo que suas reflexões sobre o sentido sejam sistematizadas unicamente sob uma perspectiva lingüística ou mesmo lingüístico-literária” (BRAIT, 2005, p. 87-88).

A interação verbal constitui  
assim a realidade  
fundamental da língua  
(BAKHTIN, 2006, p. 127).

## II METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa e organiza-se a partir de duas seções (a) discussão acerca do o método sociológico de Bakhtin que subsidia essa pesquisa e (b) contextualizações sobre os jornais que foram selecionados os enunciados do gênero para investigação. Assim, a partir da inserção desta pesquisa no grupo de pesquisa “Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análise de gêneros” que se integra a duas linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Lingüística da UFSC, a nomear, “Texto e Ensino” e “*Corpora* e Gênero: Análises e Aplicações”, este trabalho tem como objetivo geral apresentar uma análise descritivo-interpretativa do gênero notícia, visando à compreensão de seu funcionamento e constituição na esfera social do jornalismo impresso.

Com base nesse objetivo, a pesquisa do gênero notícia seguiu os referenciais metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD) propostas por Bakhtin e ancoradas em sua concepção dialógica da linguagem. Objetivamos, dessa forma, uma análise sociológica das formas da língua, partindo de sua dimensão social para se chegar à dimensão lingüística, posto que “as formas e os tipos de interação verbal [estão] em ligação com as condições concretas em que se realizam” (BAKHTIN, 2006, p. 126).

Em síntese, para proceder à análise dos dados, procuramos seguir um estudo de gêneros do discurso de cunho dialógico, analisando seus enunciados a partir de um panorama discursivo, valorativo e ideológico.

## 2.1 O MÉTODO SOCIOLÓGICO DO CÍRCULO DE BAKHTIN – POSTURA DISCURSIVA FRENTE AO *CORPUS* DIALÓGICO

O estudo acerca dos enunciados do gênero jornalístico notícia da mídia impressa baseia-se no método sociológico do Círculo de Bakhtin, revisitando considerações, dentro dessa mesma perspectiva epistemológica, propostas por Rodrigues (2001) sobre as dimensões social e verbal dos gêneros do discurso e Rojo (2005) em relação à análise de práticas sociais de uso da linguagem em situações de interação específicas. As considerações teórico-metodológicas de análise do uso da linguagem postuladas por Bakhtin (2006, p. 128-129) seguem as etapas a seguir:

1. As formas da língua e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, e, ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Sob esse panorama sociológico, Rodrigues (2001) apresenta a proposta de análise dos gêneros do discurso a partir de suas dimensões social e verbal. Com etapas e dimensões inter-relacionadas, a autora propõe que investiguemos a dimensão social do gênero, compreendendo, por exemplo, sua esfera social de produção, distribuição e circulação (no caso dos gêneros jornalísticos); sua situação social de interação, constituída pela confluência entre os horizontes temporal, espacial, temático e axiológico; sua concepção de autoria e de interlocutor, entre outros aspectos constituintes e funcionais da construção social do gênero em estudo.

Quanto à análise da dimensão verbal do gênero, Rodrigues (2001) pontua que estudemos seu conteúdo temático; seu estilos e suas projeções dialógico-estilístico-composicionais; sua arquitetônica e composicionalidade; sua extensão/materialização textual entre demais instâncias enunciativo-discursivas do gênero selecionado para pesquisa. Em adição, a pesquisa pretende inter-relacionar a análise do gênero notícia com a proposta de Rojo (2005), que busca sintetizar na descrição e na interpretação dos dados as relações entre os elementos da situação de comunicação, as práticas de linguagem e gêneros do discurso. Segundo a autora

[...] A ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seus *interlocutores* e *temas* discursivos –, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 199).

Dessa forma, buscaremos compreender as regularidades enunciativo-discursivas que engendram e se engendram na constituição e no funcionamento do gênero jornalístico notícia na mídia impressa, objetivando entender a relativa estabilização linguístico-enunciativa do gênero, mas entendendo, sobretudo, que “estas [as regularidades] serão devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica” (ROJO, 2005, p. 199).



Passemos, após a apresentação das particularidades e percurso metodológicos, à seção que tem por objetivo contextualizar os jornais pesquisados, apresentando informações gerais sobre a instituição e a circulação dos jornais pesquisados.

## 2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS JORNAIS

Apresentam-se nesta seção dados e particularidades dos jornais selecionados para a pesquisa acerca do gênero notícia. Retomamos que as informações apresentadas a seguir foram retiradas de sites de busca e dos sites institucionais dos respectivos jornais<sup>29</sup>.

Os fatores norteadores da escolha dos jornais foram os seguintes: (a) representatividade sociojornalística – são jornais de circulação nacional (*O Estado de S. Paulo*) e estadual (*Zero Hora*; *Correio do Povo*; *Diário Catarinense*); (b) periodicidade – são jornais de circulação diária; (c) público-leitor<sup>30</sup> – jornais com representatividade nacional e estadual, apresentando assuntos diversificados e com perfis de leitores aproximados – classes A, B e C; (d) posição socioaxiológica – jornais cujas instituições representam posições axiológicas e ideológicas distintas (*Zero Hora* e *Diário Catarinense* pertencem ao Grupo RBS, que é filiado à Rede Globo; *Correio do Povo* pertence à Central Record de Comunicação e *O Estado de S. Paulo* pertence à S.A O Estado de São Paulo).

---

<sup>29</sup> Durante a busca de referencial teórico, constatou-se a dificuldade de encontrar pesquisas acadêmicas específicas sobre os jornais selecionados para esta pesquisa. Tendo em vista esta dificuldade, foram consultados os sites institucionais dos referidos jornais.

<sup>30</sup> Esta questão será discutida na seção 3.3.2.

Já no processo de escolha e de seleção das notícias, optamos por aquelas contidas na seção 'Geral' dos jornais *Zero Hora*, *Correio do Povo* e *Diário Catarinense* e na seção 'Nacional' do jornal *O Estado de S. Paulo*. Essas seções – 'Geral' e 'Nacional' – foram selecionadas, por se acreditar que as notícias nelas contidas possibilitassem uma investigação multifacetada desse objeto complexo - o gênero notícia -, viabilizando o estudo de suas regularidades (locais e não universais) a partir de enunciados de linhas editoriais diferenciadas, de posições axiológicas distintas e de assuntos diversificados (que é uma das características das notícias publicadas nessa seção).

Por investigação multifacetada de um objeto de investigação complexo entendemos a postura epistemológica relativa à construção do objeto e à posição do investigador em relação a esse objeto. Com isso, nessa pesquisa, compreendemos que os objetos são complexos e heterogêneos porque são “multidimensionais, dinâmicos, não saturáveis e inscritos em múltiplas redes e múltiplos recortes espaço-temporais, comportando a disjunção [...]” (SIGNORINI, 2004, p. 8). Assim, na busca de compreensão sobre a constituição e o funcionamento do gênero jornalístico notícia, concordamos com Bunzen (2005, p. 17) que a pesquisa “encontra-se, então, mais interessada em regularidades locais (e não universais) e nas relações contingenciais (e não estáticas) e retoma-se Signorini (1998, p. 103) posto que se busca um percurso metodológico “por ações orientadas mais por um plano que por um programa fixo pré-montado, por ações orientadas e gradativamente reorientadas em função dos meios e interesses [...]”.

A partir desse paradigma epistemológico, passa-se às discussões acerca dos jornais selecionados para a pesquisa.

Os jornais serão descritos seguindo os parâmetros de circulação e, posteriormente, de fundação. Dessa forma, serão, primeiramente, apresentadas informações acerca do jornal *O Estado de S. Paulo*, de circulação nacional. Em um segundo momento, serão apresentadas informações sobre os jornais *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Diário Catarinense* ambos de circulação estadual. Optamos por essa ordem, à medida que o jornal *Correio do Povo* é, dentre os jornais de circulação estadual dessa investigação, o de fundação mais antiga, datada de 1895.

### **2.2.1 O Jornal O Estado De S. Paulo**

O jornal *O Estado de S. Paulo* foi fundado em 4 de janeiro de 1875 por Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos. Criado a partir dos ideais republicanos, na época de sua fundação, o jornal chamava-se *A Província de São Paulo*. Segundo dados da página institucional do jornal na Internet<sup>31</sup>, quando surgiu, o jornal possuía apenas quatro páginas e uma tiragem aproximada de 2.025 exemplares.

Ao longo de sua história, o termo *Província* foi conservado até 31 de dezembro de 1889, um mês após a queda da monarquia e instituição da República no Brasil. No final do século XIX, o jornal *O Estado de S. Paulo* já se apresentava como o maior jornal do estado de São Paulo, superando seus concorrentes, dentre eles, o jornal *Correio Paulistano*.

---

<sup>31</sup> [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br). Acesso em 16/06/2008.

*O Estado de S. Paulo* pertence ao Grupo Estado – S.A. O Estado de S. Paulo - cujo presidente é Roberto Mesquita e o diretor é Ricardo Gandour. Além do jornal *O Estado de S. Paulo*, o Grupo Estado publica o *Jornal da Tarde* (fundado em 1966) e detém controle sobre a *O Estado de S. Paulo Mídia* (desde 1984).

Além dos jornais citados acima, pertence ao Grupo Estado as rádios *Eldorado AM e FM* e a *Agência Estado*, maior agência de notícias do país.

*O Estado de S. Paulo* é um jornal de periodicidade diária, de formato *standard* e de sede em São Paulo – SP. Sua circulação é nacional, com uma média diária de aproximadamente 250 mil exemplares. Em adição, é considerado o 1º jornal na região da Grande São Paulo, alcançando uma média de venda de 159,9 mil exemplares. Seus leitores pertencem às classes A e B (média de 66%) e C (aprox. 28%). O jornal *O Estado de S. Paulo*, além de sua versão impressa, possui notícias publicadas *online* em seu *website*: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br).

### **2.2.2 O Jornal *Correio Do Povo***

Fundado em 1º de outubro de 1895 por Caldas Júnior, foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre – RS, circulando por 89 anos ininterruptamente, até 1984, reiniciando sua publicação em 1986.

Segundo dados históricos apresentados na página institucional do jornal na Internet<sup>32</sup>, a primeira edição do *Correio do Povo* saiu em quatro páginas e 2 mil exemplares. Pouco mais de três anos depois, já eram 4, 5 mil exemplares. Entretanto, com a morte prematura de seu fundador em 1913, o jornal passou por dificuldades econômicas, que só cessaram em 1935, quando a direção da Companhia Jornalística Caldas Júnior foi assumida por seu filho, Breno Alcaraz Caldas, nela permanecendo mais de 50 anos.

Atualmente, o jornal *Correio do Povo* pertence à Central Record de Comunicação, controlada pelo empresário Edir Macedo, juntamente com outras empresas do grupo: as rádios *Guaíba AM* e *FM*. A Central Record de Comunicação foi fundada em 09 de novembro de 1989 e é um grupo de mídia que aglomera diversos veículos de comunicação, a saber, *Rede Record*, *Record News*, *Rede Família*, *Rádio Record*, *Rádio Guaíba* e *Rádio Sociedade*.

O *Correio do Povo* é um jornal diário, de formato tablóide e de sede em Porto Alegre – RS. Sua circulação média estadual é de aproximadamente 80 mil exemplares nos dias úteis e cerca de 154 mil aos domingos, sendo considerado o 2º jornal gaúcho em tiragem e o 8º brasileiro. Seus leitores pertencem às classes A e B (68%) e C (28%) com um grande número de leitores com faixa etária acima de 25 anos. O *Correio do Povo* é editado pela Central Record de Comunicação, possuindo versão impressa e *online*.

---

<sup>32</sup> [www.correiodopovo.com.br](http://www.correiodopovo.com.br). Acesso em 16/06/2008.

### **2.2.3 O Jornal Zero Hora**

O jornal *Zero Hora* foi fundado em 04 de maio de 1964 por Maurício Sirotsky Sobrinho em Porto Alegre – RS. Editado em Porto Alegre pela Zero Hora Editora Jornalística S.A. e mantido pelo Grupo Rede Brasil Sul (Grupo RBS).

O Grupo RBS é um grupo de mídia regional que atua no sul do Brasil, mais especificamente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e em algumas regiões do Paraná. Nestes estados, a RBS conta com oito jornais, um portal da Internet, três emissoras de rádio e uma empresa de marketing. Além disso, possui 18 emissoras de televisão afiliadas à Rede Globo. O Grupo RBS foi fundado em 31 de agosto de 1957 por Maurício Sirotsky Sobrinho, operando atualmente nas áreas de rádio, televisão, jornal, Internet, serviços de informação e uma fundação social.

Ao longo de sua publicação, sofreu diversas modificações em seu *layout*. Nos anos de 1970, o nome passa a ser apresentado em espaço menor, pouco destacado em suas edições. Dezoito anos depois, o jornal passa de produção artesanal para produção padrão. Mas é em 1994 que o nome adquire formato retangular e recebe um espaço de destaque nas edições, o que permanece até hoje. Em 1996, a edição e produção do jornal passam ser digitais.

O jornal *Zero Hora* é um jornal diário, de formato tablóide e de sede em Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul. Sua circulação média mensal é de aproximadamente 100 mil exemplares, ocupando atualmente a 7ª colocação nacional. Seu público-alvo pertence às classes A e B (65%) e C (30%), compreendendo intelectuais, empresários, políticos e estudantes. Atualmente

#### **2.2.4 O Jornal *Diário Catarinense***

O *Diário Catarinense* começou a circular em 05 de maio de 1986 como o último projeto idealizado de Maurício Sirostky Sobrinho. Primeiro jornal informatizado da América Latina e primeiro jornal do estado de Santa Catarina a utilizar fotos coloridas, pertence ao Grupo RBS<sup>33</sup> desde sua fundação.

O *Diário Catarinense* é um jornal diário, de formato tablóide e de sede em Florianópolis – SC. Sua circulação média mensal é de aproximadamente 38 mil exemplares em dias úteis e cerca de 60 mil aos domingos. Seu público-alvo pertence às classes A e B (60%) e C (33%) com um grande número de leitores na faixa etária entre 15 e 24 anos (24%) e 25 a 39 anos (35%). Sua circulação é estadual. O *Diário Catarinense*, além do jornal impresso, possui sua versão *online* no *website*: [www.diario.com.br](http://www.diario.com.br).

Após a busca de compreensão das especificidades acerca das instituições empresariais dos jornais, apresentamos considerações acerca da esfera sociodiscursiva do jornalismo e sobre o gênero notícia, revisitando aspectos teórico-metodológicos da TJ e da ADD.

---

<sup>33</sup> Ver explicações sobre o Grupo RBS na seção anterior intitulada 'O jornal *Zero Hora*'.

A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta (BAKHTIN, 2006, p. 128).



### III A DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO NOTÍCIA

Este 3º capítulo organiza-se a partir das seguintes seções: (a) a esfera social do jornalismo sob a perspectiva da TJ, que objetiva apresentar discussões epistemológicas para a compreensão da notícia a partir do panorama de estudos em jornalismo; (b) a esfera social do jornalismo sob a perspectiva da ADD, que se subdivide nas seções – ‘o jornalismo de jornal impresso – esfera e ideologia’, que busca compreender como funciona a esfera na qual circulam os gêneros jornalísticos impressos; ‘o discurso da notícia’, que objetiva apresentar uma discussão sobre discurso da notícia e sobre a ética da informação; (c) gênero notícia e cronotopo<sup>34</sup>, que relaciona gênero e sua portada-entrada espaço-temporal; (d) gênero notícia e questões de autoria, que busca discutir a posição discursiva de autor na notícia; e (e) público-leitor, que procura compreender o leitor previsto<sup>35</sup> neste gênero

#### 3.1 A ESFERA SOCIAL DO JORNALISMO E O GÊNERO NOTÍCIA NA VOZ DA TEORIA DO JORNALISMO (TJ)

O processo de produção da informação jornalística, os acontecimentos jornalísticos, os critérios de noticiabilidade na seleção e no tratamento da notícia dentre outras considerações teórico-aplicadas são objetos de investigação da Teoria do Jornalismo (TJ) (KATZ, 1993; PENA, 2007; PONTE, 2004; DUARTE RODRIGUES, 2002; SILVA, 2005; TRAQUINA, 2001).

---

<sup>34</sup> Retomamos que os horizontes temático e axiológico serão discutidos no capítulo 4.

<sup>35</sup> Retomamos que algumas considerações sobre público-leitor já foram apresentadas na seção 2.2 desta pesquisa.

Busca-se, na TJ, entender os valores-notícia; o processo produtivo da notícia, considerando aspectos diversos como questões pessoais, organizacionais, extra-organizacionais e da cultura profissional; a relação com as fontes e os condicionamentos econômicos e políticos dentro e fora da redação. Sobre essa questão, Ponte (2004) pontua que estudar o jornalismo é necessariamente interrogá-lo, em adição à TJ, a partir de diferentes perspectivas - da sociologia, da história, da ciência política, dos estudos da linguagem - para não se reduzir a uma visão singular e unidirecional desse campo.

Dessa forma, objetivando investigar a TJ no campo científico, a primeira questão que teóricos da TJ levantam é a especificidade do conceito de jornalismo. Melo (1994, p. 7-8 *apud* RODRIGUES, 2001, p. 75), a esse respeito, apresenta discussões sobre a dificuldade de conceituação. Segundo o autor,

Mais de um século de pesquisa sistemática sobre os fenômenos jornalísticos não foi suficiente para permitir uma precisão conceitual sobre essa atividade da comunicação coletiva. Pode parecer paradoxal que o avanço do conhecimento científico a respeito da informação de atualidades nos meios de difusão não tenha logrado rigor conceitual, exatidão analítica. Parece, mas não é. Porque o progresso da pesquisa mantém-se [sic] descompassado em relação às mudanças vertiginosas do próprio campo. Muitas vezes quando as universidades ou institutos de investigação apreendem certos fenômenos, interpretam-nos e concebem princípios que explicam sua configuração estrutural ou funcional, a realidade já ultrapassou e mudou sua fisionomia. A justificativa não está apenas nas circunstâncias de que são fenômenos sociais e, portanto, dinâmicos, mas na essência mesma do jornalismo que se nutre do efêmero, do provisório, do circunstancial, e por isso exige do cientista maior argúcia na observação e melhor instrumentação metodológica para que não caia nas malhas do transitório.

Sob esse panorama transdisciplinar de estudos da TJ, Duarte Rodrigues (2002) pontua, dentre outras questões, aspectos relativos ao acontecimento que gera a notícia. Para o autor, o acontecimento apresenta-se como a referência e como o efeito de realidade do que será noticiado, posto que “acontecimento é tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais” (DUARTE RODRIGUES, 2002, p. 27). O autor pontua que

O acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades da ocorrência, sendo tanto mais previsível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da maior ou menor previsibilidade que um fato adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades têm de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico. (DUARTE RODRIGUES, 2002, p. 27).

Outro aspecto relevante acerca da notícia são os critérios de noticiabilidade. Silva (2005) apresenta-os sob a ordem de três instâncias – (a) critérios de noticiabilidade na origem do fato; (b) critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos e (c) critérios de noticiabilidade na visão dos fatos. Por noticiabilidade<sup>36</sup>, teóricos da TJ postulam que compreende “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia” (SILVA, 2005, p. 96) desde caracterizações do acontecimento a aspectos relativos à qualidade do material (visual e verbal), relações com as fontes e com o público-leitor, fatores éticos, históricos, políticos, econômicos e sociais.

---

<sup>36</sup> “As buscas por respostas à pergunta sobre como acontecimentos se transformam em notícia têm contribuído, ao longo das quatro décadas, para a consolidação de fundamentos importantes no campo das teorias da notícia e do jornalismo. No entanto, o uso de conceitos comuns entendidos de maneira muito diversa tem dificultado a sistematização de idéias basilares no estudo da produção noticiosa [...]. É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade (*newsworthiness*) [...]”. (SILVA, 2005, p. 96).

Quanto ao critério de noticiabilidade na origem dos fatos, a autora conceitua-os como atributos típicos e próprios que se caracterizam como seleção primária dos fatos e valores-notícia<sup>37</sup>. Valor-notícia, por sua vez, Silva (2005) define como “atributos que orientam a seleção primária dos fatos e [...] a seleção hierárquica desses fatos na hora do tratamento do material dentro das redações” (SILVA, 2005, p. 97). A relevância dos critérios de noticiabilidade está de acordo com a constatação de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação de uma infinidade de acontecimentos.

Acerca do critério de noticiabilidade no tratamento dos fatos, Silva (2005) centra-se na seleção hierárquica dos fatos e na produção da notícia. A autora pontua que, nesse critério, além dos valores-notícia dos fatos selecionados, fatores internos da redação como formato do produto, qualidade do material jornalístico (verbal, visual, multimodal), prazo e fechamento, infra-estrutura e tecnologia são, em adição, retomados.

No critério de noticiabilidade na visão dos fatos, segundo a autora, a preocupação está com a objetividade, a verdade e o interesse público. Essas instâncias (a objetividade, a verdade e o interesse) orientam as ações das etapas anteriores, não estando desvinculadas dos 3 critérios postulados, posto que estes funcionam concomitantemente. Percebemos, dessa forma, que diversos são os aspectos teórico-metodológicos que fundamentam a epistemologia da TJ e que se inter-relacionam na constituição das notícias na esfera do jornalismo impresso.

---

<sup>37</sup> Valores-notícia evoluem com o tempo, não se constituem, pois, como arquétipos imutáveis. Dentre várias categorias Silva (2005) cita o impacto (pessoas envolvidas e afetadas), o conflito, a polêmica, a proeminência, a curiosidade, o conhecimento e a proximidade com valores-notícia para operacionalizar as análises dos acontecimentos noticiáveis. Essa questão será retomada na apresentação dos resultados da análise do gênero notícia nos capítulos posteriores.

Pontes (2005), sobre essa questão, afirma que compreender o jornalismo é encarar as realidades sociais como construções sócio-históricas que interativamente envolvem sujeitos em suas dimensões individuais e coletivas. Para a autora, da relação do jornalismo com a construção da realidade sócio-histórico-cultural, surgem duas vertentes: (a) o jornalismo investigativo, cuja orientação provém da denúncia e de uma apuração objetiva de problematizações de cunho político, econômico dentre outros; (b) o novo jornalismo, que aposta na capacidade de fazer leitura do mundo e apreender a realidade pelas dimensões estéticas e emotivas.

Pontes (2005) pontua que o jornalismo de investigação apresenta manifestações no século XX associadas a questões de compromisso social e aspectos relacionados ao poder. Nessa vertente, procuram-se compreender as realidades sociais como construções sócio-históricas e ideologicamente saturadas que, de modo dinâmico e interativo, envolvem sujeitos ou grupos. O espírito de denúncia contra questões político-sociais é visível e temática recorrente.

O novo jornalismo, por sua vez, caracteriza-se pela (a) seleção das fontes e informações que extrapolam perspectivas oficiais; (b) relação diferenciada entre o tempo da história e o tempo da narrativa; (c) profusão de vozes ou diálogos; (d) adequação dos acontecimentos à realidade, “construindo um quadro de coerência nos limites do verossímil, numa estética de intensa proximidade entre leitores, personagens e ações reportadas” (PONTE, 2005, p. 36). A partir dessa contextualização sobre a TJ, discutiremos as caracterizações da notícia no jornalismo impresso.

No jornalismo diário, a confluência entre os processos de observação, de interpretação e de tratamento do fato jornalístico gera a notícia. A respeito da notícia no jornalismo impresso, Charaudeau (2006) postula que o discurso da informação do gênero notícia constrói-se a partir de fatos e acontecimentos que, consubstancialmente, desdobram-se na captação, restrição, seleção e apresentação das diversas ocorrências por meio da linguagem. A esse respeito, segundo Lage (2005, p. 16), o gênero notícia define-se como

O relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los.

Por outro lado, a noção de notícia acaba integrando-se a duas perspectivas: (a) a notícia concebida como espelho da realidade e (b) a notícia entendida como construção social dessa realidade. As discussões acerca da notícia como espelho do real, concepção tradicional na TJ, apresenta a objetividade como ponto-chave da prática jornalística.

Sendo a objetividade compreendida como imparcialidade, o que se assume dentro dessa abordagem é a notícia como o próprio fato, isto é, a notícia concebida como idônea, verdadeira, neutra e imparcial.

Já a visão da notícia como construção social da realidade, por sua vez, trata de estudar a notícia com base nas ações dos informadores e das organizações dos meios de comunicação. A notícia não é concebida como um fato em si, mas compreendida como uma construção orientada por paradigmas sociais, ideológicos e institucionais (DAMLMASO & SILVEIRA, 2003).

Traquina (2001) pontua que a teoria do espelho, que defende a idéia de que as notícias são como são porque a realidade assim as determina, apresenta-se pobre, incoerente e não questiona a integridade dos profissionais. Essa abordagem, de acordo com o autor, descarta jornalistas e empresas de qualquer responsabilidade ética quanto aos desdobramentos da notícia, justificando-a como isenta de qualquer manipulação. No âmbito da teoria denominada socioconstrutivista, o autor afirma que o fato a ser noticiado ganha vida, posto que a notícia constrói o acontecimento e constrói a realidade; a notícia é vista como resultado de um processo de produção, definido e constituído por valores, pontos de vista e posicionamentos.

Por outro lado, para Fontcuberta (1993, p. 12), a “notícia é uma forma de ver, perceber e conceber a realidade. É um autêntico sistema social [...] que lança pistas sobre o mundo que nos cerca”. Dentre essas discussões, percebemos que diversas são as definições da notícia na TJ, apontando seja seu caráter estrutural e retórico, seja seu caráter social e ideológico de constituição e funcionamento.

Alsina (1993, p. 185), por exemplo, enfatiza, sob um panorama semiótico, a notícia como um produto da indústria denominada informativa, discutindo que “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”.

Marcondes Filho (1993) define a notícia, sob a perspectiva do jornalismo, como produção social condicionada pelo capitalismo. Para o autor, no Brasil e no exterior, a notícia é a alma do jornalismo, à medida que

Notícia é a informação jornalística transformada em mercadoria, com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, é a informação que se adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 13).

Além disso, segundo a perspectiva dos estudos das mídias de Charaudeau<sup>38</sup> (2006), o discurso do gênero notícia engendra-se a partir da confluência de movimentos *co-temporais, espaciais e hierárquicos*, posto que, segundo o autor (2006, p. 132), “isso significa que, no mesmo instante em que se dá a notícia, ela é tratada sob uma forma discursiva que consiste a grosso modo em: descrever o que se passou, reportar reações e analisar fatos”.

Quanto à caracterização co-temporal, o gênero notícia objetiva apresentar acontecimentos que se situam na atualidade, constituindo seu caráter de co-temporalidade e instituindo a factualidade de seu discurso. Para Charaudeau (2006),

A noção de atualidade é de importância central no contrato midiático, tanto que se pode dizer que é ela que guia as escolhas temáticas<sup>39</sup>. Isso explica duas características essenciais do discurso de informação midiático: sua efemeridade e sua a-historicidade. (p. 134)<sup>40</sup>.

A efemeridade da notícia está no aspecto de sua duração; ela só possui existência quando inscrita em uma atualidade, quando renovada por fatos que estejam inclusos no contínuo atual. No jornal, as notícias emergem diariamente de acordo com a fundamentação que apresentam na co-temporalidade atual. “Com efeito, a notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova de pelo menos um elemento novo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 134).

---

<sup>38</sup> Este autor não pertence ao grupo de estudiosos da TJ, mas suas contribuições acerca de estudos de discursos jornalísticos tornam-se relevantes para esta pesquisa.

<sup>39</sup> Tema para Charaudeau (2006) refere-se a assunto, tópico ou especificação temática, diferente de Bakhtin (2003) cujo conceito se refere ao objeto de sentido do gênero sempre valorado na interação.

<sup>40</sup> Charaudeau (2006) discute essas proposições para a mídia em geral. Contudo, essas afirmações servem, em adição, à notícia.



Em concomitância à efemeridade, a a-historicidade da informação se processa a partir da sucessão e linearidade da notícia. Para Charaudeau (2006, p. 134), essa a-historicidade caracteriza-se como uma transmissão da informação de forma emergencial, fazendo com que, uma vez o ato sendo concluído, produzir-se-á um determinado vazio que acaba sendo preenchido rapidamente por outra informação emergencial. Assim, para Charaudeau (2006), de vazios e emergências constrói-se a atualidade, a partir de uma sucessão de notícias novas, com alto grau de informatividade e com certa caracterização emergencial.

Quanto aos aspectos espaciais, estes projetam a referencialidade do gênero notícia e possuem o objetivo de reportar fatos de amplitudes próximas ou longínquas à instância de recepção<sup>41</sup> das informações. Dessa forma, “o afastamento espacial do acontecimento obriga a instância midiática a se dotar de meios para descobri-lo e alcançá-lo”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 135).

A amplitude próxima confere à notícia um caráter de interesse, posto que “as representações profissionais postulam que um acontecimento próximo interessa mais de perto ao cidadão<sup>42</sup>”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 136). Por sua vez, os critérios de importância, ou seja, a hierarquia dos acontecimentos, operam-se na esfera do jornalismo, por meio do mapeamento do público-leitor e do recorte do acontecimento que será relatado.

---

<sup>41</sup> Quanto à instância de recepção, Charaudeau (2006) apresenta dois pontos de vista: (a) o destinatário-alvo e (b) o receptor-público. Quanto ao destinatário-alvo, o autor postula que há uma inter-relação entre o alvo-intelectivo (capaz de avaliar e selecionar informações quanto ao seu interesse) e alvo-afetivo (não avalia as informações de modo racional, mas apenas por reações de ordem emocional) e é nessa interação que se constitui a opinião pública.

<sup>42</sup> Charaudeau (2006) refere-se às informações apresentadas no *Guide de Rédaction* editado pela CFPJ (1992), que afirma que “a proximidade geográfica é um dos principais fatores de apreciação da importância de uma notícia.” (p. 136).

Para Charaudeau (2006), “os critérios externos estão voltados para o modo de aparição do acontecimento<sup>43</sup>, sendo que este pode ser de três tipos” (p. 137): (a) o acontecimento surge em sua factualidade; (b) o acontecimento é programado e (c) o acontecimento é suscitado.

Acontecimentos que surgem em sua factualidade possuem caráter inesperado e, por isso, são denominados de acontecimentos-acidente e não estão diretamente relacionados às expectativas sociais.

O acontecimento programado apresenta-se inter-relacionado com a organização e com o desenvolvimento social; “trata-se, aqui, de um advento, isto é, da aparição de algo conhecido ou anunciado antecipadamente, logo, esperado, como as manifestações esportivas, culturais, etc”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 138). Quanto aos acontecimentos suscitados, estes são provocados ou esperados por setores institucionais que fazem “pressão junto às mídias com fins estratégicos [...]. Coloca-se aqui um problema de manipulação na origem do acontecimento, o que põe as mídias numa posição desconfortável” (CHARAUDEAU, 2006, p. 138).

Em síntese, podemos afirmar que a mídia recorta e reorganiza os acontecimentos a partir de diferentes processos, sejam internos (critérios de co-temporalidade e de amplitude espacial), sejam externos (a tipologia de acontecimentos). Acerca dessas considerações relativas aos discursos da mídia, com relação à notícia, Lage (2005) afirma que a notícia se constrói a partir de três fases: (a) a seleção dos eventos; (b) a ordenação dos eventos e (c) a nomeação.

---

<sup>43</sup> Retomam-se as discussões de Rodrigues (2002) sobre o acontecimento na notícia – considerações apresentadas no início desta seção.

De acordo com o autor (2005, p.21), o processo de seleção dos eventos acontece numa seqüência temporal, porém “a importância de cada evento será aferida em função do evento principal da série”. A ordenação dos eventos objetiva apreender o contato e a atenção dos interlocutores, enfatizando e fixando-se a partir do evento central, isto é, do evento mais interessante e importante para o público-leitor.

Por fim, a nomeação dá-se a partir da atribuição de nomes correspondentes e compromissados aos fatos que fazem parte dos eventos. Sumariamente, Lage (2005) afirma que

O universo das notícias é o das aparências do mundo; o noticiário não permite o conhecimento essencial das coisas, objeto do estudo científico, da prática teórica, a não ser por eventuais aplicações a fatos concretos. Por detrás das notícias ocorre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam. (p. 23).

Outro aspecto discutido por Lage (2005) acerca da construção da notícia na mídia do jornalismo impresso são os recursos lingüísticos de que o redator se utiliza para apresentar, relatar e explicar os fatos/acontecimentos. O jornalismo noticioso geralmente impõe o uso vocabular e sintático coloquiais aos limites do que se considera correto à abrangência de circulação e distribuição do veículo. “Normas de redação adicionais impedem o uso estilístico<sup>44</sup> (intencionalmente significativo) de notações como as vírgulas; suprimem pontos de exclamação, reticências, etc.” (LAGE, 2005, p. 23).

---

<sup>44</sup> O conceito de *estilo* de Lage (2005) difere do sentido proposto e explicado por Bakhtin (2000; 2003). Aqui, nesta seção, apenas explana-se sobre as proposições teóricas da Teoria do Jornalismo a fim de apresentar suas considerações acerca da notícia de acordo com a proposta inicial de uma pesquisa transdisciplinar, posto que é importante, em adição às considerações da Lingüística, apreendermos considerações teórico-metodológicas do campo teórico-metodológico cujo objeto de estudo é a esfera social na qual os dados desta pesquisa circulam e se constituem.

Acerca das discussões de Lage (2005) sobre uso de recursos lingüísticos para apresentação e explicação dos fatos, o autor enfatiza a questão da impessoalidade do redator. De acordo com o autor, o redator da notícia não possui conhecimento empírico do público-leitor, mas normalmente, uma posição estatística da amplitude de circulação e de distribuição do veículo.

Para o autor, “a impessoalidade do redator - ou do complexo redatorial, uma vez que a notícia é freqüentemente reescrita, condensada, traduzida, submetida a critérios de edição – tem implicações de ordem semântica” (LAGE, 2005, p. 23-24).

Em conjugação com as estratégias de seleção dos fatos (CHARAUDEAU, 2006) e ordenação dos eventos (LAGE, 2005), Lage (2005) recupera a heterogeneidade de notícias, pontuando que “é comum produzirem-se, tanto em jornais quanto em assessorias de imprensa, notícias com base em textos de discursos, relatórios ou entrevista [...]” (p. 38); este procedimento permite abordagens de diversos assuntos e estratégias de organização dos fatos.

Segundo Lage (2005), esses procedimentos permitem “a produção de matérias de qualquer tamanho sobre texto-base ou entrevista, assegurando que as proposições mais importantes não sejam suprimidas” (p. 39). Quanto aos modos de organização e de construção do discurso da informação, Charaudeau (2006) atenta para os critérios de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade da imprensa escrita. Para o autor,

A instância midiática [tem atenção] particular com a maneira de anunciar e apresentar as notícias. Isso é feito através da paginação (primeira página, rubricas, fotos, desenhos, gráficos, tabelas, tipos de colunas, molduras, etc.) e da titulação (títulos, pré-títulos, subtítulos, leads). Tais elementos constituem formas textuais em si e têm uma tripla função – fática – tomada de contato com o leitor; epifânica – de anúncio da notícia e sinóptica – de orientação ao percurso visual do leitor no espaço informativo do jornal. (CHARAUDEAU, 2006, p. 233).

Segundo o autor, a exigência de legibilidade procura alcançar clareza e precisão de graus de objetividade por meio da paginação das notícias e da redação. A legibilidade é compreensão dos fatos e acontecimentos apresentados na notícia e manifesta-se, portanto, no planejamento e na escritura da notícia. Já a inteligibilidade direciona-se ao entendimento e à descrição do(s) porquê(s) e como(s) das notícias. Concretiza-se a partir de determinados elementos da paginação (molduras, gráficos) e está diretamente relacionada ao comentário do acontecimento.

Em síntese, essas exigências estão de acordo (e coexistem) com as estratégias de seleção dos fatos e à ordenação dos eventos, socioconstruindo a notícia no jornalismo. Após a discussão acerca do gênero notícia sob a perspectiva da TJ, apresentamos considerações teóricas sobre a esfera social do jornalismo a partir de considerações epistemológicas da ADD.

### 3.2 A ESFERA SOCIAL DO JORNALISMO – A VOZ DA ADD

Nessa seção, objetivamos apresentar discussões acerca das especificidades da esfera do jornalismo impresso sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), buscando compreender como a esfera social do jornalismo se constitui como forma de comunicação social específica com suas características, finalidades e gêneros discursivos próprios.

Ressaltamos que, embora se tenha apresentado na seção 3.1 discussões a respeito do jornalismo e do gênero notícia, nesta seção revisitamos fundamentações da TJ, buscando entre a voz do outro (TJ) e a voz da pesquisa (ADD) um caráter dialógico e valorativo. Acredita-se que “todas as palavras [...], além das minhas próprias, são palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é uma reação à palavra do outro [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 379). Com isso, relacionando aspectos teóricos da TJ com especificações epistemológicas e pesquisas da ADD e resultados de análise desta pesquisa, apresentamos os diversos aspectos da dimensão social do gênero jornalístico notícia.

### **3.2.1 O Jornalismo de Jornal Impresso : Esfera e Ideologia**

Consoante à compreensão dos gêneros do discurso como enunciados que relativamente se estabilizam nas diversas situações sociais de interação, Bakhtin (2003; 2006) propõe as esferas sociais como princípio organizador dos gêneros, isto é, são concretizações dentre as diversas formas de comunicação social. As esferas tipificam as situações de interação, estabilizando os enunciados que nela circulam, originando gêneros do discurso particulares dessa esfera (Cf. Seções 1.4 e 1.5) . Segundo Rodrigues (2001, p. 70), “cada esfera conhece e ‘aplica’ os seus próprios gêneros”. Compreende-se, dessa forma, que as características particulares da constituição e do funcionamento dos gêneros do discurso estão vinculadas às especificidades das esferas sociais nas quais estes funcionam, circulam e se organizam. Com isso, cada campo organiza suas formas típicas de comunicação social, à medida que

As relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. [...] Estas formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social. (BAKHTIN, 2006, p. 43).

Cada esfera social apresenta uma orientação social determinada para a realidade, objetos discursivos próprios e funções ideológicas específicas. Os gêneros e enunciados, por conseguinte, não são indiferentes às especificidades de sua esfera. Assim, podemos compreender que os gêneros do discurso se constituem a partir de situações da vida social relativamente estáveis (Cf. Seções 1.4 e 1.5), ou seja, imersos a esferas sociais que, por sua vez, comportam diversas variedades de intercâmbios sociocomunicativos. Cada esfera social, com sua função socioideológica particular e suas condições sociodiscursivas próprias, formula na interação social determinados gêneros, específicos a essa esfera. Dessa forma, entendemos que os gêneros correspondem a situações de interação verbal típicas (RODRIGUES, 2001), e apresentam na sua constituição, as finalidades e as condições sociodiscursivas da esfera na qual são produzidos e circulam.

As esferas ou campos sociais são, portanto, critérios de organização ou agrupamento de gêneros. Partindo dessa compreensão, a esfera jornalística se constitui e funciona mediada por gêneros bem como constitui seus gêneros do discurso, que nesse espaço refletem e refratam as especificidades da situação social e constituem-se como referências para os diversos intercâmbios comunicativos nessa esfera. Para Rodrigues (2001, p. 74),

Os gêneros estão vinculados às esferas sociocomunicativas. Eles se formam e se desenvolvem à medida que se desenvolve e se complexifica a sua esfera social. Eles refletem nos seus diferentes momentos constitutivos as particularidades da sua situação social, constituem-se como modelos para a construção e interpretação dos discursos das suas esferas.

Bakhtin (2006) postula que nas situações de interação que perpassam as diversas esferas sociais nas quais os gêneros residem, é preciso supor um determinado horizonte social, que é definido e estabelecido pela situação e meio sociais, os quais constituem os gêneros. Segundo fundamentações da ADD, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 117). Os gêneros correspondem a situações sociais de interação tipificadas de comunicação discursiva em uma determinada esfera social. Dessa forma, cada gênero possui determinado objetivo, sua concepção de autor e de destinatário<sup>45</sup>, seu conteúdo temático, estilo verbal e composição, que refletem as condições e finalidades da esfera a qual pertecem (RODRIGUES, 2001). Bakhtin (2006, p. 130) pontua que,

A modelagem das enunciações responde aqui a particularidades fortuitas e não reiteráveis das situações da vida corrente. Só se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. [...] Toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e consequentemente um certo repertório de pequenas fórmulas correntes. A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social [...]. Elas coincidem com esse meio, são por ele delimitadas e determinadas em todos os aspectos.

---

<sup>45</sup> Questões sobre autoria discursiva e público-leitor serão discutidas nas seções 3.3.1 e 3.3.2.



Compreendendo, portanto, a relação entre esferas e gêneros do discurso, percebemos que a esfera social do jornalismo desencadeia reações ideológicas intimamente relacionadas às condições sociais e aos valores sociais atribuídos aos gêneros que nesse campo circulam. Dessa forma, as diferentes situações de comunicação verbal que se produzem e circulam na esfera do jornalismo são revestidas de ideologias e valorações (Cf. Seção 4.2).

Sob a perspectiva da ADD, a ideologia apresenta-se como interpretação da realidade social, expressa na e pela consciência sempre de forma sónica. É a expressão de uma posição. Dentro de espaços sociais mediados por signos, a ideologia, para a ADD, instaura-se a partir de movimentos constituídos por idéias estáveis e instáveis que em confluência e diálogo constante residem na consciência humana (MIOTELLO, 2007).

Ao compreender ideologia como interpretação da realidade social que se constitui e funciona por meio de signos<sup>46</sup> socialmente situados, percebemos que a esfera do jornalismo é calcada por valores ideológicos. Os diversos gêneros dessa esfera carregam consigo valores, conceitos, idéias e índices de valor que afetam seu tema, estilo e composição. Para Bakhtin (2006), os signos que se realizam por meio das relações sociais, apresentam-se envoltos por determinados horizontes sociais, reflexos de uma época ou de grupos sociais específicos.

---

<sup>46</sup> “Desde as primeiras décadas do século XX, nos trabalhos de M. Bakhtin e seu círculo não somente a palavra, mas a linguagem em geral, é concebida e tratada de uma outra forma, levando-se em conta sua história, sua historicidade, ou seja, especialmente a linguagem em uso. [...] A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. [...] A compreensão do mundo, pelo sujeito, acontece no confronto entre as palavras da consciência e as palavras circulantes na realidade, entre o interno e o externamente ideológico [...]”. (STELLA, 2007, p. 178-180).

Por isso, todo signo ideológico possui um valor social, e essa valoração carrega consigo índices determinados pelas condições sociais, econômicas e históricas da época, das relações interpessoais e dos campos de atuação nos quais os signos circulam. Para o autor

As características da palavra enquanto signo ideológico [...] fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. Não é tanto a pureza semiótica da palavra que nos interessa na relação em questão, mas sua ubiquidade social. Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 2006, p. 42).

Para Bakhtin (2006, p. 31), “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. Em adição, segundo a ADD, cada signo não se satisfaz apenas como parte de uma realidade; ele reflete e refrata outras, posto que todos os signos são sujeitos a critérios de avaliação ideológica. Onde encontram-se os signos, encontra-se o ideológico. Bakhtin (2006) ainda pontua que cada campo social se constitui e funciona sob determinada orientação ideológico-valorativa; portanto, os gêneros que nessas esferas circulam são perpassados e confrontados por ideologias que os regularizam relativamente e os significam. Para o autor,

Cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade.

Outro aspecto relevante na inter-relação entre esfera e ideologia é o entrecruzamento entre apreciação e significação, à medida que cada campo social (esfera socio-discursivo-ideológica) é engendrado por índices sociais de valor (valorações; apreciações) que determinam a criação ou orientação ideológica dos gêneros que se produzem nessa determinada esfera. Sob a perspectiva da ADD, os sígnos (e portanto, os gêneros) possuem acentos de valor ou horizontes apreciativos que acompanham e significam a interação. Essa apreciação social é realizada, de acordo com Bakhtin (2006), por meio da entoação expressiva, da seleção lexical, dos recursos fraseológicos, gramaticais, textuais e discursivos de que os interlocutores se utilizam nas situações de interação (Cf. Capítulo 4). Essa orientação valorativa é determinada pela situação imediata e ampla e engendra-se na orientação ideológica do campo no qual a interação se desencadeia.

Os gêneros do discurso da esfera jornalística, por exemplo, a notícia, são conduzidos por determinados horizontes sócio-valorativos (avaliações, apreciações, posições, acentos, entoações, julgamentos, modalidades apreciativas, escolhas) e ideológicos (reflexos e interpretações da realidade social e natural que se materializam dialogicamente de forma sociossemiótica) que os regularizam e os significam nas diversas situações interativas. Sobre a valoração, Bakhtin (2006, p. 140) pontua que

Os acentos apreciativos [...] e as entoações correspondentes não podem ultrapassar os limites estreitos da situação imediata e de um pequeno círculo social íntimo. [...] Em qualquer enunciação, por maior que seja a amplitude do seu espectro semântico e da audiência social que goza, uma enorme importância pertence à apreciação. É verdade que a entoação não traduz adequadamente o valor apreciativo; esse serve antes de mais nada para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação. Não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa.

Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação.

Para Bakhtin (2003), a interação pressupõe avaliação, isto é, a compreensão bem como a produção de enunciados nas diversas situações de interação implica apreciação. Compreensão e avaliação (valoração), de acordo com o autor, são instâncias simultâneas e apresentam-se como um ato único, integral e indissolúvel. Segundo Bakhtin (2003, p. 378),

Compreensão e avaliação. É impossível uma compreensão sem avaliação. Não se pode separar compreensão e avaliação: elas são simultâneas e constituem um ato único e integral. O sujeito da compreensão enfoca a obra com sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições [valorações]. Em certa medida, essas posições determinam a sua avaliação [...]. O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento.

É dessa forma que, a ADD, considera que toda situação social de interação se desenvolve a partir da dinâmica de avaliações (valorações) e de orientações ideológicas que, em confluência, se entrecruzam na constituição e no funcionamento dos enunciados e dos gêneros da esfera do jornalismo. É nesse campo social no qual se produz o gênero notícia, que se entrecruzam valorações e posições ideológicas que entram em luta dialógica, materializada discursivamente por meio de regularidades semiótico-textuais relativamente estáveis que significam e legitimam essa situação de enunciação – “a configuração dialógica da compreensão [...] A índole de acontecimento do conhecimento dialógico. O encontro. A avaliação como momento indispensável do conhecimento dialógico” (BAKHTIN, 2003, p. 398).

Assim, os gêneros da esfera do jornalismo impresso são absorvidos por valorações instituídas de ideologias que regulam, estabilizam e legalizam as diversas situações sociais mediadas por esses gêneros. O campo social do jornalismo impresso, portanto, carrega consigo índices sociais de valor que não apenas influenciam na relativa estabilização dos enunciados que se tipificam nessa esfera, como legalizam e regularizam “as demais formas de adaptação da enunciação à organização hieraquizada da sociedade [que] têm importância imensa no processo de explicitação dos principais modos de comportamento” (BAKHTIN, 2006, p. 44-45).

### **3.2.2 O Discurso da Notícia – Representação Social e Ética**

O ato de apresentar fatos e acontecimentos na mídia jornalística acarreta certa representação e discursivização, ou seja, ordenação, planejamento, construção e avaliação dos fatos a partir de uma seleção de informações mediada pelo discurso. Nesse contexto, a notícia constrói-se a partir de uma realidade seletiva e axiológica, a qual busca desconstruir o consenso de que esta seja uma transposição para a imprensa do fato ou acontecimento real. Jeudy (1995, p. 9) constata que “a partir dos anos 80 consumou-se o processo [...] de ‘desrealização do mundo’, isto é, os discursos e as imagens midiáticas perderam qualquer ancoragem com a realidade”. Miotto (2003, p. 47) confirma que “esse jogo de reenvio em espelho entre o acontecimento, a sua encenação, a sua interpretação, a sua significação consignada, supõe certa orquestração”.

Podemos entender que essa orquestração, por sua vez, pressupõe que os discursos da esfera do jornalismo, como, por exemplo, os da notícia, refletem e refratam construções do real, não apresentando os fatos como sendo um reflexo literal do que acontece na realidade.

Retomando Bakhtin (2006), “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (p. 32), ou seja, o signo pode apreender a realidade, distorcê-la ou desconfigurá-la, construindo-a discursivamente sob o âmbito de “critérios de avaliação ideológica” (p.32).

O discurso da notícia, a partir de sua relação íntima com a esfera social na qual se produz, constrói-se coerentemente a essa esfera socioideológica, absorvendo seus valores, suas ideologias e sua representação na vida social. Dessa forma, o discurso da notícia apresenta-se vinculado diretamente à esfera social e ideológica do jornalismo na qual é produzido; possui influência concomitante às ideologias que nessa esfera circulam, refletindo e refratando acontecimentos e fatos da realidade.

Entendemos que a realidade é o que se partilha subjetivamente na interação com os outros, assim se constitui como o mundo intersubjetivo do senso comum, posto que os homens ao mesmo tempo em que constroem o real, o afirmam. A situação de interação é característica essencial da realidade social. Nesse contexto, as ações tipificadoras responsáveis por caracterizar comportamentos, práticas e fatos entram em contínua negociação para a construção da compreensão do eu e do outro. É por meio do discurso que os acontecimentos se tornam comum a todos, ou seja, podemos entender que os signos só emergem do processo de interação social.

Assim, o gênero notícia constrói-se vinculado às especificidades de comunicação discursiva da esfera a qual pertence, conduzindo consigo ideologias circundantes desse domínio. O discurso da notícia configura-se, dessa forma, a partir da representatividade ideológica do espaço social de comunicação do qual se produz, visto que “a existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos”. (BAKHTIN, 2006, p. 36).

Outro aspecto que se torna relevante à discussão acerca da notícia e representação social é a relação entre notícia, verdade e ética. Os efeitos de verdade se constroem por meio de recursos enunciativo-discursivos que se conjugam aos objetivos do autor na construção da informação. Os sentidos construídos no texto buscam a realização de um efeito de convicção.

Segundo Charaudeau (2006, p. 49),

O efeito de verdade está mais para o lado do ‘acreditar ser verdadeiro’ do que para o do ‘ser verdadeiro’. Surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo.

Na interação social, diferentes interlocutores se relacionam por meio de enunciados. É nesse intercâmbio de enunciados materializados nos diferentes gêneros que o efeito de verdade se constrói. Charaudeau (2006, p. 49) afirma que “o efeito de verdade não existe, pois, fora de um dispositivo enunciativo de influência psicossocial, cada um dos parceiros da troca verbal tenta fazer com que o outro dê sua adesão a seu universo de pensamento e verdade”.

Percebemos que o discurso da notícia se constitui e se regulariza nas interações, seguindo certos objetivos a serem alcançados e de acordo com diferentes aspectos psicossociais dos que informam, além das regularizações dos grupos empresariais dos quais as notícias pertencem.

Assim, os gêneros se tipificam nas diversas situações de comunicação social, provocando certos graus de estabilização dos enunciados, mediatizando a construção de sentido na interação, além de possibilitar os efeitos de verdade por meio do discurso. Segundo Bakhtin (1981, p. 125), os gêneros tipificam as interações, pois

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida [...]. Só se pode falar de [enunciados relativamente estáveis] no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias<sup>47</sup>.

Com isso, entendemos que o sentido não é atingido antecipadamente, ou seja, construído por interlocutores individuais no sentido estrito do termo, mas é socioconstruído pelos interlocutores na interação social. Segundo Charaudeau (2006, p. 80-81), a construção dos efeitos de verdade “baseia-se na hipótese de que [os interlocutores] dispõem de critérios de avaliação que lhe permitem julgar o que é verdadeiro, confiável ou autêntico”. Dessa forma, a credibilidade dos efeitos de verdade se constrói na interação, onde os interlocutores participam cooperativamente na construção de significação do discurso da notícia<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> Aqui Bakhtin (1981) está fazendo menção ao surgimento dos gêneros da vida cotidiana.

<sup>48</sup> Esta questão pode ser relacionada ao horizonte apreciativo. Esta discussão encontra-se na seção 4.2 desta pesquisa.



É nesse contexto que podemos discutir a respeito da ética e da responsabilidade que perpassa a esfera jornalística. Diversas são as esferas sociais que estão atravessadas por questões éticas (esfera da religião, da justiça, da mídia propagandística, da educação, entre outras). Assim, a ética na comunicação jornalística apresenta-se aliada à ética da informação e ao papel da mídia jornalística na sociedade.

Os meios de comunicação alcançam caminhos vastos, em função da diversidade de seus conteúdos, formas e funções. Cornu (1998, p.181) estabelece que

A dificuldade de definir, e, sobretudo de pôr em prática uma ética da informação<sup>49</sup> deve-se à complexidade da mídia e às condições não menos complexas de uma autêntica discussão sobre os procedimentos dos veículos de comunicação, envolvendo ao mesmo tempo os jornalistas, os diretores dos veículos e o público, ou seja, todos os principais personagens da comunicação, aos quais se acrescentam outros, como os políticos e os pesquisadores da mídia.

A difusão da informação implica no ato de cada sujeito<sup>50</sup> pressuposto no processo da construção do discurso informativo. Dessa forma, a esfera social do jornalismo constitui-se de um campo de construção de um discurso preocupado em alcançar diversas camadas sociais por meio de diferentes veículos de comunicação, por isso “a dificuldade de realizar uma ética da informação [...] deve-se à diversidade dos canais e fortes variações de escala” (CORNÜ, 1998, p. 182).

---

<sup>49</sup> Cornu (1998) apresenta postulações acerca da ética da informação em geral, o que pode ser também considerado para o discurso da notícia.

<sup>50</sup> “No agir do sujeito, estão integrados vários aspectos [...]: (a) os aspectos psíquicos da identidade relativamente fixada (aquilo que permite ao sujeito perceber em si certa continuidade psíquica), naturalmente advindos da internalização de suas relações, desde sempre ideológicas, com os outros no mundo concreto [...]; (b) os aspectos sociais e históricos do ser-no-mundo do sujeito [...] e (c) a avaliação responsável que o sujeito faz ao agir, com base na identidade que veio a formar e nas coerções de suas relações sociais”. (SOBRAL, 2007, p. 107).

Concomitante à ética do discurso informativo está a ética dos jornalistas, sendo este o aspecto mais diretamente observável. Os contornos profissionais dos jornalistas ainda são imprecisos, isto é, o jornalismo é ainda uma profissão aberta<sup>51</sup>. Além disso, a ética do discurso da notícia não está apenas limitada a ação e práticas profissionais dos agentes mais observáveis – os jornalistas, fotógrafos de imprensa, produtores e diretores de televisão –, mas compreende os meios de comunicação como instituições ideologicamente saturadas, isto é, esferas sociais ideologicamente constituídas (BAKHTIN, 2003). Em síntese,

A ética da informação, portanto, interessa-se prioritamente pelo tratamento intelectual da informação factual (em oposição ao tratamento material: composição e impressão para a imprensa escrita, gravação de sons e imagens para a mídia eletrônica), a tudo o que acarreta escolhas e decisões quanto ao conteúdo e à forma da informação fornecida ao público (CORNU, 1998, p. 19-20).

Assim, podemos compreender que a ética do discurso da notícia está intimamente ligada aos atos dos sujeitos na esfera do jornalismo e suas práticas profissionais, posto que “todo ato está ligado a uma ética que, acima dela, fixa seus limites, a partir de critérios exteriores ao funcionamento do próprio ato”. (BRETON, 2003, p. 35). Sobre esse aspecto dialógico entre ato e responsabilidade ética, Bakhtin (1993, p. 21) afirma que,

Cada pensamento meu, junto com seu conteúdo, é um ato ou ação que realizo – meu próprio ato ou ação individualmente responsável. É um de todos aqueles atos que fazem da minha vida única inteira um realizar ininterrupto de atos.

---

<sup>51</sup> Para Cornu (1998, p. 19) no contexto da França, a definição do jornalismo é tautológica, isto é, “é considerado jornalista quem exerce sua atividade principal na imprensa escrita ou nos meios de comunicação áudios-visuais. Mais precisamente, são reconhecidos como jornalistas os agentes da mídia, independentemente dos meios ou técnicas de expressão utilizados, que satisfaçam três critérios: a concepção e realização de uma produção intelectual, uma relação deste trabalho com a informação, além do critério de atualidade”.

Porque minha vida inteira como um todo pode ser considerada um complexo ato ou ação singular que eu realizo: eu realizo, isto é, executo atos, com toda minha vida, e cada ato particular e experiência vivida é um momento constituinte da minha vida – da contínua realização de atos. Como um ato executado, um dado pensamento forma um todo integral: tanto seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença na minha consciência real – a consciência de um ser humano perfeitamente determinado – em um tempo particular e em circunstâncias particulares, isto é, toda a historicidade concreta de sua realização – ambos os momentos (o momento do conteúdo-sentido e o momento histórico-individual) são unitários e indivisíveis na avaliação desse pensamento como minha ação ou ato responsável.

Portanto, nossos atos estão inclusos em eventos únicos e irrepetíveis; a compreensão desses atos dá-se pela alteridade, cuja ética constrói-se na responsividade. Dessa forma, atos responsáveis ou éticos pressupõem, segundo Bakhtin (1993), que os sujeitos manifestam-se ou expressam-se nesse ato e o fazem a partir do contato fundamental com a cultura da prática social compartilhada e executada nas diversas esferas. A prática social, assim, é a fonte do ato. Um ato individual de nossas diversas práticas sociais “é como um Jano bifronte. Ele olha em duas direções opostas: [...] para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a unicidade irrepetível da vida realmente vivida e experimentada” (BAKHTIN, 1993, p. 20).

Em conclusão, podemos entender que nossos atos individuais<sup>52</sup>, em diferentes situações sociais de interação, prolongam-se em confluência com outros atos e constroem estilos de agir, gerando diferentes comportamentos, compreensões e atitudes, sejam éticas ou não, reproduzidas por outros e multiplicadas no tempo e no espaço.

---

<sup>52</sup> “O ato de fala individual (no sentido estrito do termo ‘individual’) é uma *contradictio in adjecto*. (BAKHTIN, 2006, p. 132). Para Bakhtin o individual é social. A distinção bakhtiniana constrói-se a partir da relação entre social e natural em contrapartida à relação dicotômica saussureana entre individual e social. Bakhtin (2006, p. 59) pontua que o “social está em correlação com natural: não se trata aí do indivíduo enquanto pessoa, mas do indivíduo biológico natural. O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico [...]. O conceito de individualidade [...] que se coloca acima do indivíduo natural e é, por consequência, social.

### 3.3 O GÊNERO NOTÍCIA E CRONOTOPO – O TEMPO E O ESPAÇO

Bakhtin (1998; 2003) apresenta considerações sobre cronotopia em ‘O Cronotopo em Rebelais’ e ‘O Tempo e o espaço nas obras de Goethe’. A partir da análise do gênero romance, o autor pontua aspectos relativos ao horizonte espaço-temporal do gênero, postulando que o cronotopo é considerado o centro de organização dos acontecimentos temáticos do romance. Para Bakhtin (1998; 2003), o cronotopo é a porta de entrada da análise do gênero; é, portanto, a partir disso, que esta pesquisa revisita as posições de Bakhtin frente à cronotopia e as relaciona com a constituição e o funcionamento do gênero jornalístico notícia.

Rodrigues (2005) afirma que cada gênero do discurso situa-se em um determinado cronotopo: engendra-se em determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo (axiológico); possui orientações ideológicas específicas e apresenta concepções de autor e destinatário próprios. Entendemos, em adição, que cada gênero, dessa forma, possui uma orientação espaço-temporal diferente, determinada por condições sociais específicas que consubstanciam seu cronotopo.

Amorin (2007), ao discutir a relação entre os conceitos de cronotopia e exotopia, postula que a concepção de cronotopo refere-se ao equilíbrio que se instaura entre os horizontes espacial e temporal. Segundo a autora, Bakhtin (1998; 2003) recupera esse conceito das teorizações da Matemática e da Teoria da Relatividade de Einstein, objetivando compreender como se articula no discurso a indissolubilidade da inter-relação entre o espaço e o tempo.

Bakhtin (2003, p. 225), revisitando suas discussões sobre o tempo e o espaço em Goethe, apresenta considerações sobre a cronotopia, pontuando que

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e idéias humanas (até conceitos abstratos).

Ao apresentar suas fundamentações sobre a cronotopia, com maiores discussões acerca das obras de Rebelais e Goethe, Bakhtin (1998; 2003) procura compreender os possíveis indícios ou vestígios culturais e históricos que se pautam sob a perspectiva da cronotopia.

Compreendendo a cultura como um “sistema e em um nível mais alto de unidade orgânica: aberta, em formação, não resolvida nem previamente resolvida, capaz de morte e renovação, que transcende a si mesma” (BAKHTIN, 2003, p. 370), Bakhtin busca apreender como organizações, instituições, esferas, nações e grupos sociais são constituídos por aspectos cronotópicos. No gênero romance, o que poderia, em adição, ser relacionado ao gênero jornalístico notícia, o autor afirma que o mundo e a vida social são apresentados a partir de cortes da realidade da época. Os acontecimentos, os fatos e as realizações representadas no romance abragem de certo modo toda a vida de uma época. Em síntese, cronotopia, para Bakhtin (2003, p. 225) são “os visíveis indícios complexos do tempo histórico, na verdadeira acepção do sentido, são vestígios visíveis da criação do homem, vestígios das suas mãos e da sua inteligência [...]”.

Amorin (2007, p. 102), retomando postulados bakhtinianos, afirma que “o cronotopo [...] é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto”.

Ao relacionar-se o conceito de cronotopia com o funcionamento do gênero notícia, observa-se que o horizonte espacial desse enunciado corresponde a duas dimensões: (a) a esfera social na qual se produz (Cf. Seções 3.1 e 3.2) que, segundo Rodrigues (2001) é responsável por interpretar, valorar e evidenciar fatos, posicionamentos que serão parte constituinte do campo social jornalístico e (b) a situação de interação do gênero notícia, que busca compreender os interlocutores – a posição discursiva de autoria e de público-leitor (Cf. Seções 3.3.1 e 3.3.2).

Quanto ao horizonte temporal, o cronotopo relaciona-se com o fator de periodicidade da notícia. O gênero notícia na esfera do jornalismo impresso possui publicação diária, isto é, apresenta-se como um gênero de curta temporalidade, posto que as notícias que circulam num determinado dia perdem seu valor de noticiabilidade na próxima publicação.

A obsessão pelo presente, pelo momento e pelo instante, é discutido por Charaudeau (2006) e caracterizada como uma estratégia de co-temporalidade enunciativa. Em outras palavras, segundo o autor, o quadro temporal da notícia é a atualidade; a atualidade passa a ser fator central e critério de noticiabilidade (Cf. Seção 3.1) e que, portanto, determina a pauta e os fatos a serem noticiados, explicando e justificando duas características essenciais do discurso da notícia: a efemeridade e a a-historicidade (Cf. Seção 3.1).

O horizonte temporal, em adição, caratectiza-se pelo processo de impressão e de circulação do gênero notícia. O processo de impressão realiza-se a partir de procedimentos realizados pela instituição jornalística; esse processo resulta na distribuição dos jornais em diversos locais.

Quanto à circulação<sup>53</sup>, o jornal apresenta-se ‘validado’ pela publicação do dia, recuperando sua característica de curta temporalidade. Em suma, podemos verificar que o cronotopo designa condições historicizadas de produção do discurso. Designa uma espécie de orientação espaço-temporal, um lugar coletivo no qual histórias se contam, se escrevem, se entrecruzam dialogicamente. Dessa forma, a cronotopia está ligada aos gêneros e sua trajetória. Para Amorin (2007, p. 105)

Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas de homem. Podemos então concluir que, no trabalho de análise dos discursos e da cultura, quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos dele inferir uma determinada visão de homem.

É nessa perspectiva, que nas próximas seções discutiremos as relações entre o gênero notícia e seu auditório social – a posição sociodiscursiva de autor e a construção do público previsto, ou seja, os interlocutores da situação de interação.

### **3.3.1 O Gênero Notícia e Questões de Autoria**

---

<sup>53</sup> Os tempos de impressão e circulação demandam pesquisa apurada, o que não foi objetivado nesta investigação.

Para a seleção de fontes e produção da notícia, a instância midiática utiliza-se de discursos produzidos externamente à instituição jornalística. Charaudeau (2006) subdivide a identificação de fontes como (a) interna às mídias – “são classificadas em relação aos organismos de informação” (p. 147), isto é, podem ser internas ou externas ao organismo de informação; e (b) externas às mídias – classificadas de acordo com seu caráter institucional.

As fontes de ordem interna ao organismo de informação podem ser identificadas com o trabalho dos correspondentes, enviados especiais ou arquivos próprios. As fontes externas ao organismo de informação, por sua vez, podem ser exemplificadas como sendo as agências e as indústrias de serviços ou outras mídias. As fontes externas às mídias institucionalizadas podem ser, então, o estado-governo, as administrações, os partidos, os sindicatos ou os políticos. Já as fontes não institucionalizadas direcionam-se às testemunhas, aos especialistas ou aos profissionais.

Segundo Charaudeau (2006), “a instância de produção<sup>54</sup> tem, pois, uma dupla responsabilidade: a de obter os meios de aceder a um máximo de fontes possíveis e a de verificá-las”. (p. 148). Charaudeau (2006) afirma que, ao nomear as fontes, o discurso da notícia utiliza-se de recursos de denominação ou de modalidade de enunciação. O recurso de denominação consiste em identificar as fontes por meio de nomes, títulos, função ou profissão ou status de pessoas. Ainda há, segundo o autor, o recurso de denominação vaga, quando se trata de preservação do anonimato.

---

<sup>54</sup> Sobre a instância de produção, Charaudeau (2006, p. 73) argumenta que no jornalismo “o jornalista [...] não é o único ator, mas constitui a figura mais importante. Reservemos a designação de ‘instância midiática’ à instância global de produção que integra os diferentes atores que contribuem para determinar a instância da enunciação discursiva”. Diferentes protagonistas interferem na produção jornalística (redatores, editores, técnicos, diagramadores, revisores, etc.).



A modalidade de enunciação “pode ser expressa por verbos de modalidade (diz, declara, faz saber, etc.), cujo semantismo é mais ou menos revelador da atitude da instância de enunciação com relação à fonte original [...]” (CHARAUDEAU, 2006, p. 149).

Dessa forma, a instância de produção identifica e valora as fontes, influenciando na credibilidade e produzindo efeitos diversos de significação; o discurso do outro e o modo como esse outro é valorado apresentam-se relevante para a construção de sentido da notícia.

As fontes são uma forma de apresentação do discurso do outro<sup>55</sup>, isto é, “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (p. 150). Para Bakhtin (2003; 2006), o enquadramento do discurso do outro<sup>56</sup> no enunciado cria uma determinada perspectiva ao fundo dialógico que é dado ao discurso introduzido. Assim, analisar o discurso de outrem para a ADD é perceber que o discurso do outro incluído na situação de enunciação sempre sofre determinadas transformações de significado. A esse respeito, Bakhtin (1998, p. 141) afirma que

O contexto que avoluma a palavra do outro origina um fundo dialógico cuja influência pode ser muito grande [...]. A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso. Por isso, ao estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolivelmente ao outro.

---

<sup>55</sup> “Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra não minha. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso, literárias), além das minhas próprias são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 379).

<sup>56</sup> Este assunto será melhor discutido na seção 4.1.3 intitulada *A reenunciação: o discurso do outro*.

O discurso citado, portanto, apresenta-se como a confluência de discursos os quais, por sua vez, se integram na construção de sentido do discurso da notícia.

Conjugado à seleção e identificação das fontes na notícia e ao enquadramento do discurso de outrem, atentamos para o aspecto da autoria no discurso da notícia, isto é, quando não concordamos com alguma notícia, procuramos saber quem é responsável pelo que foi publicado. “É o dono da empresa ou o jornalista?” (MIOTTO, 2003, p. 51), ou seja, procuramos apreender seu autor. Para Bakhtin (2003, p. 384), “não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam [...]”. Sob esse aspecto, Bakhtin (2003, p. 389) retoma a posição discursiva de autor do jornalista, afirmando que

O jornalista é acima de tudo um contemporâneo. É obrigado a sê-lo. Vive na esfera de questões que podem ser resolvidas em sua atualidade (ou ao menos num tempo próximo) Participa de um diálogo que pode ser terminado e até concluído, que pode passar à ação, pode tornar-se força empírica.

Para Bakhtin, a posição discursiva da autoria depende do gênero do enunciado, ou seja, cada gênero do discurso possui uma forma autorizada de autoria. Especificidades da comunicação discursiva carregam consigo determinações das diversas formas de posicionamento autoral. “A forma de autoria depende do gênero do enunciado. Por sua vez, o gênero é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 389). É sob o panorama do discurso e do dialogismo que Bakhtin (1963), portanto, apresenta suas fundamentações acerca da autoria.

Por exemplo, relações dialógicas, dialetos sociais (posições socioaxiológicas), autoria, vozes da construção enunciativo-discursiva do gênero romance são apresentadas e explicadas por Bakhtin, entre outros trabalhos, ao longo do capítulo ‘O Discurso em Dostoiévski’, no qual o autor também explica seu conceito de discurso, contrapondo-o à visão objetivista da língua, e afirma que as relações dialógicas pertencem ao campo do discurso e, portanto, são objetos da Metalingüística<sup>57</sup>.

O conceito de discurso é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano da discursividade, especificando que o discurso orienta-se para o objeto do discurso como para o discurso do outro. Essa dupla orientação materializa-se na forma de enunciados e, por conseguinte, pressupõe uma autoria enunciativo-discursiva.

Neste sentido, a autoria é concebida como uma postura de autor, ou seja, uma postura discursivo-dialogizada, posto que, segundo a perspectiva bakhtiniana, a autoria implica reação dialógica. Bakhtin (1963) discute que “nesse sentido, todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como seu criador [...] uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente” (p. 184). Para Bakhtin (2003, p. 399),

---

<sup>57</sup> “Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin define a Metalingüística como um estudo – ainda não constituído de disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam, também de modo absolutamente legítimo, os limites do objeto da lingüística. O autor concebe a metalingüística como uma translingüística. Ou seja, ele marca o lugar e os fundamentos de disciplinas como a pragmática, as teorias da enunciação, do discurso. Como objeto da metalingüística tem-se o discurso, o enunciado, os gêneros do discurso, as relações dialógicas entre o enunciado e a realidade, o sujeito falante e os outros enunciados [...], a questão da autoria. Na percepção bakhtiniana, a lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, o discurso, mas o estudam sob diferentes aspectos e de diferentes ângulos de visão, devendo completar-se, mas sem se fundir.” (RODRIGUES, 2001, p. 63-65).

O autor se encontra naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente, e é na forma onde mais percebemos sua presença. A crítica costuma procurá-lo no conteúdo destacado do todo, que permite identificá-lo facilmente como autor-homem de uma determinada época, que tem uma determinada biografia e uma determinada visão de mundo. Aí a imagem de autor quase se funde com a imagem do homem real. O verdadeiro autor não pode tornar-se imagem, pois é criador de toda imagem, de todo o sistema de imagens da obra.

É sob esse panorama conceitual que podemos analisar que no gênero notícia perpassam diferentes discursos regularizados pelas diversas fontes selecionadas para compor sua construção dialógica.

Assim, a autoria concebida como postura de autor dialoga constantemente com as fontes (voz do outro) que, em confluência, significam o gênero notícia na esfera socioideológica do jornalismo. O discurso do outro (as fontes) é usado pelo autor como referências, posições e recursos informativos que consubstanciam a constituição e o funcionamento desse gênero.

Por meio da voz das fontes (discurso de outrem), o autor constrói sua voz de forma refratada e revalorada (reacentuada, reenunciada), orquestrando pela intersecção de vozes e pelas posições socioaxiológicas (índices valorativos do discurso do outro) o dialogismo característico do discurso da notícia.

Sob esse âmbito, para compreender-se a posição de autoria no gênero jornalístico notícia, torna-se importante visitar o processo de produção do gênero e os indícios da posição valorativa de autoria pressupostos em cada sujeito (vozes<sup>58</sup>) e as instâncias de produção da notícia.

Ao discutir-se sobre a esfera do trabalho jornalístico, verificamos que o gênero notícia se produz mediante três instâncias com determinados sujeitos (vozes) que atuam de maneira dinâmica e dialógica.

---

<sup>58</sup> “Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...] e vozes próximas [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 330).

As instâncias de produção do enunciado que instauram as condições sociodiscursivas do processo de produção da notícia são: (a) concepção; (b) editoração e (c) responsividade.

Em jornais, em revistas, na televisão ou na rádio, há uma orientação geral que norteia e determina a veiculação de determinados fatos/discursos e sua posterior publicação em gêneros específicos (notícia, reportagem, entrevista, editorial, etc), a saber, a pauta. A pauta subsidia as instâncias de produção da notícia (concepção, editoração e responsividade), posto que é este o fio condutor que delinea o que será publicado. Rossi (2006) discute que a pauta ocasiona distorções e limitações ao trabalho jornalístico. A primeira distorção está relacionada com a publicação de notícias a partir do que outros veículos estejam publicando; essa prática gera um círculo vicioso pela qual os jornais se auto-alimentam.

A segunda distorção, de acordo com o autor, diz respeito à limitação de pauta, isto é, “a pauta, no geral, reflete a idealização das pessoas que permanecem nas redações e não daquelas que estão em contato direto com os fatos ou as pessoas geradoras” (ROSSI, 2006, p. 19). Contudo, segundo Rossi (2006, p. 21),

A pauta funciona em duas direções: orienta repórteres para o que devem fazer no seu dia-a-dia e informa chefias, os diretores e/ou proprietários das diversas publicações sobre quase tudo aquilo que está sendo trabalhado pela redação. Nos grandes jornais [...], a pauta é hoje um camalhão de quinze, vinte ou mais laudas, geralmente minuciosa em cada item, e que circula generosamente nos grandes gabinetes da diretoria.

Ao especificar os sujeitos da produção da notícia, estes apresentam-se ligados a determinadas instâncias de produção discursiva da notícia: (a) instância de concepção – jornalistas; *press-releases*; consultores; repórteres; pauteiro; chefe das surcursais; correspondentes; fontes de informações; relações públicas e assessores de imprensa; (b) instância de editoração – copidesques; editores; chefes de redações; chefes de reportagens; secretários da redação; revisores de texto e (c) instância de responsividade – o público-leitor.

Quanto aos sujeitos envolvidos na instância de concepção da notícia, os consultores apresentam-se como profissionais especialistas em determinadas áreas, e que funcionam como recursos de informações especializadas para determinado fato a ser noticiado. Geralmente, os consultores são agentes da informação específica de uma área – economia, política, ciência, educação, religião, etc.

Além de jornalistas, repórteres, chefes das surcursais, correspondentes, fontes de informações, relações públicas e consultores, tem surgido, no campo de atuação jornalística, o pauteiro, que é o profissional que, juntamente com a chefia e a diretoria, reúne pontos a serem eleitos para a pauta, ou seja, “quem acolhe a notícia e quem a elabora não tem participação nas discussões sobre o que o jornal ou a revista vai publicar, sob que enfoque, tamanho, etc”. (ROSSI, 2006, p. 20).

Na instância de editoração, o copidesque é o agente responsável pela redação, em outras palavras, é o redator. Em função da grande escala de informações produzidas fora da sede da instituição do jornal, muitas necessitam ser ajustadas quanto a padrões, tamanhos e exigências da sede jornalística. Para Rossi (2006, p. 28-29),

O copidesque funciona como o primeiro filtro pelo qual passa a produção do repórter – o que já ocasiona uma primeira distorção entre a narração do que aconteceu, na visão do repórter, e o que será publicado. [...]. Assim, a forma final em que a notícia vai aparecer no jornal é, muitas vezes, mais a de quem não viu o acontecimento do que a de quem o presenciou.

Dessa forma, podemos afirmar que cada fato a ser noticiado pode apresentar diversas interpretações/ valorações conforme o horizonte apreciativo de cada um que o examine. Com isso, a visão do repórter ou do redator pode não coincidir com a de seu editor, do seu chefe de redação, do diretor ou ainda sofrer alterações realizadas pelo revisor de texto (que dependendo das seleções lexicais, fraseológicas ou textuais alteradas pode ocasionar valorações distintas). Quanto à instância de responsividade – a voz do público-leitor –, essa será discutida na próxima seção.

Em síntese, podemos constatar que as condições de produção do gênero notícia<sup>59</sup> estão submersas em diferentes instâncias (concepção, editoração e responsividade) que se entrecruzam constantemente e se materializam enunciativamente sob a forma de diferentes vozes dos diversos agentes implicados nesse processo (jornalistas, repórteres, chefes, secretários, revisores, entre outros).

---

<sup>59</sup> Como se percebe, o processo de produção do gênero notícia na esfera do jornalismo impresso não foram analisadas com exaustão nesta pesquisa, posto que o objetivo desta investigação é compreender o funcionamento do gênero notícia já publicado.

Em adição às discussões sobre as condições de produção das notícias (anteriormente discutidas), algumas indagações ascendem a respeito da marcação de autoria (implícitas e explícitas<sup>60</sup>) nas notícias analisadas, tais como: (a) quais são as notícias<sup>61</sup> (seguindo as tipologias de extensão, Cf. seção 4.3) que apresentam marcas autorais explícitas?; (b) quais são os jornais, dentre os pesquisados, que procuram identificar marcas autorais explícitas em suas notícias?; e (c) como as marcas autorais implícitas estão marcadas enunciativo-discursivamente ao longo das notícias?.

A respeito de quais notícias apresentam marcas autorais explícitas, podemos afirmar que: (1) no jornal *Zero Hora*, apenas notícias de páginas inteiras (por exemplo, ZH17) apresentam marcações explícitas de autoria; (2) no jornal *Correio do Povo*, não há notícias com marcas autorais explícitas; (3) no jornal *O Estado de S. Paulo*, há marcações autorais explícitas em notícias de página inteira (OESP01), em notícias de 1/3 de página (OESP02) e em notícias de 1/4 de página (OESP03) e (4) no jornal *Diário Catarinense*, somente as notícias de 1/4 de página apresentam marcas autorais explícitas.

Quanto à segunda indagação, de quais são os jornais que apresentam marcas autorais explícitas em suas notícias, esta já foi respondida na discussão anterior. Quanto à terceira indagação, por sua vez, pode-se afirmar que as marcas autorais implícitas estão marcadas nas notícias analisadas por meio de diferentes recursos estilístico-composicionais (Cf. seções 4.2 e 4.3).

---

<sup>60</sup> Por *marcas autorais implícitas*, esta pesquisa entende como marcas da posição do autor que se constroem por meio de recursos lingüístico-textuais ao longo da notícia, tais como marcadores avaliativos e atitudinais, pronominalização de 1ª pessoa, entre outros recursos estilísticos que demarcam a posição de sujeito no discurso. Por *marcas autorais explícitas*, a pesquisa entende a apresentação do(s) nome(s) do(s) jornalista(s) responsável(is) pela notícia.

<sup>61</sup> Notícias que pertencem à seção analisada.



Esses recursos são: (1) marcas do discurso do outro por meio da reenunciação, provocando efeitos de reconhecimento, de validação, de avaliação, de compartilhamento de responsabilidade e de justificação entre o discurso do autor e o discurso do outro (Cf. seção 4.1.3); (2) visadas dialógico-valorativas, buscando a aprovação, a legalização, a validação e a avaliação das informações apresentadas na notícia (Cf. seção 4.2.1) e (3) projeções linguístico-textuais que se engendram e engendram o estilo e a composicionalidade do gênero notícia.

Bakhtin (2003) afirma que todo discurso tem um autor, isto é, para o autor, não há palavras sem voz, palavras de ninguém. “Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...] e vozes próximas [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 330). Os diversos recursos acima citados operam, portanto, como recursos de um acabamento estilístico que o autor se responsabiliza em dar aos seus enunciados.

Para concluir, uma questão relevante a se discutir é o fato de que, em função das diversas instâncias de enunciação e dos agentes na produção das notícias (acima discutido), a definição de autoria no gênero notícia mostra-se demasiadamente complexa, à medida que se entrecruzam nas condições de produção desse gênero diferentes indícios de instanciações (concepção, editoração, responsividade), assim como de diferentes sujeitos (jornalistas, editores, revisores, repórteres, etc) que são semiotizados no material enunciativo do gênero.

### 3.3.2 O Público-leitor

Bakhtin (2003, p. 302), acerca da concepção de destinatário, postula que

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo de cultura da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele.

Sob esse contexto, o público-leitor<sup>62</sup> do gênero notícia está intimamente relacionado com o leitor previsto dos jornais nos quais as notícias são publicadas. Em outras palavras, o autor do enunciado orienta sua produção a partir do escopo que projeta de seu destinatário. Muitas vezes, as instituições jornalísticas realizam diferentes pesquisas visando a compreender seu público-leitor, construindo, dessa maneira, a visão do leitor de seu jornal, posto que a posição de seu destinatário influencia na construção de seus enunciados.

De acordo com as informações publicadas no site institucional do jornal *Zero Hora*, este é o jornal de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul e está classificado entre os 10 maiores do Brasil. Sua circulação de aproximadamente 100 mil exemplares mensais é subdividida entre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e em países como Argentina e Uruguai. Os leitores pertencem às classes A e B, e podem ser identificados como intelectuais, estudantes, políticos e profissionais em geral.

O *Correio do Povo* é o segundo maior jornal em tiragem no estado do Rio Grande do Sul e considerado o oitavo maior do país. Seus leitores correspondem às classes A, B e uma pequena porcentagem da classe C.

---

<sup>62</sup> Outros dados sobre o público-leitor são apresentados na seção 2.2 desta pesquisa.

O jornal possui leitores identificados como intelectuais, estudantes, políticos, entre outros profissionais em geral e uma circulação diária de 80 mil exemplares.

O jornal *O Estado de S. Paulo* – o ‘*Estadão*’ –, por sua vez, possui uma tiragem de 11 milhões de exemplares mensais e é distribuído em 12 mil localidades no Brasil. É lido por classes A e B (70%), intelectuais, empresários, políticos, estudantes e profissionais em geral.

O *Diário Catarinense* possui uma circulação mensal de aproximadamente 38 mil exemplares com 60 mil aos domingos. Os leitores correspondem às classes A e B (60%) e C (33%) e entre 15 e 24 anos (24%) e de 25 a 39 anos (35%). Dessa forma, a partir de dados gerais de circulação do jornal e retomando a posição do interlocutor frente a produção de enunciados, podemos afirmar que “a projeção do interlocutor e do seu fundo aperceptivo [...] orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo enunciado se encontra orientado para o interlocutor” (RODRIGUES, 2001, p. 143). Rodrigues (2001, p. 133-135), ainda pontua que

O gênero encontra-se orientado para um objeto discursivo, inclui os participantes da interação e suas valorações face ao objeto do discurso. O autor e os leitores, dadas as condições de produção e circulação da comunicação jornalística, não se conhecem, não estão em uma relação de interação face-a-face. Mas a instituição fornece o contato (interação “mediada” pelo jornalismo) entre os participantes da interação, cabendo, ao autor, no entanto, manter esse vínculo. [...]. Percebe-se como o trabalho da ideologia e dos índices sociais de valor se manifestam não só nos “conteúdos” dos enunciados, mas nas suas formas discursivas e na circulação social diferenciada dos gêneros do discurso, que vão implicar em diferentes condições sociais de investimento dos gêneros. A percepção do interlocutor e do seu fundo aperceptivo (os seus valores, posições, etc.) orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo o enunciado se encontra orientado para o interlocutor.

Assim, o material linguístico-enunciativo do gênero notícia se constrói a partir da “imagem” do público-leitor projetada, seus horizontes apreciativos, seus valores e suas posições se engendram e orientam ideologicamente a constituição e o funcionamento das notícias na esfera jornalística.

Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, 2003, p. 410).

## **IV A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO NOTÍCIA: A CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA**

Este capítulo aborda a construção lingüística do gênero jornalístico notícia, analisando regularidades verbo-textuais sob a perspectiva do dialogismo e da valoração. Para tanto, revisitamos conceitos, categorias e fundamentações da ADD que perpassam a discursividade do gênero, da sua constituição e de seu funcionamento. Neste capítulo, portanto, inicialmente, retomamos a situação social de interação da notícia por meio de discussões que se orientam para os horizontes temático e valorativo (axiológico), assim como para as relações dialógicas que orientam o(s) sentidos(s) da notícia e para sua composicionalidade textual. Por fim, apresentamos as projeções estilístico-composicionais (verbais) do gênero, a partir da identificação das regularidades relativamente estáveis da notícia na esfera social do jornalismo impresso.

### **4.1 O TEMA**

Sob a perspectiva da ADD, podemos afirmar que o horizonte temático (o tema) do enunciado refere-se ao seu objeto de discurso e determinados sentidos (a partir de relações entre outros enunciados) que nesse enunciado se materializam. Com isso, para Bakhtin (1998; 2003), os gêneros apresentam-se engendrados em horizontes temáticos específicos que se definem a partir das inter-relações entre objeto e projeto discursivos, orientações e posicionamentos de sentidos (enunciados) e posições dos interlocutores.

No plano da notícia, o horizonte temático caracteriza-se pela contemporaneidade, efemeridade e proximidade tempo-espacial dos fatos e dos acontecimentos a serem noticiados (Cf. Seção 2.1). A seleção dos fatos a serem reportados assim como a ação dos critérios de noticiabilidade perpassam e se entrecruzam dialogicamente no horizonte temático das notícias. A contemporaneidade midiática identifica o fato/ acontecimento e o reenuncia para a construção discursiva da notícia, posto que

O discurso das mídias se fundamenta no presente da atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muita coisa a respeito. Não raro fazem o que o meio profissional chama de *perspectivação*, que não pode trazer, no entanto, explicações históricas. (CHARAUDEAU, 2006, p. 134).

As notícias dos jornais foram analisadas, primeiramente, a partir da identificação de determinadas temáticas. Retoma-se que as seções cujas notícias foram analisadas são a seção 'Geral' no *Correio do Povo*, *Diário Catarinense* e *Zero Hora*; e a seção 'Metrópole' ou 'Cidades' no jornal *O Estado de S. Paulo*. Para a apresentação das regularidades do gênero serão apresentados a temática identificada, o número de ocorrências/incidências e estratos de enunciados (preferencialmente o título e o *lead* da notícia) para detalhamento dos dados em discussão. Para tanto, revisitamos as fundamentações epistemológicas da ADD, retomando as discussões sobre gêneros do discurso, enunciados, e conteúdo temático.

Nos jornais, ao longo das seções analisadas, foram identificadas temáticas (Cf. Anexo 1) que se orientavam para discussões relativas a:

(1) Comemorações, Festivais e Festas – apresentam-se relatos de determinadas festas, festivais ou comemorações, seja de âmbito local (cidades específicas do Rio Grande do Sul), estadual (relacionadas ao estado do RS), seja federal (festivais de abrangência federal). São festivais culturais, festas de cunho educacional, religioso, político ou cultural e comemorações relativas a premiações ou compeonatos.

Ex. 1: Pêmio para os melhores das letras.  
14º Açorianos premiou 14 categorias e destaques na 'Noite do Livro', ontem, no Teatro Renascença. (CP<sup>63</sup>1).

Ex.: 2: Madre Pelletier festeja o Natal com churrasco.  
Detentas também tiveram desfile e jogo de vôlei. (CP02).

Ex. 3: DRT homenageia os servidores. (CP03).

Ex. 4: Papai Noel na Vila da Conceição. (CP04).

Ex. 5: Noite de desfile em Blumenau. (DC<sup>64</sup>01).

Ex. 6: Prêmio Direitos Humanos será revelado hoje. (ZH<sup>65</sup>02).

(2) Ciência e Tecnologia – apresentam-se questões relacionadas ao avanço de pesquisas em ciências (determinadas áreas), e tecnologia.

Ex. 7: Cegos podem usar telecentro.  
O primeiro telecentro com disponibilização de *software* livre para deficientes visuais do Brasil foi inaugurado essa semana em Porto Alegre. (CP05).

Ex. 8: Brasil e Argentina juntos no espaço. (DC02)

Ex.9: Nasa adia lançamento da nave Atlantis. (ZH03).

(3) Educação – diversas questões sobre ensino e políticas públicas relativas à educação são noticiadas no jornal, além de informações sobre cursos e eventos.

---

<sup>63</sup> Jornal *Correio do Povo*.

<sup>64</sup> Jornal *Diário Catarinense*.

<sup>65</sup> Jornal *Zero Hora*.



Ex. 10: Suspensão contrato de merenda. (CP06).

Ex.11: UFSC divulga os gabaritos.

A UFSC divulgou ontem os gabaritos e as provas que foram feitas pelos candidatos de domingo a terça-feira. (DC03).

Ex.12: PUCRS realiza provas. (ZH04).

(4) Política Local – relatam-se fatos relativos à ação de determinados políticos em suas cidades e posicionamentos de partidos em relação à ocorrência de acontecimentos públicos e partidários.

Ex. 13: Obra no Salgado Filho cancela quatro vôos. (CP07).

Ex. 14: Federação descarta mudança com o fim da CPMF. (CP08).

Ex. 15: CPI divulga os próximos depoimentos.

Com a ausência de três dos quatro convidados para prestar depoimento, a CPI da Moeda Verde da Câmara da Capital teve um dia tranquilo ontem. (DC04).

(5) Política Nacional – relatam-se fatos relacionados à ação de políticos e partidos frente à política nacional. Retoma-se posições e declarações de políticos sobre determinado acontecimento.

Ex. 16: Para Cremers, povo não pode pagar conta. (CP09).

Ex. 17: MP planeja gestão para 15 anos.

Proposta busca otimização de recursos para que a instituição seja efetiva na proteção de direitos. (CP10).

(6) Economia – são apresentados indicadores econômicos e discussões sobre panoramas da economia de ordem municipal, estadual ou federal.

Ex. 18: Diminui desconto para pagar IPVA.

Abatimento para quitar imposto até 2 de janeiro será de 8,5%. Sem multas o percentual sobe até 22,2%. (CP11).

Ex. 19: Definido índice de correção do IPTU. (DC05).

(7) Saúde – questões sobre saúde pública são relatadas. As notícias referem-se tanto ao âmbito municipal, como estadual e federal.

Ex. 20: Ave transmite doença a 23 pessoas.

Ex. 21: Elas entraram em contato com caturritas apreendidas no Vale do Rio Pardo dia 28 de novembro. (CP12).

Ex. 22: Perondi: prejuízo será da saúde. (CP13).

Ex. 23: Fila de 1,5 mil pessoas no HU.

Uma fila de 200 metros com pelo menos 1,5 mil pessoas à espera de atendimento desde a madrugada. Foi assim que o Hospital Universitário (HU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, amanheceu ontem. (DC06).

(8) Direitos e Deveres do Cidadão – são noticiados fatos sobre os direitos ou deveres do cidadão. Geralmente, são questões relativas à questões trabalhistas, educacionais ou políticas.

Ex. 24: Vigília de servidores da justiça (CP43).

Ex. 25: Pedágio – reajuste gera polêmica (CP37)

Ex. 26: Guaranis em condições precárias.(CP16).

Ex. 27: Funai promete ver situação na capital.(CP17).

Ex. 28: Fabricantes de placas deverão se credenciar. (CP18).

Ex. 29: Metrô de SP tem pior avaliação da década, diz pesquisa da ANTP. (OES<sup>66</sup>P04)

(9) Turismo – apresentam-se orientações turísticas, sugestões de locais de visitação e viagens, assim como notícias relativas à fatos ocorridos em locais de grande circulação de turistas. Em alguns casos, a notícia de turismo está intimamente relacionado com a temática de economia.

Ex. 30: Reserva antecipada para Ano-Novo  
Apenas 10% dos apartamentos e das casas do Litoral Norte estão disponíveis para alugar no feriado. (CP19).

Ex. 31: RS oferece serviços para atrair turistas. (CP20).

Ex. 32: Aumenta a poluição nas praias de SC. (DC07).

Ex. 33: Domingo para curtir o sol. (ZH05).

Ex. 34: Revista de Verão estreia amanhã (DC08).

---

<sup>66</sup> Jornal O Estado de S. Paulo.

(10) Meio Ambiente – são frequentes as notícias de cunho ecojornalístico. São noticiados fatos relacionados a campanhas de preservação do meio ambiente, ações políticas frente à preservação e conscientização ecológica, entre outras subtemáticas relativas à ecologia.

Ex. 35: Problemas da Redenção em foco. (CP21).

Ex. 36: Lami recebe mudas nativas. (CP22).

Ex. 37: DC na luta pela vida no planeta.  
Jovens sugerem ações em favor do ambiente e fazem denúncias.  
(DC09)

(11) Violência – apresentam-se relatos de ocorrências relacionadas à violência em municípios, no estado ou no país.

Ex. 38: Ameaças (OESP12).

Ex. 39: Ônibus pegou ladrões em favelas antes de assaltos.  
(OESP07).

Ex. 40: Vendedora é morta a caminho de Cumbica. (OESP08).

(12) Policial – relatam-se ações e iniciativas de ordem policial.

Ex. 41: CGTEE: Polícia Federal indiciou 9.  
Todos são acusados de formação de quadrilha. Procurador tem 5 dias para oferecer denúncia à Justiça. (CP24).

Ex. 42: Justiça libera obra em shopping no Pari (OESP09).

(13) Informe Fúnebre – noticiam-se falecimentos de determinados políticos, representantes de determinadas instituições, ou artistas.

Ex. 43: Ambientalista faria 81º aniversário hoje. (CP25).

Ex. 44: Morre o 1º diretor de Turismo. (CP26).

Ex. 45: Roqueiro morreu de overdose. (ZH06).

(14) Manifestações Populares – são relatados manifestações de cunho popular acerca de algum direito ou dever do cidadão ou frente a determinadas ações políticas ou institucionais.

Ex. 46: Servidores da Segurança protestam.  
Funcionários do Estado se reuniram em frente ao Piratini e reivindicam definição de matriz salarial. (CP27).

Ex. 47: Aposentados reclamam de pedágios e corrupção (CP28)

Ex. 48: MDT protesta no Centro da Capital. (CP29).

(15) Comportamento – são apresentadas notícias que discutem comportamentos, hábitos e rotinas de adultos, crianças e idosos com base em determinadas pesquisas científicas.

Ex. 49: 19,9% dos jovens não fazem nada.  
Pesquisa mostrou que qualidade de vida é superior no Distrito Federal. (CP30).

(16) Informes Gerais – são apresentadas informações gerais sobre concursos, cursos, eventos e outros acontecimentos em geral.

Ex. 50: Curso de Português será realizado no próximo mês. (CP31).

EX. 51: Tribunal de Contas abre inscrições para concurso. (CP32).

(17) Trânsito – são notícias relacionadas a ações políticas frente ao trânsito, assim como fatos ocorridos no trânsito, seja em vias municipais, estaduais ou federais.

Ex. 52: Renainf identifica campeões de multas. (CP33).

Ex. 53: Projeto aumenta pena para rachas. (CP34).

Ex. 54: Cinco pessoas morrem na mesma rodovia.  
Considerada uma das estradas mais perigosas do Estado, a RS-324 está mais uma vez na liderança de acidentes com morte neste final de semana. Foram cinco vítimas entre a noite de sexta-feira e a manhã de sábado na rodovia que liga Nova Prata, na Serra, a Iraí, na região Norte. (ZH07).

(18) Transporte Público – apresentam-se notícias sobre o transporte público municipal.

Ex. 55: Pedágio – reajuste gera polêmica. (CP37)

Ex. 56: Transporte Escolar – Famurs e SEC fecham acordo para 2008. (ZH08).

(19) Obras Públicas, Moradia e Urbanismo – discutem-se questões sobre iniciativas para moradia popular, construção civil, reformas de instituições públicas, assim como políticas públicas de urbanismo.

Ex. 57: Obras pelo aniversário da cidade estão atrasadas.  
No calçadão de Santa Maria, um relógio foi instalado pela prefeitura para contar os dias, horas, minutos e segundos até o dia 17 de maio, data dos 150 anos da cidade. Ao mesmo ritmo em que o equipamento faz a contagem regressiva do tempo, outro prazo vai se esgotando, o das obras públicas. (ZH09).

Ex. 58: Obra havia passado por uma limpeza antes de ser transferida de lugar. O vandalismo atinge o lançador. (ZH10).

(20) Justiça – apresentam-se informações sobre casos jurídicos que envolvem políticos e civis.

Ex. 59: Denúncia cancela exame da OAB-SP. (ZH11).

(21) Segurança – noticiam-se fatos que estão relacionados com a segurança pública.

Ex. 60: Rio do Sul com mais segurança. (DC10).

(22) Esporte – são notícias sobre campeonatos esportivos ou sobre vitórias de atletas do país.

Ex. 61: Mil pessoas em caminhada. (DC11).

(23) Clima – são noticiados aspectos sobre clima, temperatura e fenômenos naturais no país.

Ex. 62: Região de Itacarambi teve 162 tremores de terra só no domingo.  
Apenas na hora seguinte ao terremoto de 4,9 graus, sentindo num raio de 6km, houve outros 42 sismos menores. (OESP10).

(24) Solidariedade – são apresentadas notícias sobre campanhas ou iniciativas públicas de solidariedade.

Ex. 64: Papai Noel e duendes ao som de nova trilha. (ZH12).

A partir do levantamento dos horizontes temáticos que as notícias dos jornais selecionados apresentam, observa-se que o jornal *Zero Hora* possui uma recorrência de temas nas áreas de festividades, educação e trânsito. O *Correio do Povo*, semelhante a *Zero Hora*, noticia festivais e comemorações diversas (seja de âmbito local ou nacional), bem como apresenta grande incidência de notícias voltadas à política local e nacional.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, por sua vez, possui um direcionamento temático predominante nos assuntos sobre violência, ações da polícia e questões voltadas à justiça.

O *Diário Catarinense*, no período analisado, apresentou temas sobre festivais e comemorações locais ou estaduais, notícias sobre política local, saúde e trânsito.

Em adição, o que se apresenta saliente nas investigações sobre os temas predominantes são as diversas ressonâncias temáticas que se entrecruzam na construção do gênero notícia. Essas ressonâncias caracterizam-se pelos cruzamentos ou atravessamentos de temáticas que se engedram no discurso desse gênero. Por exemplo, as temáticas ‘polícia’, ‘justiça’ e ‘violência’ geralmente são agrupamentos que se inter-relacionam, assim como ‘trânsito’ e ‘violência’, ‘direitos e deveres do cidadão’, ‘justiça’ e ‘solidariedade’, entre outras temáticas que se interligam. O importante é observar que nas diversas notícias selecionadas, poucas foram as que apresentaram temáticas específicas e limitadas, sem qualquer ressonância de cruzamentos temáticos. A heterogeneidade é constitutiva do horizonte temático, à medida que os cruzamentos de temas são, em adição, estratégias de construção das informações, legitimando-as, regularizando-as e valorando-as na materialidade do gênero notícia. Em outras palavras, os entrecruzamentos temáticos exercem o papel de legalizador da notícia, isto é, apresentam-se ora como (a) discursos regularizadores das informações, à medida que consubstanciam o tema tratado (apresentando outras informações ou dados coerentes ao assunto em questão), ora como (b) discursos autoritativos (apresentando outras informações, dados ou relatos que servem como argumentos de autoridade na sustentação das notícias apresentadas, autorizando-as a serem legítimas).

Como exemplo de notícias que possuem entrecruzamentos de temáticas, sendo construídas por temas enquanto discursos regularizadores, podemos destacar:

(a) A notícia **Família de jovem morto em Bauru processará Estado** (OESP12) apresenta cruzamento entre temas como ‘segurança’, ‘polícia’, ‘violência’ e ‘justiça’. Embora categorizada na pesquisa como notícia cuja temática é segurança, em função da própria subseção intitulada dessa forma (a notícia está publicada na seção Cidades/Metrópole do OESP na subseção denominada ‘Segurança’), pode-se verificar atravessamentos temáticos relativos à polícia (relatos das ações de policiais no momento do crime), violência (relatos sobre o incidente violento cuja ação resultou na morte do jovem) e justiça (informações e relatos sobre o processo judicial movido pela família). Os entrecruzamentos temáticos, nessa notícia, regularizam e legalizam as informações sobre segurança, posto que os relatos e informações sobre polícia, violência e justiça consubstanciam o fato a ser noticiado, causando-lhe efeitos de veracidade e precisão.

(b) A notícia **Duas mil pessoas sem atendimento médico** (DC12), em que há uma relação entre os temas ‘saúde’ e ‘direitos e deveres do cidadão’. A notícia apresenta informações sobre dois postos de saúde da cidade de Palhoça (SC) que permanecem fechados para a população. Ao longo da notícia entrecruzam-se informações seja relativas à saúde pública, seja aos direitos dos cidadãos.



(c) A notícia **Celular em escolas está perto do fim** (DC14), que apresenta cruzamentos de temáticas relativas à ‘educação’ e à ‘justiça’, à medida que a notícia informa sobre o projeto de lei que dispõe sobre a proibição de usos de telefones celulares nas instituições de ensino públicas e privadas do Estado de Santa Catarina.

(d) A notícia **Cegos podem usar telecentro** (CP05) apresenta suas informações com cruzamentos temáticos relativos à ‘ciência e tecnologia’ e ‘direitos e deveres do cidadão’. O texto noticia acerca do primeiro telecentro com disponibilização de *software* para deficientes visuais do Brasil.

Acerca de exemplos de notícias com cruzamentos de temáticas que funcionam como discursos autoritativos podemos citar:

(a) A notícia **Motorista bêbado terá punição maior** (OESP13), categorizada como pertencente à temática de ‘trânsito’, possui cruzamentos temáticos relativos à ‘justiça’ e à ‘política’. A notícia apresenta posicionamentos de determinados políticos sobre as normas judiciais de punição a motoristas alcoolizados nas rodovias brasileiras. A voz<sup>67</sup> do deputado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães Neto (ACM Neto), e relatos da nova lei de trânsito proposta engedram-se na notícia enquanto cruzamentos temáticos, mas também (e principalmente) funcionando como discursos autoritativos.

---

<sup>67</sup> A reenunciação do discurso do outro e seus efeitos de sentido serão discutidos na seção 4.1.3.

Para apresentar/construir efeitos de legitimidade e credibilidade nas informações noticiadas, esse cruzamento temático (política X trânsito) funciona valorativamente como discurso de autoridade: a voz de ACM Neto, por exemplo, é um dos desencadeadores desse efeito de legalização ou legitimação.

(b) A notícia **Pedágio: reajuste gera polêmica** (CP37) apresenta ressonâncias de temas sobre ‘trânsito’, ‘política’ e ‘obras públicas’, à medida que relata informações sobre a previsão de reajuste de 4,5% nos pedágios das rodovias estaduais no Estado do RS. A notícia se constrói dialogicamente<sup>68</sup> por cruzamentos entre os discursos do deputado estadual Gilmar Sossella e do diretor-geral do DAER, Gilberto Cunha. Ambos apresentam seus posicionamentos sobre o fato relatado, autorizando, autenticando e legalizando as informações da notícia.

Outra questão que se observa é que os entrecruzamentos (ressonâncias, cruzamentos ou atravessamentos) temáticos estão intimamente relacionados com os efeitos de credibilidade ou efeitos de verdade (Cf. Seção 3.1.2) que o discurso da notícia objetiva alcançar. A busca por autenticidade, legitimidade e veracidade apresentam-se como objetivos centrais das notícias. Com isso, as ressonâncias temáticas que resultam dos diversos cruzamentos de temas que se engendram nas notícias, são procedimentos ou estratégias de construção desses efeitos.

---

<sup>68</sup> Retoma-se que as discussões sobre reenunciação, discurso de outrem e recortes valorativos serão discutidos na seção 4.3.1. Aqui apenas busca-se relacionar o discurso de outrem como indícios de entrecruzamentos temáticos na construção de determinados efeitos de sentido. Essa seção está intimamente relacionada com a seção 4.3.1.

Dessa forma, apreender o horizonte temático e as diferentes inter-relações dialógicas que se constroem nessa instância do gênero, é compreender a primeira visada (projeto discursivo) das diversas que se conjugam à constituição e ao funcionamento da notícia. Para Charaudeau (2006, p. 88-89),

No discurso da informação, entretanto, não se trata de verdade em si, mas da verdade ligada à maneira de reportar os fatos: não é bem das condições de emergência da verdade que se trata, mas sim das *condições de veracidade*. À instância midiática cabe autenticar os fatos, descrevê-los de maneira verossímil, sugerir as causas e justificar as explicações dadas. *Autenticar* é uma atividade que consiste em fazer crer na coincidência sem filtragem nem falsas aparências, entre o que é dito e os fatos descritos.

Assim, os temas (ou seja, o tema enquanto materialidade discursiva) que foram identificados nas notícias apresentaram-se como (a) horizontes ou ressonâncias temáticas, especificando e determinando diversos assuntos a serem tratados; (b) discursos regularizadores, consubstanciando o tema tratado, apresentando-se sob a forma de informações, dados ou relatos adicionais e (c) discursos autoritativos, à medida que se apresentam como informações adicionais de autoridade, sustentando a legitimidade da notícia. Os jornais, portanto, apresentam-se construídos por diversos temas que significam e legitimam as informações apresentadas acerca de fatos e acontecimentos sociais que engendram o gênero notícia.

Contudo, haja vista que o horizonte temático dos gêneros não está apenas e exclusivamente relacionado e perpassado pelo noção de assunto, objetiva-se, nesta seção, não somente apresentar a incidência predominante de assuntos das notícias selecionadas para a pesquisa como, em adição, identificar as diversas relações dialógicas que se entrecruzam no funcionamento desse gênero nos jornais, posto que,

O texto é uma realidade imediata [...]. São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. [...] As relações dialógicas entre textos e no interior de um texto. Sua índole específica (não linguística). Diálogo e Dialética. [...] Não há e nem pode haver textos puros [...]. Por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 309-310).

#### **4.1.1 As Relações Dialógicas**

O horizonte temático do gênero está orientado para e pelos sentidos que se entrecruzam – os outros enunciados; os enunciados do outro – o que se relaciona ao engendramento das relações dialógicas no funcionamento (inter)discursivo das notícias.

O gênero notícia nos jornais analisados engendra-se em espaços dialógicos constituídos por meio da confluência entre (a) enunciados de outros gêneros na sua materialização enunciativo-discursiva; (b) enunciados de outros gêneros que se intercalam na sua construção textual; (c) enunciados de outros gêneros que se entrecruzam na seção na qual é publicado; (d) gêneros em diferentes seções do jornal que dialogam; (e) notícias que dialogam na seção; (f) notícias que dialogam em diferentes dias de publicação no mesmo jornal e (g) notícias que dialogam em jornais diferentes.

Quanto ao *dialogismo constituído por meio da confluência entre enunciados de diferentes gêneros que se engendram na materialidade enunciativo-discursiva da notícia*, podemos observar que enunciados de gêneros como a entrevista pingue-pongue ou face-a-face<sup>69</sup>, o resumo e a biografia são enunciados recorrentes que consubstanciam a construção (inter)discursiva das notícias. Alguns exemplos dessa dialogicidade interna são:

Ex.1: A notícia **Rio do Sul com mais segurança** (DC10), que relata a operação do sistema de vigilância na cidade do Rio do Sul, a qual se utiliza da entrevista<sup>70</sup> face a face feita com o prefeito Milton Hobus (*a priori*) para apresentar seu posicionamento (discurso citado) frente ao fato.

---

<sup>69</sup>A respeito da consideração da entrevista pingue-pongue e da entrevista face a face como dois gêneros distintos, ver Silva (2007).

<sup>70</sup> Assim como no entrecruzamento temático, trechos de entrevistas apresentados nas notícias são retomados na seção 4.3.1 como enunciados do outro que são reenunciados e revalorados conforme objeto e projeto discursivo de autoria.

Ex.2: A notícia intitulada **HU já oferece novos exames** (DC16) é construída por meio de fragmentos de entrevista face a face realizada com o chefe do setor de radiologia do HU em Florianópolis, Luiz Felipe Nobre, além de apresentar um breve resumo de pesquisa acerca do quadro funcional do hospital e da contabilidade da instituição. Ambos – entrevista e resumo de pesquisa – se intercalam na construção enunciativo-discursiva da notícia.

Ex.3: A notícia **Ensino a distância está no auge** (DC17) apresenta intercalado um resumo dos dados pesquisados pelo Censo da Educação Superior de 2006 e divulgados pelo Instituto de Avaliação do Ministério da Educação (INEP). O resumo intercala-se na notícia como discurso regulador e de autoridade (Cf. Seção 4.1), procurando alcançar efeitos de credibilidade e legitimidade das informações apresentadas.

Ex.4: A notícia **Fogo destrói novo frigorífico no Oeste** (DC18), na qual se observa a presença de um mapa intercalado à notícia com indicações precisas do local do incidente. O mapa expõe a localidade no estado de SC onde ocorreu o fato.

Ex.5: A notícia **Prêmio para melhores das letras** (CP01), na qual há intercalado uma fotografia expondo os vencedores, assim como uma tabela contendo nomes e designações de prêmios de cada vencedor. Observa-se, portanto, que a tabela e a fotografia intercalam-se nessa notícia.

Em síntese, a partir da análise do *corpus* selecionado, podemos observar que o gênero notícia pode ser caracterizado por: (1) notícias engendradas por entrevistas; (2) notícias engendradas por biografias e (3) notícias engendradas por resumos de pesquisas. Ambos engendramentos podem ser consideradas estratégias dialógicas de construção das notícias no jornalismo impresso.

A respeito dos *gêneros que se intercalam na construção textual do gênero notícia*, podemos considerar que diversos gêneros (listas, quadros, entre outros) se entrecruzam nas notícias. Segundo os dados da pesquisa, podemos observar exemplos como:

Ex.1: A notícia **IPTU mais caro no ano que vem** (DC19) apresenta um quadro explicativo de perguntas-respostas intercalado ao gênero notícia. O quadro expõe possíveis indagações dos moradores de Florianópolis (SC) sobre o Imposto Territorial Urbano (IPTU) da cidade.

O quadro de perguntas-respostas é intitulado de ‘Tire suas dúvidas’ e se engendra na materialidade linguístico-textual da notícia em questão.

Ex.2: Em diversas notícias, como a **Justiça libera parte da fortuna da Mega-Sena** (DC20), a fotografia<sup>71</sup> é um gênero que frequentemente se intercala na construção composicional da notícia no jornalismo impresso. Esse gênero de semiotividade pictórica é usado como recurso contextual, geralmente identificando para os leitores os sujeitos e as localizações dos acontecimentos que estão sendo noticiados. Outro gênero intercalado, de natureza pictórica multimodal são o mapas, a tabelas e o infográfico que frequentemente encontram-se intercalados às notícias.

---

<sup>71</sup> A Intercalação dos gêneros fotografia, mapas e infográficos serão tratados no capítulo 5.

Ex.3: O gênero mapa, por exemplo, é um gênero intercalado que recorrentemente se apresenta na construção composicional das notícias. Em **As praias mais disputadas de SP** (OESP15), o mapa apresentado objetiva localizar e orientar o leitor sobre o litoral do estado de São Paulo, assim como objetiva apresentar-se como um quadro de sugestões para as férias de verão.

Ex.4: Na notícia **DC na luta pela vida no planeta** (DC09), apresenta-se intercalado às informações noticiadas um artigo assinado<sup>72</sup> que dialoga com a temática da notícia e se engendra a sua construção lingüístico-textual.

Ex.5: A notícia – **Jovens vivem melhor em SC** (DC21) – apresenta um infográfico contendo informações sobre a qualidade de vida em Florianópolis (SC) e índices de desenvolvimento relativos à educação, à saúde, à renda, entre outros aspectos socioculturais e econômicos da cidade com relação aos jovens. O infográfico intercala-se na notícia como subsídio de informações adicionais.

Ex.7: A notícia **R\$ 1,2 milhão para a cultura** (DC22) apresenta uma tabela expondo dados sobre o número de matrículas no ensino superior no Brasil. A tabela é intercalada à notícia e funciona como um recurso de apresentação de informações adicionais, pontuando especificamente informações sobre o assunto tratado.

---

<sup>72</sup> Para informações sobre a constituição e o funcionamento do gênero artigo assinado, ver Rodrigues (2001)



O que se observa é que, quanto aos gêneros que se intercalam na construção lingüístico-textual da notícia, várias podem ser as possibilidades. No *corpus* selecionado, os gêneros que se intercalaram à composicionalidade lingüístico-textual da notícia foram: a lista de aprovação, o quadro de perguntas-respostas; o mapa, a fotografia, o artigo assinado, a entrevista, a tabela e o infográfico, o que não exclui a possibilidade de intercalação de outros gêneros nas notícias em outro período de circulação. Sobre os diversos gêneros que dialogam nas seções analisadas, pode-se observar que nos diferentes jornais, são diferentes os gêneros<sup>73</sup> que se entrecruzam dialogicamente.

No jornal *Zero Hora*, a seção 'Geral' é frequentemente construída com a apresentação do gênero notícia em confluência com os gêneros<sup>74</sup>: publicidade, propaganda, gêneros do âmbito da publicação legal (editais, licitação, retificação, comunicado ou notificação), anúncio e reportagem, coluna de participação social, coluna de informe (congressos, eventos e cursos) e coluna da previsão do tempo.

No *Correio do Povo*, tem-se a recorrência de gêneros como: publicidade, propaganda, anúncio, informe (congressos, eventos e cursos) e gêneros do âmbito da publicação legal. Tais gêneros entrecruzam-se com o gênero notícia na seção 'Geral' do jornal.

---

<sup>73</sup> Não serão apresentadas discussões exaustivas sobre cada enunciado de gênero que se encontra nas seções dos jornais investigados. O que se pretende nessa seção é apenas identificar tais gêneros, observando que estes estão em diálogo constante com a notícia, compreendendo, dessa forma, uma das relações dialógicas que se estabelece no jornal – o diálogo entre enunciados de gêneros diferentes.

<sup>74</sup> Esta pesquisa considera tais gêneros como gêneros do jornal e não gêneros jornalísticos.

Quanto ao *O Estado de S. Paulo*, podem-se visualizar gêneros como publicidades, propagandas, anúncios, coluna da previsão do tempo, coluna/carta de pergunta-resposta, quadro da loteria e informes fúnebres (notas de falecimento). Acerca do *Diário Catarinense*, observa-se a recorrência dos gêneros publicidade, propaganda, anúncio, gêneros do âmbito da publicação legal e quadro da loteria.

Quanto a *enunciados de outros gêneros publicados em outras seções do jornal e que dialogam com a notícia*, podemos citar o gênero chamada de capa<sup>75</sup>. Esse gênero possui relação íntima de sentido com a notícia, à medida que se entrelaça a esse gênero e apresenta sua funcionalidade a ele subordinada. As chamadas de capa servem como indicadores de localização e persuasão, isto é, direcionam os leitores para determinadas páginas e/ou seções dos jornais, indicando determinadas notícias e convencendo-os a ler.

Além disso, as chamadas de capa<sup>76</sup> provocam reações de convencimento para a leitura, posto que nem todas as notícias possuem chamadas de capa, apenas as que foram categorizadas como destaque (valoradas como notícias de destaque no jornal do dia). São exemplos dessa relação dialógica:

---

<sup>75</sup> “A chamada é um dos mais importantes textos do jornal: o seu conjunto é vitrine de cada edição, e tem os maiores índices de leitura. A chamada precisa ao mesmo tempo atrair a atenção do leitor para as páginas internas e construir informação completa em si [...]” (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DE O GLOBO, 1997, p. 57).

<sup>76</sup> Benites (2001, p. 211) propõe que “a chamada de primeira página do jornal, se propõe a orientar a visão do leitor, através da condensação de grandes quantidades de informação, da seleção e da supressão de dados e, especialmente, da hierarquização dos acontecimentos. Por sua natureza heterogênea, a chamada de primeira página tem um papel fundamental na composição da imagem da realidade pelos leitores. Tanto isso é verdade que [...] quando se quer dar uma idéia do que ocorreu em um determinado momento, é comum se reproduzir somente a capa de um grande jornal. Seu texto exige frases curtas, secas, substantivas, que dêem ao leitor uma idéia de completude, mas, ao mesmo tempo, o remetam para as páginas que trazem a cobertura extensiva, numa premeditada intertextualidade, interna à edição de cada número do jornal”.

Ex.1: A chamada de capa **Confira IPVA/2008** publicada em relação à notícia **Diminui desconto para pagar IPVA** (CP11).

Ex.2: **100 anos de Niemeyer** possui relação dialógica com a publicação da notícia **O talento da Arquitetura comemora 100 anos** (CP38).

Ex.3: A chamada de capa intitulada **Mudança de comando no Tribunal de Justiça** está relacionada com a notícia **Presidente do TJRS faz ‘maratona’** (CP39).

Ex.4: **Prévia do Verão** está relacionada com a notícia **Domingo para curtir o sol** (ZH05).

Quanto às *relações dialógicas entre notícias na mesma seção*, podemos destacar exemplos como:

Ex.1: A notícia **Proteção para raios UVA e UVB** (CP40) dialoga com a notícia **Temperaturas amenas neste verão** (CP41), ambas possuem temáticas afins.

Ex.2: A notícia **Presidente do TJRS faz ‘maratona’** (CP39) possui relações de diálogo com a notícia **Abreu Lima da Rosa deverá assumir comando** (CP42) assim como com a notícia **Vigília de servidores da Justiça** (CP43).

Quanto às *relações dialógicas entre notícias publicadas em dias diferentes no mesmo jornal*, podemos destacar:

Ex.1: A notícia **Cotas exigem mais vagas na UFSC** (DC23), publicada no dia 14 de dezembro de 2007, dialoga com a notícia **Liminar que mandava abrir mais vagas na UFSC é suspensa** (DC24) publicada dia 19 de dezembro de 2007.

Ex.2: A notícia **Justiça libera parte da fortuna da Mega-Sena** (DC20), publicada no dia 14 de dezembro de 2007, dialoga com a notícia **Todo prêmio da Mega-Sena está bloqueado** (DC25) publicada no dia 19 de dezembro de 2007.

Em relação às *notícias que dialogam em diferentes jornais*, podemos destacar:

Ex.: A notícia **Interditado shopping de Law na 25** (OESP16), publicada no dia 19 de dezembro de 2007 no jornal *O Estado de S. Paulo*, dialoga com a notícia **Shopping 25 de Março é interditado** (DC26), publicada no mesmo dia no jornal *Diário Catarinense*.

Observamos, a partir dessa investigação sobre as relações dialógicas da/na notícia, que o dialogismo nesse gênero se constrói por meio do: (a) entrecruzamento de enunciados de diferentes gêneros na construção enunciativo-discursiva da notícia; (b) confluência entre gêneros na construção textual da notícia; (c) diálogo de diversos gêneros na mesma seção; (e) relação dialógica entre enunciados de gêneros diferentes em seções diferentes; (f) relações dialógicas entre notícias da mesma seção; (g) notícias de diferentes datas de publicação no mesmo jornal que dialogam entre si e (h) notícias de diferentes jornais, que dialogam entre si.

Em conclusão, retomamos as discussões anteriores sobre a situação de interação da notícia (Cf. Seção 3.2), relacionando-as com o dialogismo constitutivo desse gênero, caracterizando não apenas esse gênero, mas, em adição, as seções nas quais circula como sendo ambos (o gênero notícia e a seção) interdiscursivos<sup>77</sup>. Interdiscursivos, à medida que se conjugam na construção da notícia e da seção diferentes discursos ideologicamente saturados que entram em tensão e diálogo constante, assim como pela diversidade de discursos axiologicamente constituídos que se cruzam na discursividade das informações noticiadas, apresentando implícita ou explicitamente posicionamentos, orientações e recortes valorativos.

#### **4.1.2 O Projeto Sociodiscursivo**

Bakhtin (2003) pontua que o que determina um texto como enunciado<sup>78</sup> é seu projeto discursivo ou intenção e a realização desse projeto. Para o autor, “as inter-relações dinâmica desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto”. (BAKHTIN, 2003, p. 308).

---

<sup>77</sup> Compreende-se por interdiscursividade que “o dialogismo é sempre entre discursos. O interlocutor só existe enquanto discurso. Há, pois, um embate de dois discursos: o do locutor e do interlocutor, o que significa que o dialogismo se dá sempre entre discursos” (FIORIN, 2006, p. 166).

<sup>78</sup> “As noções de enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano [...]. Bakhtin e seu círculo, à medida que elaboraram uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação com o signo ideológico, palavra, comunicação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo [...] e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo” (BRAIT & MELO, 2006, p. 65).

É dessa forma que Bakhtin (2003) discute sobre o texto como enunciado como mônada original, à medida que pode refletir todos os textos (no limite) de uma da esfera/campo de sentido e o texto observado sob o panorama extralinguístico, pontuando que “do ponto de vista dos objetivos extralingüísticos, o lingüístico é apenas um meio” (BAKHTIN, 2003, p. 313).

Retomando as considerações de Bakhtin (2003) acerca do panorama extralingüístico e sua relação com os enunciados, pode-se afirmar que o projeto discursivo do gênero notícia está intimamente determinado pelas (a) condições sociais da situação de interação (Cf. Seção 3.2) – a relação entre autoria e leitor previsto; (b) pelo objeto do discurso – relevância temática e (c) pela esfera social e suas relações dialógicas com outras esferas – campo de atividade (Cf. Seções 2.1 e 3.1). O projeto discursivo da notícia pode ser considerado como o autor e seu querer-dizer; é a vontade, a intenção a proposição do falante mediada pelo discurso e saturada de posições ideológicas e orientações valorativas. Para Rodrigues (2005, p. 158)

[...] Dois aspectos determinam o texto como enunciado, que são o seu projeto discursivo (o autor e seu querer dizer) e a realização desse projeto (a produção do enunciado vinculado às condições/coerções da situação de interação e a sua relação com os outros enunciados; o dado da situação social de interação, da língua, do gênero, etc.). Sendo que a inter-relação dinâmica entre esses aspectos determina o caráter do texto. O texto visto como enunciado tem uma função ideológica particular [...].

Nas diversas situações de interação, o autor, tendo em vista seu projeto (intenção), regulariza seu discurso (posto que este se constrói perpassado por outros discursos, por posicionamentos ideológicos e orientações axiológicas), projeta seu leitor (constrói uma visão ou uma posição de leitor ideal, isto é, arquiteta um leitor previsível para seu querer-dizer) e se apropria de sentidos plausíveis e coerentes à situação e seu projeto (sentidos relativos ao seu objeto de discurso).

Quanto ao objeto de discurso, retomamos as considerações apresentadas sobre as diversas especificações temáticas e suas íntimas ressonâncias de entrecruzamentos (Cf. Seção 4.1). O tema da notícia conjuga-se ao projeto do autor, pois ambos funcionam em mútua dependência, posto que o autor ao determinar seu objeto de discurso, arquiteta seu projeto (especifica sua(s) intenção(ões)) e projeta o seu leitor<sup>79</sup> previsto, objetivado. Dessa inter-relação constitutiva se constrói o querer-dizer do sujeito autor ligado a condições sociais, ideológicas e tensões valorativas do próprio gênero em que se insere.

Além disso, o projeto discursivo está, em adição, ligado à esfera social (Cf. Seções 2.1 e 3.1) ou às relações que a esfera social mantém com outros campos. A notícia inserida no campo do jornalismo, pode sofrer cruzamentos de outros campos de atividades, como a esfera da publicidade, da política, da justiça, da educação, da religião, entre outras.

---

<sup>79</sup> “Para Bakhtin, tudo o que se afirma sobre a relação falante/ouvinte e da ação do falante sobre um ouvinte passivo não passa de ‘ficção científica’, um raciocínio raso que desconsidera o papel ativo tanto de um quanto de outro sem o qual a interação não acontece [...]. Todo discurso só pode ser pensado, por conseguinte como resposta [...]. Em vez de um diagrama espacial o que Bakhtin apresenta é um circuito de responsabilidade: falante e ouvinte não são papéis fixados *a priori*, mas ações resultantes da própria mobilização discursiva no processo geral da enunciação. Além de potenciais, são intercambiáveis” (MACHADO, 2006, p. 156-157).

Dessas esferas, a notícia recupera sentidos, posições que se engendram na apresentação das informações no gênero. É sob esse panorama que a notícia constrói determinados efeitos de sentido delineados e determinados pelo seu projeto discursivo.

Sob essa perspectiva, podemos repensar e questionar qual, de fato, é a intenção ou a finalidade discursiva do gênero notícia na mídia impressa. Qual sua relevância social na sociedade contemporânea e qual seu papel de mediador das diversas situações de interação; qual o objetivo dos jornais em publicar diariamente notícias. Essas questões podem ser discutidas a partir da reflexão sobre a imprensa, o discurso e as influências midiáticas.

Indaga-se, frequentemente, se as mídias possuem influência sobre a opinião pública, se as notícias influenciam no posicionamento e nas orientações ideológicas de seus leitores ou se a instância jornalística é, de fato, uma instituição de manipulação. Pergunta-se, qual a função da notícia nas nossas relações e representações sociais cotidianas. Charaudeau (2006) discute essas questões, afirmando que, geralmente, apontam-se reflexões diretas para o trabalho da mídia, sem qualquer reflexão ou conscientização sobre como sujeitos leitores, ouvintes ou telespectadores se utilizam das informações provenientes dos diversos veículos de comunicação.



Segundo o autor, o foco está unidirecional, isto é, as discussões estão apenas voltadas ao trabalho das mídias, sem qualquer questionamento acerca das instâncias de recepção. Charaudeau (2006, p. 252) considera que

Para que haja manipulação, é preciso que alguém (ou uma instância) que tenha a intenção de fazer crer a outro alguém (ou uma outra instância) alguma coisa (que não é necessariamente verdadeira), para fazê-lo pensar (ou agir) num sentido que traga proveito ao primeiro; além disso, é preciso que esse outro entre no jogo sem que o perceba. Ora, não se pode dizer que as coisas acontecem exatamente assim entre as mídias e os cidadãos. Não se pode dizer que os primeiros tenham a vontade de enganar os demais, nem que estes engulam todas as informações que lhe são dadas sem nenhum espírito crítico.

Assim, podemos verificar que o projeto discursivo do autor, assim como seu objeto de discurso estão inter-relacionados e determinados seja pela situações de interação imediata e ampla, isto é, em função dos próprios participantes da interação, seja em função de aspectos culturais, históricos, ideológicos<sup>80</sup> que configuram a própria interação e a esfera na qual o gênero notícia se constitui e funciona.

Em conclusão, retomamos Bakhtin (2000, p. 300-301) para entender que o projeto sociodiscursivo da notícia é reenunciar acontecimentos atuais da vida social, isto é, noticiar os fatos da atualidade de interesse do leitor e da empresa jornalística da qual o jornal pertence. Para o autor,

O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto de sentido – objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor e, às primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado em processo de desenvolvimento.

---

<sup>80</sup> “O trabalho da ideologia e dos índices sociais de valor se manifestam não só nos ‘conteúdos’ dos enunciados, mas nos gêneros e na sua circulação social diferenciada, demonstrando a existência de diferentes condições sociais de investimento dos gêneros”. (RODRIGUES, 2005, p. 171).

#### **4.1.3 A Reenunciação – O Discurso do Outro**

Para Bakhtin (2006, p. 150), “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. A partir desse panorama, podemos entender que o discurso do outro é uma das formas de dialogismo presente nos diversos usos da linguagem que fazemos nas diferentes interações sociais. Na retomada de posições, na recuperação de idéias ou pontos de vista ou na simples citação de discursos outros, estamos nos apropriando enunciativamente do discurso de outrem.

Além disso, compreender o funcionamento do discurso de outrem é entender o processo de reenunciação, isto é, a enunciação de discursos enunciados. Segundo Rodrigues (2001, p. 173), “o enquadramento do discurso do outro no enunciado cria a perspectiva, o fundo dialógico que é dado ao discurso introduzido”. Dessa forma, podemos entender que o discurso de outrem enquadrado no discurso do autor submete-se a processos de reenunciação e reavaliação, à medida que a situação de interação na qual o(s) discurso(s) se engendra(m) influencia diretamente nos sentidos dos discursos em diálogo/enquadramento. Em outras palavras, o discurso do outro enquadrado no discurso do autor é reenunciado e revalorado segundo o objeto e o projeto discursivos e os participantes dessa situação, sofrendo determinadas mudanças e transformações de significados. “A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que o enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química [...]” (BAKHTIN, 1998, p. 141).

Para Bakhtin (1998; 2003; 2006), o contexto que absorve o discurso de outrem constrói um fundo dialógico cujas influências, transformações e reavaliações podem ser extramamente marcantes.

No gênero notícia, o enquadramento do discurso do outro constrói diferentes efeitos de sentidos, isto é, projeções valorativos tais como: (a) efeito de autoridade; (b) efeito de reconhecimento; (c) efeito de validação; (d) efeito de avaliação; (e) efeito de compartilhamento de responsabilidade e (f) efeito de justificação. A partir disso, objetivamos apresentar enunciados de notícias que justifiquem o enquadramento do discurso de outrem como efeitos de sentidos, seja de autoridade, de reconhecimento, seja de validação ou de avaliação. O importante é verificar como o discurso do outro revalorado integra-se na construção enunciativo-discursiva da notícia, sinalizando determinados sentidos.

Os efeitos de autoridade ou de validação são construídos a partir da reenunciação do discurso do outro, apresentando uma determinada voz de credibilidade ou de legitimação das informações apresentadas. À medida que se introduzem vozes de autoridades, especialistas ou representantes de determinadas instituições ou a voz de sujeitos intimamente relacionados com os fatos reportados, a voz do outro funciona como um discurso de autoridade, isto é, legalizador, além de validar, não só a partir da voz de autoria do gênero, as informações, relatos ou dados noticiados. Por exemplo:

Ex.1: Na notícia **Pedágio: reajuste gera polêmica** (CP37), a voz do diretor-geral do DAER, Gilberto Cunha, a partir da citação direta apresenta-se como um discurso de autoridade ou de validação que sustenta as informações apresentadas. O mesmo acontece com a introdução da voz do deputado estadual Gilmar Sossella na mesma notícia. O teor dialógico conduz os efeitos de autoridade e validação.

Ex.2: Na notícia **Luto pelo Brasil comemora o fim da CPMF** (CP44), a voz de Abel Carlos, caracterizado como um voluntário presente na manifestação, realiza um sentido de compartilhamento de responsabilidade entre sua voz e a voz da autoria da notícia. Ambos se apropriam da responsabilidade de afirmar o número de participantes da manifestação; um compartilhamento da validade dos dados apresentados.

Ex.3: Na apresentação da notícia **Justiça libera parte da fortuna da Mega-Sena** (DC20), a voz de Felipe Mello, advogado de uma das partes envolvidas no caso, apresenta-se como um discurso avaliativo do fato noticiado. Felipe apresenta argumentos a favor de seu cliente, além de avaliar o caso no qual é um dos advogados presentes. A citação direta da voz de Felipe Mello sustenta sua avaliação

Ex.4: Na notícia **Rio do Sul com mais segurança** (DC10), a voz do prefeito Milton Hobus apresenta-se como um discurso de reconhecimento das iniciativas projetadas e executadas na cidade e noticiadas no jornal.

A voz de Milton Hobus sustenta a avaliação apresentada ao longo da notícia, ou seja, de que o sistema de vigilância desenvolvido em Rio do Sul (SC) é o diferencial em relação às demais cidades. Em adição ao posicionamento do prefeito, a notícia enquadra a voz de Adelino Senen Cardoso, que em citação indireta, afirma que esse sistema possui uma principal vantagem que se caracteriza como a diferença central em relação aos demais sistemas de segurança. Ambas as vozes funcionam como efeitos ou estratégias de reconhecimento, validação e avaliação frente ao fato noticiado, conduzindo o leitor a uma avaliação positiva sobre o sistema que custou à prefeitura cerca de R\$ 80 mil reais.

Ex.5: Na notícia – **O que falta para concluir a Rota do Sol** (ZH07) – a voz do diretor-geral do DAER apresenta-se como um discurso de justificação pelo atraso das obras. Em contraposição à voz de Alex Grossi Matheus, da construtora Sultepa, que aponta data específica para o término das obras, a voz de Gilberto Cunha é enquadrada como justificativa para uma informação oposta – o atraso: “Continuamos trabalhando com a idéia de liberar a estrada no dia 20, mas temos de lembrar que obra é obra, e nunca podemos ter uma rigidez de tempo tão séria [...]”.

Em síntese, o que se observa é que as notícias são extremamente polifônicas e interdiscursivas. A partir disso, as diversas vozes enquadradas por meio da reenunciação e da reavaliação do discurso do outro constroem determinados efeitos de sentido: autorização, reconhecimento, validação, avaliação, compartilhamento e justificação.

Esses efeitos discursivizados a partir das vozes do outro se engendram nas notícias, constituindo-as e servindo como valoração das diversas informações apresentadas.

Compreendemos, portanto, que a notícia se encontra orientada por eventos sociais da atualidade que motivam e orientam sua realização na rede de enunciados da esfera jornalística. Os fatos noticiados são acontecimentos discursivizados, à medida que os sujeitos autores das notícias acessam as informações por meio de discursos alheios – as fontes – (Cf. Seção 3.2.2.1), isto é, pelos enunciados do outro, pelos já-ditos sobre o fato. Como reação-resposta aos já-ditos, os enunciados recuperados para a construção dos fatos a serem noticiados desencadeiam diferentes recortes valorativos, posições ou efeitos de sentido (autorização, reconhecimento, validação, avaliação – concordância, discordância, crítica -, compartilhamento e justificação).

Essas projeções valorativas (efeitos dialógicos de sentido) saturam os fatos reenunciados pelas notícias, envolvendo-os com determinadas reacentuações axiológicas. É sob essa perspectiva que o gênero notícia apresenta-se como uma reação, uma contrapalavra ao discurso de outrem. Em suma, esses outros pontos-de-vista ou posições frente aos acontecimentos recebem diferentes valorações, posto que o sujeito autor da notícia incorpora vozes aos seu discurso, avaliando-as e redimensionando-as ao seu objeto e projeto discursivos.

Outro aspecto relevante é a relação entre a construção enunciativo-discursiva da notícia e as esferas sociais de onde essas vozes que autorizam as informações emanam.

Os discursos/vozes de esferas sociais<sup>81</sup> outras são incorporadas à notícia, buscando desencadear determinados efeitos interdiscursivos. Observamos relações dialógicas com discursos de esferas como: do cotidiano, da ciência e tecnologia, da religião, da educação, da justiça, da política, da economia e da artística. Exemplos como:

Ex.1: Na notícia **O que falta para concluir a Rota do Sol** (ZH07), a afirmação do diretor-geral do DAER – RS, Gilberto Cunha, recupera um discurso de senso comum – “[...] mas temos que lembrar que obra é obra [...]”. Essa voz retoma posições cotidianas, de senso comum sobre o fato, ambos oriundos da esfera do cotidiano.

Ex.2: Na notícia **Cotas exigem mais vagas na UFSC** (DC23), observam-se relações dialógicas entre discursos da esfera da justiça e da educação – “A Justiça Federal determinou que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) terá de criar vagas suplementares para atender ao sistema de cotas do vestibular 2008, que se encerrou na terça-feira [...]”.

Ex.3: A notícia **Nova tentativa de lançar o foguete** (DC27) apresenta relações entre discursos da esfera da ciência e da tecnologia – “O lançamento do primeiro foguete brasileiro em parceria com a Argentina, previsto para às 6h de ontem, foi adiado para hoje.

---

<sup>81</sup> Ver Rodrigues (2001, p. 69) e sua discussão sobre as esferas sociais como princípio de organização dos gêneros. Segundo a autora, “Essa proposta de organização, assentada no princípio das esferas sociais, trabalha com o todo do gênero e com a sua existência concreta, ou seja, trabalha-se com a noção de *gênero histórico*, considerando, inclusive, a impossibilidade de uma classificação exaustiva, em função da sua extrema variedade e infinidade, e, em especial, do seu processo contínuo de formação”.

O motivo, de acordo com a Agência Espacial Brasileira, foram os ventos fortes, de velocidades acima do considerado seguro”.

Ex.4: A notícia **Câmara vai abrir processo contra vereador** (DC28) apresenta relações entre discursos da esfera da política e da justiça – “O Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara de Vereadores de Florianópolis decidiu, na noite de quarta-feira, abrir processo para investigar as acusações feitas pelo ex-vereador Marcílio Ávila (PSB) contra o vereador Alexandre Filomeno Fontes (PP), que atualmente está licenciado”.

Ex.5: Na notícia **Excessos de Agentes Químicos matou Ryan** (OESP18), apresentam-se referências a discurso da justiça, da saúde e da ciência: “Perícia vai comparar sangue colhido antes e depois de ele ser medicado”.

Com isso, os discursos do outro (as diferentes vozes e relações interdiscursivas) configuram a construção enunciativo-discursiva do gênero notícia, sustentando além das projeções valorativas mencionadas, efeitos de legitimidade, veracidade e autenticidade.

## 4.2 O ESTILO<sup>82</sup> E A VALORAÇÃO

O horizonte valorativo ou axiológico funciona a partir da constituição de índices sociais de valor essenciais para o signo ideológico.

---

<sup>82</sup> “Estilo se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber [...] o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem [...]” (BRAIT, 2007, p. 80).



Para Bakhtin (2006), só pode ser considerado signo ideológico aquele que adquiriu valor social; dessa maneira, os índices sociais de valor são responsáveis pela constituição dos signos, à medida que

Realizando-se no processo de relação social, todo signo ideológico, e portanto também o signo linguístico, vê-se marcado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social determinados. A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se toram objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. [...] Como se pode determinar esse grupo de objetos “valorizados”? [...] Admitimos chamar a realidade que dá lugar à formação de um signo de tema do signo. Cada signo constituído possui seu tema. Assim, cada manifestação verbal tem seu tema. O tema ideológico possui sempre um índice de valor social [...]. (BAKHTIN, 2006, p. 45-46).

Podemos observar, assim, que, para Bakhtin (2003;2006), os índices valorativos/axiológicos são saturados por ideologias e se constituem nas diversas situações de interação social, portanto, são de natureza interindividual. No meio social, as diversas condições socioeconômicas essenciais para a dinâmica e articulação do grupo em sua rede de relações interpessoais agem sob os sentidos e sob as significações interindividuais, formando signos e os saturando de valores (recortes valorativos) e de orientações (ideológicas). Com isso, “não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social”. (BAKHTIN, 2006, p. 46).

É sob essa relação entre valoração, ideologia e signo que se revisitam as considerações bakhtinianas de estilo dos gêneros do discurso. Para a ADD, o estilo dos gêneros funda-se na relação (ou nas relações) de alteridade, ou seja, busca-se compreender como determinados usos da linguagem apresentam-se engendrados por particularidades, singularidades e recortes de sentidos afetados, impregnados ou alterados pelas diferentes relações sociais que as constituem. Segundo Brait (2007, p. 96),

Desse conjunto de reflexões sobre o estilo, surpreendido em várias obras de Bakhtin e seu Círculo, é possível concluir que quaisquer conceitos, categorias, noções que se queira trabalhar deverão estar coerentemente situados nos fundamentos epistemológicos que o sustentam. Assim se dá com o conceito bakhtiniano de estilo: ele não pode separar-se da idéia de que se olha um enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, da história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de um evento. [...]. Assim se dá com os diferentes trabalhos em que o Círculo, a propósito de um determinado tema, constituiu uma perspectiva discursiva de estilo. Essa perspectiva, justamente pelo seu alcance discursivo, pode ser trabalhada em textos produzidos nas mais variadas esferas, nas diferentes atividades englobadas por essas esferas, como condição para compreender tanto a atividade em suas invariáveis quanto os sujeitos que nela atuam e que, apesar de todas as coerções, interferem, atuam estilisticamente na movimentação dessa esfera, de suas atividades, de seus gêneros.

Com base nessas considerações teórico-metodológicas, objetivamos analisar o estilo e o horizonte valorativo do gênero notícia a partir de (a) suas visadas dialógico-valorativas, isto é, por meio de seus movimentos dialógicos de discursivização; (b) suas projeções estilístico-composicionais, considerando os recursos da língua utilizados e recortados axiologicamente e (c) suas estratégias de construção lingüístico-textuais, isto é, por meio da identificação e análise de determinados parâmetros textuais que engendram a notícia.

#### **4.2.1 Visadas Dialógico-valorativas**

Compreendemos visadas dialógico-valorativas enquanto determinados movimentos dialógicos discursivizados, valorados e saturados por orientações ideológicas que organizam a construção estilístico-composicional da notícia. Esses movimentos dialógicos podem ser projetados por meio de:

(1) Visada Dialógico-Valorativa de Localização Tempo-Espacial e Identificação de Participantes: são determinadas escolhas lexicais e fraseológicas que, discursivizadas, objetivam orientar o interlocutor acerca do tempo, do espaço (ambientalização) e dos participantes dos fatos noticiados. Geralmente são visadas dialógicas ancoradas no *lead*, à medida que este objetiva apresentar informações pontuais e contextualizadoras sobre o acontecimento reportado pela notícia. Observamos, em adição, que a visada de localização espaço-temporal apresenta-se construída, freqüentemente, por operadores (adjuntos) adverbiais de tempo e de espaço, como podemos observar nos excertos a seguir:

Ex. 1: Após dois anos de espera, ontem<sup>83</sup> foi inaugurado o **tomógrafo computadorizado do Hospital Universitário (HU)**<sup>84</sup>, em Florianópolis. O **aparelho** que permite detectar com precisão doenças cerebrais, torácicas e abdominais, será o único a operar gratuitamente no Estado. (DC16)

Ex. 2: **Moradores e trabalhadores das imediações das ruas General Neto e Engenheiro Saldanha**, no bairro Floresta, estão assustados com os assaltos constantes, de dia e à noite. [...] No dia 11, às 11h, trabalhadores de uma obra na rua Engenheiro Saldanha foram assaltados e **os ladrões** fugiram [...]. (CP45).

Ex. 3: Neste Natal, o **Papai Noel das crianças da oncologia pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre** chegou bem acompanhado. O **guitarrista americano Stanley Jordan** se transformou em uma espécie de duende de Noel e o acompanhou na festa realizada ontem à tarde para mais de **700 meninas e meninos em tratamento e seus familiares**. (ZH12).

---

<sup>83</sup> O que está sublinhado corresponde a visadas dialógico-valorativas de localização tempo-espacial.

<sup>84</sup> O que está em negrito corresponde a visadas dialógico-valorativas de identificação de participantes.

(2) Visada Dialógico-Valorativa de Retomada do Assunto: são determinados recursos lingüísticos que funcionam como orientação para o interlocutor quanto à retomada do assunto. Esse recursos lexicais e fraseológicos apresentam-se usualmente construídos por meio de marcadores discursivos remissivos como pronomes demonstrativos (aquele, aquela (s), este, esta (s)), pronomes pessoais (ele, ela (s) entre outras expressões referenciais anafóricas ou catafóricas marcadas por determinadas orientações axiológicas do jornalista sobre o objeto do discurso.

Ex. 4: O Grupo RBS foi o vencedor do Prêmio Responsabilidade Social 2007 na categoria Grandes Empresas. A distinção foi entregue ontem à noite, no Teatro Dante Barone, na Assembléia Legislativa, em Porto Alegre. A premiação visa reconhecer e destacar empresas e entidades que atuam na promoção do bem-estar da sociedade e na preservação do ambiente [...]. Durante a cerimônia, a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho também foi agraciada com uma medalha [...]. (ZH16).

Ex. 5: Uma mãe tem deixado o filho de 19 anos acorrentado em casa no norte do Paraná, alegando que ele é viciado em crack, está jurado de morte e sofre de tendências suicidas. Eles vivem em Rolândia, a 390 quilômetros de Curitiba. A corrente, de mais de 3 metros, está presa à porta de um quarto e ao tornozelo do rapaz [...]. (OESP19)

(3) Visada Dialógico-Valorativa de Ativação do Conhecimento Prévio ou Compartilhado: são determinadas explicações, que objetivam orientar o leitor frente a determinados dados ou fatos reportados. Essa visada geralmente apresenta-se construída em notícias inseridas dentro da temática de ciência, tecnologia, dados biográficos entre outras que buscam explanar sobre determinados assuntos não cotidianos ou que estejam relacionados a informações específicas.

Ex. 6: O Quiet Riot lançou certa notoriedade na década de 80 com a música Cum on Feel the Noise, do álbum de estréia Metal Health, 1983. (ZH06)

(4) Visada Dialógico-Valorativa de Direcionamento ou Referência ao Leitor: são determinados recursos da língua, que buscam construir uma orientação ou referência direta ao leitor. Geralmente são substantivações ou pronominalizações que se direcionam explicitamente à reação-resposta do leitor frente à temática da notícia.

Ex. 7: Leitores vão receber 12 edições, sempre encartadas no Diário Catarinense, às sextas-feiras. (DC08)

(5) Visada Dialógico-Valorativa de Validação: são dados ou discursos de outrem que funcionem como discurso de autoridade ou de validação para o fato noticiado. A voz do outro apresenta-se como subsídio para a reafirmação dos fatos ocorridos, gerando efeitos de credibilidade e veracidade.

Ex. 8: A CPI da Moeda Verde, na Câmara da Capital, encerra o ano com mais seis depoimentos [...]. As sessões serão amanhã e quarta-feira, sempre às 9h, 14h e 16h [...]. De acordo com o presidente da CPI, Jaime Tonello, outros depoimentos serão marcados para 2008. (DC11).

Ex. 9: Cerca de 24 toneladas de CDs e DVDs falsificados apreendidos em São paulo foram trituradas ontem pela Prefeitura [...]. O Prefeito Gilberto Kassab (DEM), que colocou os CDs na máquina trituradora, disse que está adotando “medidas irreversíveis” para evitar a utilização de produtos apreendidos. (OESP20).

(6) Visada Dialógico-Valorativa de Avaliação: são posicionamentos de concordância ou de discordância sobre determinado fato noticiado. As avaliações são discursivizadas seja pelo enquadramento do discurso do outro, seja por orientações construídas por determinados recursos da língua funcionando como índices avaliativos<sup>85</sup> (adjetivações, substantivações, entre outros recursos lexicais e fraseológicos).

Ex. 10: Liminar da 13ª Vara da Fazenda Pública garantiu no dia 10 ao empresário Law Kin Chong acesso a outro de seus shoppings – o Pari – [...]. Segundo Miguel Pereira Neto, advogado de Law, a liminar indica que o “tribunal entendeu que está tudo regular”. Ele diz “estranhar” que só os shoppings de seu cliente sejam alvo de vistoria da Prefeitura. (OESP09).

Ex. 11: A Operação Natal, organizada pela Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) para administrar o caótico trânsito de São Paulo em dezembro, já dá sinais de ineficiência. (OESP21).

Ex. 12: Apesar de o engenheiro Alex Grossi Matheus, da construtora Sultepa, ser taxativo ao afirmar que a Rota do Sol estará pronta na tarde do dia 20, o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER – RS), responsável pela liberação do tráfego, é mais cauteloso. [...] O cenário no canteiro das obras mudou significativamente desde o feriado de Finados, quando a rodovia foi interditada. (ZH07).

Buscou-se nessa seção apresentar como o gênero notícia constrói determinadas visadas dialógicas que se entrecruzam na sua configuração estilística e composicional. As visadas dialógico-valorativas funcionam como parâmetros de organização, planejamento e construção enunciativo-discursiva da notícia, à medida que regularizam as informações noticiadas nesse gênero por meio de diferentes recursos fraseológicos da língua.

---

<sup>85</sup> Os índices avaliativos serão tratados na próxima seção.

#### **4.2.2 Projeções Estilístico-composicionais**

Segundo Bakhtin (2006, p. 128-129), a língua vive e evolui no curso das diferentes situações de comunicação verbal. Dessa forma, uma metodologia sociológica de investigação sobre a língua deveria, por consequência, seguir determinadas etapas que estudassem, dentre elas, o “exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual”.

Sob essa perspectiva, objetivamos investigar quais são os recursos lexicais e fraseológicos específicos da língua que engendram a construção do gênero notícia. Para tanto, a análise buscará identificar e analisar tais recursos léxico-gramaticais em relação direta com as condições concretas em que se realizam, isto é, explicará o uso desses elementos da língua sob a determinação de recortes ideológicos e valorativos da interação social na qual se produzem e circulam. Após a análise do corpus, constatamos que as projeções estilístico-composicionais da notícia compreendem:

(1) Marcadores de Pressuposição: são recursos léxico-gramaticais que funcionam como orientadores ou delineadores das reações-repostas dos interlocutores (leitores), posto que, na construção estilístico-composicional da notícia, tais recursos lingüísticos antecipam a contrapalavra do leitor, direcionando-a a determinadas conclusões. São marcadores pressuposicionais na notícia: verbos que indicam ações mentais e cognitivas (ex.: compreender, saber, reconhecer, descobrir, esquecer) denominados na semântica da enunciação como verbos factivos epistêmicos; verbos que expressam emoções, sensações e sentimentos (ex.: sentir, lamentar, alegrar-se,

arrepender-se); verbos que indicam conquistas ou realizações (ex.: conseguir, alcançar, concretizar), chamados pela semântica argumentativa de verbos implicativos; verbos que indicam mudança de estado (deixar, começar, continuar, permanecer, tornar-se); conectores circunstanciais de tempo (antes de, depois de, desde que) e expressões definidas. São exemplos:

Ex. 1: A reclamação geral dos pacientes era a falta de organização, já que não houve distribuição de senhas. O temor era aguardar horas na fila e não conseguir marcar a consulta. (DC06).

Ex. 2: Depois de 4 horas de espera, a pensionista Alda Almeida, 81 anos, moradora da praia do Santinho, na capital, confiou a árdua tarefa de marcar consulta com um cardiologista para outra pessoa na fila. (DC06)

Ex. 3: Alegando motivos de segurança, o Departamento de Controle do Uso de Imóveis (Contru) interditou ontem o Shopping 25 de Março, na rua Barão de Duprat, 181, região central de São Paulo. No local, a Receita Federal apreendeu de 35 a 40 sacos de produtos eletrônicos [...] O dono do shopping, o chinês naturalizado brasileiro, Law Kin Chong, soube à distância que as portas do estabelecimento estavam sendo emparedadas. (OESP16).

(2) Indicadores Atitudinais ou Marcadores Avaliativos: são expressões que apresentam o posicionamento, a avaliação e/ou o estado psicológico (atitude) do autor diante dos enunciados que produz. Tais expressões se utilizam de adjetivações, adverbializações ou outros recursos fraseológicos para demonstrar orientações de concordância, discordâncias e diversos projeções valorativos diante dos enunciados produzidos. Koch (2004, p. 53), sob o ponto de vista sociocognitivo da Lingüística Textual, pontua que “a atitude subjetiva do locutor em face de seu enunciado pode traduzir-se numa avaliação ou valoração dos fatos, estados ou qualidades atribuídas ao referente”. São exemplos:



Ex. 4: O morador do Bairro Monte Alegre, a região mais atingida pela enxurrada de terça-feira, em Camboriú, só conseguiu tirar eletrodomésticos e roupas de dentro de casa, onde moram seis pessoas. (DC30).

Ex. 5: Os rastros da destruição ainda começavam a se revelar a manhã de ontem em Camboriú. Por trás de moradores lavando as calçadas e máquinas fechando buracos, situações críticas apareciam nas ruas de mais difícil acesso. O prejuízo foi dos moradores e do poder público. (DC31).

Ex. 6: O primeiro diretor do Serviço Estadual de Turismo do Rio Grande do Sul, Walter Seabra, morreu no último dia 16 aos 93 anos. [...] Entre seus feitos, além de realizações de ações inéditas no Estado [...]. (CP26).

Ex. 7: A presença de mulheres indígenas com crianças nas ruas do Centro de Porto Alegre tem se revelado mais um problema social da cidade. À espera de esmolas ou oferecendo artesanato, eles passam o dia sentados no chão em condições precárias de higiene e saúde. Embora o hábito seja frequente há anos, o cenário provoca revolta na população, pois o quadro se agravou desde o começo deste mês – sendo visto como um descaso das autoridades em relação aos índios. (CP16).

(3) Índices de Domínio: são recursos lingüísticos que identificam ou delimitam o domínio temático ou o modo pelo qual os enunciados são proferidos. Geralmente, são expressões (adjuntos) adverbiais de modo que indicam/ especificam um determinado recorte das informações apresentadas na notícia. São exemplos, alguns excertos como:

Ex. 8: Desde a Constituição de 1988, por exemplo, pelo menos 18 projetos que buscam alterar a legislação trabalhista foram apresentados no Congresso. (ZH17).

Ex. 9: Para a professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Eliana Pessanha, especialista em História do Direito e da Justiça do Trabalho, o fato de a legislação trabalhista ser “extremamente benéfica” transforma-se na grande dificuldade em mexer nesse sistema. (ZH17).

Ex.10: Parada cardiorrespiratória, causada por excesso de agentes químicos – que agiram no sistema nervoso central interferiram no mecanismo automático de respiração. [...] O laudo necroscópico do Instituto Médico Legal (IML) descarta causas externas, como alguma agressão [...]. (OESP18).

(4) Operadores Lógicos de Organização Lingüístico-Textual: são determinados recursos da língua (conjunções predominantemente) que têm como função ligar períodos de forma coerente e coesa, indicando, delimitando ou direcionando os leitores a determinadas idéias ou posições intencionadas pelo sujeito autor. Para a semântica enunciativa (DUCROT, 1987), esses operadores lógicos são denominados de operadores argumentativos, pois funcionam por meio da construção interpretativa de escalas e classes de argumentação. Nessa pesquisa, busca-se identificar os operadores lógicos como organizadores lógicos dos enunciados quanto a sua construção fraseológica e seu recorte valorativo (orientação axiológica). Percebe-se, portanto, que os operadores lógicos no gênero notícia, sob o panorama da ADD, funcionam como direcionamentos ou localizadores da construção compreensiva de idéias ou posicionamentos particulares frente aos enunciados produzidos, isto é, direcionam os leitores a conclusões específicas.

Os operadores lógicos podem ser de adição (ex.: e, assim como); de adversatividade/ contraste/ oposição (por exemplo, mas, entretanto, por outro lado); de alternância (ou, seja...seja, ou...ou, nem...nem); de explicação (por exemplo: porque, pois, com isso); de conclusão (porque, pois, em conclusão); de causa (porque, pois que, visto que, uma vez que); de concessão (mesmo que, ainda que, bem que, se bem que); de condição (se, caso, contanto que, desde que); de finalidade (para que, a fim de que); de tempo (quando, antes que, depois que); de consequência (de forma que, de maneira que, de modo que); de comparação (assim como, que, do que); de conformidade (segundo, de acordo com, consoante); de proporção (à medida que, ao passo que, quanto mais). São exemplos, operadores em excertos como:

Ex. 11: A reclamação geral dos pacientes era a falta de organização, já que não houve distribuição de senhas. O temor era aguardar horas na fila e não conseguir marcar a consulta. (DC06).

Ex. 12: Os turistas brasileiros que chegam em Porto Alegre podem ser divididos em três grupos. Em comum têm o apreço pela hospitalidade dos porto-alegrenses. Mas destacam como problemas questões relacionadas à limpeza e à segurança. (CP48).

Ex. 13: Cinco dias depois, foi a vez do Shopping 25 Brás, na rua Barão de Ladário, ser lacrado. Uma liminar, porém, autorizou a reabertura do local oito dias depois. (OESP16).

(5) Marcadores Discursivos: são recursos fraseológicos que direcionam as respostas (responsividade) do leitor para uma determinada orientação valorativa. Geralmente, os marcadores discursivos são expressos por conjunções, adjuntos adverbiais ou verbalizações. Os marcadores discursivos podem ser de exemplificação (por exemplo, tais como, exemplificando, um exemplo de); de ênfase (de fato, isto é, ou seja); de seqüenciação ou ordem cronológica (primeiramente, segundo, finalmente, agora, então, depois de, antes de, desde, de...até); de ordem de relevância/importância (o mais importante, acima de todos, o menos importante, significativamente, primordialmente); de efeito ou resultado (como resultado, como consequência, dessa forma, com isso, sob essa perspectiva); de articulação/enquadramento do discurso de outrem (de acordo com, segundo, como afirma X, concordando com Y, discordando com W); de enumeração (primeiro, segundo, terceiro...o número 1, o número 2...); de sumarização (em síntese, em resumo, resumidamente, em suma, em conclusão); de oposição/discordância (em oposição a X, em discordância com Y, discordando de W); de assimilação/concordância (em concordância com X, concordando com Y, em favor de W); de tempo (por enquanto, nesse período) Vejam os exemplos de marcadores discursivos em excertos como:

Ex. 14: Por enquanto, apenas 9 dos 82 quilômetros de pista dupla prometidos pelo departamento estão liberados para o tráfego. Até a próxima sexta-feira, Santos garante que 40 quilômetros estarão prontos, a maior parte deles entre Palhoça e Criciúma. (DC32).

Ex. 15: De acordo com o presidente da Fetranesc, Pedro Lopes, essa portaria não estava de acordo com o que foi acertado na reunião do dia 5 de novembro. (DC32).

Ex. 16: Segundo o delegado, as investigações concluíram que os indiciados de fato participaram de esquema fraudulento para obtenção de financiamento de um banco alemão. (CP24).

Ex. 17: O primeiro dos grupos identificados é formado por homens casados, com idades na faixa dos 40 anos [...]. O segundo grupo são de visitantes [...]. O terceiro grupo é formado por quem visita familiares [...]. Segundo a professora Liane Werner, que coordenou a pesquisa [...]. (CP48).

(6) Verbos de Citação/Identificação do Discurso de Outrem: são denominados por estudos em Linguística Textual de verbos discentes, pois expressam na organização textual, a introdução de enunciado(s) citado(s) do(s) outro(s). Na pesquisa, verifica-se que esses recursos de verbalização, comumente construídos pelos verbos dizer, citar, alegar, falar, reportar, antecipar, relatar, confirmar, concordar, discordar, informar, comunicar, argumentar, criticar, opinar, posicionar-se, considerar, entre outros, funcionam como organizadores ou identificadores do enquadramento do discurso de outrem na configuração estilístico-composicional das notícias. Vejamos:

Ex. 18: Com as obras, o aumento das frotas de carro e o destaque que Santa Catarina ganhou nas revistas de turismo nacionais, o motorista tem que saber que as rodovias do litoral vão literalmente parar em alguns momentos – antecipa Fiamoncini, que considera todo o trecho Sul e as regiões de Itapema e Balneário Camboriú como as mais críticas da temporada. (DC32).

(7) Indicadores Modais: são recursos lexicais e fraseológicos que sinalizam determinados recortes de valor (possibilidade, probabilidade, capacidade, sugestão, conclusão, proibição, dever, conselho, dúvida, necessidade, entre outros), assim como direcionam a contrapalavra do leitor, antecipando sua reação-resposta. Segundo Rodrigues (2007, p. 1742), os indicadores modais apresentam-se como materializações da relação dialógica do enunciado do autor com o enunciado da reação-resposta do leitor, isto é, são modos de orientação (direcionamento) para o leitor. Vejamos como podemos encontrar esses indicadores modais nas notícias:

Ex. 19: Os candidatos precisam ter Ensino Fundamental completo com idade mínima de 18 anos e máxima de 35. (CP49).

Ex. 20: Com as obras, o aumento das frotas de carro e o destaque que Santa Catarina ganhou nas revistas de turismo nacionais, o motorista tem que saber que as rodovias do litoral vão literalmente parar em alguns momentos – antecipa Fiamoncini, que considera todo o trecho Sul e as regiões de Itapema e Balneário Camboriú como as mais críticas da temporada. (DC32).  
A interrupção deve ocorrer apenas nas terças e quintas-feiras, sempre ao meio-dia. (DC32).

Ex. 21: Placas devem ser instaladas a partir de segunda-feira ao longo das rodovias recomendando os caminhoneiros a evitarem circular nos horários de pico [...]. (DC33).

Ex. 22: A polícia não tem dúvidas de que a morte foi encomendada. (OESP22).

Ex. 23: Continuamos trabalhando com a idéia de liberar a estrada no dia 20, mas temos de lembrar que obra é obra, e nunca podemos ter uma rigidez de tempo tão séria [...]. Ontem, seria iniciado o aterro do acesso leste da ponte. Entre o viaduto e os túneis, ainda faltam cerca de 180 metros de asfalto, que devem ser construídos até o final desta semana. (ZH07).

(8) Recurso das Aspas: são recursos de pontuação, que são “frequentemente usados como um modo de manter distância do que se diz”, (KOCH, 2004, p. 65), buscando passar a responsabilidade do discurso apresentado para o outro. Vejamos um exemplo no excerto:

Ex. 24: Para a professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Eliana Pessanha, especialista em História do Direito e da Justiça do Trabalho, o fato de a legislação trabalhista ser “extremamente benéfica” transforma-se na grande dificuldade em mexer neste sistema. (ZH17).

(9) Discurso de Senso-Comum: são recursos de retomada ou ativação de expressões que remetem a senso comum. Afirmações tautológicas são um exemplo, vejamos no excerto:

Ex. 25: Continuamos trabalhando com a idéia de liberar a estrada no dia 20, mas temos de lembrar que obra é obra, e nunca podemos ter uma rigidez de tempo tão séria [...]. Ontem, seria iniciado o aterro do acesso leste da ponte. Entre o viaduto e os túneis, ainda faltam cerca de 180 metros de asfalto, que devem ser construídos até o final desta semana. (ZH07).

(10) Marcas de Discurso Relatado Direto: são recursos lexico-gramaticais de incorporação do enunciado do outro (a voz de outrem), marcados na composicionalidade do enunciado. Para Fiorin (2006, p. 32-33), “ são maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso [...]; são formas de absorver [enquadrar] o discurso alheio no próprio enunciado”. Em adição, Rodrigues (200, p. 1731) pontua que o discurso de outrem citado no discurso citante satura-se de um novo horizonte axiológico, ou seja, um novo acento de valor que se engendra nesse “fundo dialógico que é dado ao discurso introduzido”. No gênero notícia, como já discutido nas seções anteriores, o enquadramento do discurso de outrem em confluência com o discurso citante cria um determinado entrecruzamento dialógico-aperceptivo que resulta não apenas num diálogo constitutivo entre esses discursos, como estabelece uma reavaliação do discurso citado. Vejamos no excerto:

Ex. 26: Esperando desde às 4h, o aposentado Valter da Silva, de Brusque, no Vale do Itajaí, tentava remarcar uma consulta para a mulher.

- Isto é uma pouca vergonha. E o pior que é sempre assim. (DC06).

Ex. 27: “**Na Oscar Freire, o metro quadrado para locação chega a R\$ 100 [...]**” (OESP23).

(11) Marcas de Discurso Relatado Indireto – para Bakhtin (2006), o discurso relatado indireto de outrem integrado no discurso citante adquire determinado relevo, sua coloração se destaca mais claramente, mas ao mesmo tempo se acomoda aos matizes da atitude do autor (p. 169). Para o autor, as marcas do discurso indireto são compreendidas como determinadas recuperações analíticas do discurso de outrem. Essas marcas sofrem um “estranhamento”, posto que no enquadramento no discurso citante são retomadas como discurso do outro. O discurso indireto nas notícias é geralmente marcado por verbos de elocução e por conjunções integrantes, recursos lingüísticos que projetam indiretamente a voz do outro.

Ex. 28: O diretor geral da maternidade, Paulo Roberto Furlaneto, afirmou que **a secretária de Estado da Saúde está ciente da ação**. (DC34).

(12) Marcas de Discurso Bivocal: são marcas do discurso alheio não demarcadas. Para Fiorin (2006, p. 38-39), “nesse caso não temos demarcações nítidas entre as vozes. Elas misturam-se, mas, apesar disso, são claramente percebidas [...]. Duas vozes mesclam-se nas mesmas palavras”.

Ex. 29: Como fazem a cada três meses, pacientes de todas as regiões do Estado chegaram mais cedo possível ao HU para garantir a marcação de consultas de retorno. (DC06).

Ex. 30: Também aguardados, ontem, Odilon Furtado Filho, Renato Joceli de Souza e Paulo Cordeiro justificaram as suas ausências. (DC04).

(13) Verbos no Presente do Indicativo: é recorrente nas notícias, em função da busca pelo relato atual de fatos/ acontecimentos, o uso de verbos no presente do indicativo. Na notícia, os acontecimentos são reenunciados na forma de relatos e o uso de verbos no presente do indicativo reiteram o valor de atualidade desses relatos ao longo da construção textual deste gênero. Vejamos alguns excertos:

DRT homenageia os servidores. (CP03).

UFSC divulga os gabaritos.

A UFSC divulgou ontem os gabaritos e as provas que foram feitas pelos candidatos de domingo a terça-feira. (DC13).

PUCRS realiza provas. (ZH4).

(14) Verbos no Pretérito Perfeito do Indicativo: assim como o presente do indicativo é uma regularidade linguístico-textual presente na notícia, o uso de verbos no pretérito perfeito do indicativo, em adição, se engendra na construção textual deste gênero. O uso desse tempo verbal vem realçar o valor de relato/ de narração dos acontecimentos que a notícia reenuncia.

UFSC divulga os gabaritos.

A UFSC divulgou ontem os gabaritos e as provas que foram feitas pelos candidatos de domingo a terça-feira. (DC03).

Ave transmite doença a 23 pessoas.

Elas entraram em contato com caturritas apreendidas no Vale do Rio Pardo dia 28 de novembro. (CP12).



Foram apresentadas discussões sobre as regularidades estilísticas do gênero jornalístico notícia. A próxima seção objetiva apresentar as diversas estratégias de planejamento/construção/organização lingüístico-textual das informações relatadas nas notícias. Busca-se, dessa maneira, apresentar considerações sobre a composicionalidade do gênero, assim como diferentes parâmetros de textualização empregados.

#### 4.3 A COMPOSICIONALIDADE TEXTUAL

Quanto à organização textual do gênero notícia na mídia do jornalismo impresso, pode-se observar a seguinte composição lingüístico-textual de acordo com os respectivos jornais:

##### (1) *Jornal Zero Hora*

O Jornal Zero Hora (ZH) apresenta a seguinte configuração composicional com sua respectiva extensão textual:

(1.1) Notícias de Página Inteira – notícias dispostas em uma página por completo.

Essas notícias possuem os seguintes elementos textuais:

- (a) Especificador Temático – geralmente são palavras ou expressões que localizam o leitor com a seção ou assunto tratado na notícia da página inteira. Após o especificador, há sempre uma explicação prévia da notícia.

Ex. 1: **Estradas** - Empreiteiras responsáveis pela obra prometem entregar rodovia que liga Serra ao litoral norte no dia 20, mas DAER ainda não definiu se liberará o tráfego para veículos no feriadão de Natal. (ZH07).

(b) Título da Notícia – referência explícita ao tema que a notícia trata.

Ex. 2: O que falta para concluir a Rota do Sol. (ZH07).

(c) Marca de Autoria – apresenta(m)-se o(s) nome(s) do(s) autor(es).

Ex.3: João Henrique Machado (ZH07).

(d) Lead – apresentação de informações contextuais sobre a notícia.

Geralmente responde sobre referências de tempo, espaço, participantes e temática das notícias.

Ex. 4: Apesar de o engenheiro Alex Grossi Matheus, da construtora SULTEPA, ser taxativo ao afirmar que a Rota do Sol estará pronta na tarde do dia 20, o Departamento Autônomo de estradas de Rodagem (Daer-RS), responsável pela liberação do tráfego, é mais cauteloso. (ZH07).

(e) Corpo da Notícia – apresentação da notícia propriamente dita.

(f) Gêneros Multimodais Intercalados – geralmente são fotografias, infográficos, tabelas ou esquemas que se relacionam com a temática da notícia.

(g) E-mail – apresentação do e-mail do autor ou dos autores da notícia.

(1.2) Notícias de ½ Página – notícias dispostas em ½ página no jornal ZH (por exemplo, a notícia ZH15) possuem a seguinte composicionalidade:

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Lead;

(d) Corpo da Notícia

(e) Gêneros Multimodais Intercalados.

(1.3) Notícias 1/3 de Página – apresentam a seguinte organização (por exemplo, a notícia ZH16):

(a) Título;

(b) Corpo da Notícia;

(c) Gêneros Multimodais Intercalados.

(1.4) Notícias ¼ de Página – podem ser de três tipos:

(1.4.1) Notícias de ¼ Página Especificadas com Lead – notícias distribuídas em ¼ de página que apresentam especificador temático e lead, possuindo a seguinte composicionalidade (por exemplo, a notícias ZH18).

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Lead;

(d) Corpo da Notícia;

(1.4.2) Notícias de ¼ de Página Especificadas sem Lead – notícias de ¼ de página que apresentam especificador temático, mas não lead (por exemplo, a notícia ZH19). Sua organização composicional apresenta-se da seguinte forma:

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Corpo da Notícia.

(1.4.3) Notícias de ¼ de Página Não-Especificadas e sem Lead – notícias de ¼ de páginas que não apresentam especificador temático e nem lead (por exemplo, a notícia ZH20). Seus elementos composicionais são:

(a) Título;

(b) Corpo da Notícia.

(2) *Jornal Correio do Povo*

O *Jornal Correio do Povo* (CP) apresenta a seguinte configuração composicional com sua respectiva extensão textual:

(2.1) Notícias de ½ Página – apresentam a seguinte composicionalidade (por exemplo, a notícia CP16):

(a) Título;

(b) Lead;

(c) Corpo da Notícia

(d) Gêneros Multimodais Intercalados

(2.2) Notícias de ¼ de Página – apresentam a seguinte organização (por exemplo, a notícia CP24).

(a) Título;

(b) Lead;

(c) Corpo da Notícia;

(d) Gêneros Multimodais Intercalados;

(2.3) Notícias 1/5 de Página – organizam-se da seguinte forma (por exemplo, a notícia CP50):

(a) Título;

(b) Corpo da Notícia.

(3) *Jornal O Estado de S. Paulo*

O Jornal O Estado de S. Paulo (OESP) apresenta a seguinte configuração composicional com sua respectiva extensão textual:

(3.1) Notícia de Página Inteira – apresenta a seguinte disposição dos elementos composicionais (por exemplo, a notícia OESP01):

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Lead;

(d) Marca de Autoria;

(e) Localização Geográfica da Notícia;

(f) Corpo da Notícia;

(g) Gêneros Multimodais Intercalados (com ou sem referência à notícia);

(3.2) Notícia de 1/3 de Página – possui a seguinte organização (por exemplo, a notícia OESP02):

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Lead;

- (d) Corpo da Notícia;
- (e) Marca de Autoria;
- (f) Gêneros Multimodais Intercalados (com ou sem referência à notícia);

(3.3) Notícias de ¼ de Página – possuem dois tipos:

(3.3.1) Notícias de ¼ de Página Especificada e com Lead – possuem a seguinte organização (por exemplo, as notícias OESP03):

- (a) Especificador Temático;
- (b) Título;
- (c) Lead;
- (d) Marca de Autoria;
- (e) Corpo da Notícia;
- (f) Gêneros Multimodais Intercalados (com referência à notícia).

(3.3.2) Notícias ¼ de Página Não-Especificada e sem Lead – apresentam a seguinte composicionalidade (por exemplo, as notícias OESP06):

- (a) Título;
- (b) Localização Geográfica da Notícia;
- (c) Corpo da Notícia;
- (d) Marca de Autoria Opcional

#### (4) Jornal *Diário Catarinense*

O Jornal Diário Catarinense (DC) apresenta a seguinte configuração composicional com sua respectiva extensão textual:

(4.1) Notícia de Página Inteira – apresenta a seguinte configuração composicional (por exemplo, a notícia DC35):

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Lead;

(d) Corpo da Notícia;

(e) Gêneros Multimodais Intercalados (com e/ou sem referência à notícia).

(4.2) Notícia de ½ Página - há dois tipos:

(4.2.1) Notícias de ½ Página Especificada e com Lead – possuem a seguinte organização (por exemplo, a notícia DC06):

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Lead;

(d) Corpo da Notícia;

(e) Gênero Multimodal Intercalado.

(4.2.2) Notícias de ½ de Página Não-Especificada e com Lead – organizam-se da seguinte forma (por exemplo, a notícia DC34):

(a) Título;

(b) Localização Geográfica da Notícia;

(c) Lead;

(d) Corpo da Notícia;

(4.3) Notícias de ¼ de Página – possuem dois tipos:

(4.3.1) Notícias de ¼ de Página Especificada – possuem a seguinte organização (por exemplo, a notícia DC36):

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Marca de Autoria;

(d) Lead;

(e) Corpo da Notícia;

(f) Gêneros Multimodais Intercalados (com referência à notícia).

(4.3.2) Notícias de ¼ de Página Não-Especificadas – possuem a seguinte composicionalidade (por exemplo, a notícia DC37):

(a) Título;

(b) Lead;

(c) Corpo da Notícia.

(4.4) Notícias 1/5 de Página – possuem a seguinte organização (por exemplo, a notícia DC04):

(a) Especificador Temático;

(b) Título;

(c) Lead;

(d) Corpo da Notícia;

(e) Gêneros Multimodais Intercalados (sem referência à notícia).

Como observado, o gênero notícia apresenta relativa estabilidade quanto a sua composicionalidade lingüístico-textual.



Nos jornais analisados (ZH, CP, OESP e DC), podem-se observar diferentes elementos composicionais textuais regulares na notícia, tais como título, *lead* e gêneros multimodais intercalados, assim como elementos relativamente freqüentes como especificador temático, marcas de autoria e localização geográfica da notícia.

Em adição à organização dos elementos composicionais da notícia, a próxima seção apresenta uma discussão sobre as diferentes estratégias de organização lingüístico-textual do gênero, levantando aspectos relativos aos diversos parâmetros textuais utilizados na configuração composicional textual do gênero jornalístico notícia.

#### 4.4 ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICO-TEXTUAL

Por estratégias de construção lingüístico-textual entendem-se os diversos parâmetros de textualização que organizam as informações dispostas ao longo das notícias. Essas estratégias podem ser: (a) de formulação; (b) de referenciação; (c) de enumeração e (d) de antecipação.

(a) Estratégias de Formulação das Inserções de Informações: são operações de ordenação das diversas inserções (informações adicionais) ao longo das notícias. Recuperando discussões de Koch (2005) sob a perspectiva da Lingüística Textual, as estratégias de formulação das diferentes inserções adicionais têm a função de orientar e facilitar a compreensão dos interlocutores na situação interacional.

Por meio da inserção, introduzem-se explicações, justificativas, ilustrações, exemplificações, discussões de outrem a fim de melhor organizar a configuração textual. Além disso, essas estratégias podem servir para despertar ou manter a atenção dos leitores, assim como para criar uma atmosfera de pessoalidade, intimidade. Podem, ainda, servir de suporte para argumentação, funcionando como estratégias de introdução de discursos autoritativos ou persuasivos. Dessa forma, as estratégias de formulação das inserções de informações podem ser de dois tipos, segundo Koch (2005): (a) retóricas e (b) saneadoras.

As estratégias retóricas funcionam para reforçar a argumentação e se realizam por meio de repetições ou parafraseamentos. As estratégias saneadoras, por sua vez, realizam-se por meio de correções ou reparos, buscando solucionar dúvidas ou dificuldades de compreensão. Vejamos na notícia:

Ex. 1: Pesquisadores da Univali precisaram cortar o animal em pedaços para poder retirá-lo da areia. Apesar de ser uma baleia juvenil, com aproximadamente dois anos, ela pesava mais de 10 toneladas e tinha nove metros de comprimento. **Para ser cortada sem causar danos ambientais, a baleia teve que ser retirada da beira do mar e levada até a areia. Os pesquisadores iniciaram os cortes pela cabeça e cauda do animal. Depois, foi preciso retirar a pele e a gordura para separar os ossos, sem danificá-los.** (DC38).

(b) Estratégias de Referenciação: são operações lingüístico-textuais que reativam referentes no texto, formando cadeias coesivas e orientando a contrapalavra do interlocutor, facilitando sua compreensão. Geralmente, essa estratégia funciona por meio de recursos de ordem gramatical tais como: sinônimos, hiperônimos, descrições definidas ou elipses.

Ex. 2: **Pesquisadores** da Univali precisaram cortar o animal em pedaços para poder retirá-lo da areia. Apesar de ser uma baleia juvenil, com aproximadamente dois anos, ela pesava mais de 10 toneladas e tinha nove metros de comprimento. Para ser cortada sem causar danos ambientais, a baleia teve que ser retirada da beira do mar e levada até a areia. **Os pesquisadores** iniciaram os cortes pela cabeça e cauda do animal. Depois, foi preciso retirar a pele e a gordura para separar os ossos, sem danificá-los. (DC38).

(d) Estratégias de Enumeração: são recursos lexicais que sinalizam uma determinada ordem de enumeração de itens, exemplos, explicações, etc. Os enumeradores podem ser compreendidos como substantivos plurais que tem a função de predizer uma certa enumeração.

Motta-Roth (1997, p. 105) pontua que enumeradores são substantivos plurais cujos referentes são primeiramente textuais. “São substantivos inespecíficos que requiere realização lexical que lhes especifique o sentido de forma a serem entendidos”. Vejamos na notícia:

Ex. 3: A ação pede que o juiz Carlos Adilson da Silva exija do governo do estado a seleção emergencial de 39 médicos para completar o quadro até um novo concurso público. **Os profissionais necessários são:** obstetras, pediatras, anesthesiologias, clínicos gerais e radiologistas. (DC34).

(e) Estratégias de Antecipação: são estratégias que o autor se utiliza para enquadrar e revalorar o discurso do outro (discurso citado). Por exemplo, quando um autor afirma “vamos retomar...”, esse autor antecipa seu projeto discursivo – compromete-se em retomar algum objeto temático. Na notícia funciona da seguinte forma:

Ex. 4: A Celesc Distribuição ganhou na Justiça a concessão de tutela antecipada para emissão de posse em áreas de servidão administrativa para a construção de linha de transmissão de eletricidade entre Rio do Sul e Presidente Getúlio. O advogado da empresa, Mário Karing Júnior, **explica que**, com isso, a Celesc poderá concluir a obra, interrompida pela negativa de proprietários de permitir instalação de uma das torres. (DC39).

Detalhadas as estratégias lingüístico-textuais de organização das informações na notícia, parte-se para o 5º capítulo, cujo objetivo é apresentar breves considerações acerca dos gêneros multimodais – fotografias, infográficos e mapas – que se enquadram e intercalam-se no gênero notícia.

A imagem deve ser  
compreendida como o que ela é  
e como o que significa  
(BAKHTIN, 2003, p. 398)

## **V A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO NOTÍCIA: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA**

Neste capítulo, buscamos discutir aspectos relacionados à questão verbo-visual da notícia que, a partir da década de 1980, vem se reconfigurando no cenário do jornalismo impresso. Seja pela adesão a novos valores e paradigmas, seja pela transformação das práticas profissionais e pela imposição de novas tecnologias e conceituações na esfera do jornalismo, as diferentes instâncias de produção e recepção das informações têm se alterado – estas têm buscado não mais apenas o verbal, como instância reguladora das informações, mas, em adição, outras manifestações semióticas da linguagem, dentre elas, a visual.

Pesquisas feitas por Moraes (1998) destacam que diversas foram as características gerais do processo histórico que levaram às transformações na esfera do jornalismo, no caso impresso, resultando na valorização de planejamentos visuais no âmbito da produção e da circulação de informações. Segundo o autor, a década de 1980 desencadeou, efetivamente, os intensos processos de reformulação gráfico-editorial nos jornais e a reflexão sobre o papel da imagem nos jornais impressos. Com isso, podemos afirmar que, de fato, o período compreendido entre 1980-1990 foi decisivo para a consolidação do processo de reformulação e planejamento do visual gráfico dos diferentes diários nacionais, que teve reflexo nos gêneros do jornalismo, pois, como postula Bakhtin (1998; 2003), os gêneros são sensíveis às mais ínfimas transformações sociais.

A partir dessas breves considerações, objetivamos ao longo deste capítulo: (a) apresentar considerações sobre a importância da imagem no jornalismo impresso; (b) discutir no que consiste o planejamento visual e sua inserção no gênero notícia e (c) explicar a importância das fotografias, dos infográficos e mapas enquanto gêneros intercalados à notícia, considerando-os enquanto unidades reais de comunicação discursiva.

## 5.1 A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO JORNALISMO IMPRESSO

Um novo público-leitor, novas ferramentas de editoração gráfica, assim como as constantes modificações nas práticas profissionais criaram novos paradigmas para o jornalismo. Os últimos 40 anos acompanharam consideráveis mudanças no que diz respeito aos projetos gráficos do jornalismo impresso, posto que o espaço destinado a materiais verbos-visuais tem-se apresentado superior àqueles da década de 80, por exemplo. Moraes (1998, p. 25) afirma que

As imagens que aparecem nos jornais contemporâneos são frutos do desenvolvimento não só da tecnologia da produção e impressão, mas também do esforço de comunicar alguma coisa com recursos gráficos, e não apenas com o texto<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> Retomamos que a noção de texto que esta dissertação apresenta não se restringe à materialidade verbal como proposto por Moraes (1998). Entretanto, as considerações do autor são pertinentes nesse momento de discussão na presente pesquisa.

Outro aspecto relevante para a discussão é que os jornais impressos não são os únicos na empreitada de construir discursos multimodais. Outras mídias<sup>87</sup> compartilham com os jornais impressos a tarefa de explicar o mundo, valendo-se de imagens: as notícias no meio virtual e o telejornalismo, por exemplo. Para Moraes (1998),

Talvez por isso, também, ganham força os aspectos visuais dos jornais impressos, pois, no limitado espaço bidimensional da página impressa, eles são os recursos que nos permitem chegar mais perto da sensação de movimento presente em outras mídias, bem como apresentar com clareza aquilo que é complexo, sem, contudo, ocupar muito espaço. (p. 31-32).

Dessa forma, para pesquisadores na área do jornalismo, a inserção de imagens nas notícias objetiva buscar uma maneira de se expressar que possa facilitar a compreensão dos interlocutores, reduzindo as dificuldades de compreensão das informações, assim como reforçando implícita ou explicitamente determinados efeitos de sentido. Com isso, o papel do planejamento visual gráfico da notícia passar a ser essencial.

### **5.1.1 O Planejamento Visual**

O planejamento visual trata da organização e do tratamento das informações de modo a atingir determinados objetivos e efeitos de sentido, não apenas procurando facilitar a identificação e a leitura dos elementos visuais, como, em adição, buscando tornar claras as descrições, as explicações e as imagens para leitores a partir de determinados horizontes apreciativos e orientações ideológicas da empresa jornalística e do autor da fotografia.

---

<sup>87</sup> Como a pesquisa limita-se ao discurso do jornalismo impresso, não serão apresentadas discussões acerca da notícia em outras mídias como a Internet, a rádio ou a televisão. Propõe-se essa questão como sugestão para pesquisas futuras.



Pesquisas desenvolvidas na área de desenho gráfico e projeção gráfica em jornais (ADAM, 1995; EL-MIR, 1995; MORAES, 1998; NACAGAKI, 1995;) argumentam que o planejamento e a apresentação de elementos visuais têm contribuído para a mediação entre a informação e o entendimento, posto que a partir de diferentes recursos multimodais, os gêneros do jornal explicitam, explicam e reorganizam suas informações de forma coerente e com efeitos de sentido pretendidos. Em síntese, o planejamento visual corresponde às diferentes ações estratégicas do veículo para atingir seus leitores.

Para Moraes (1998), o processo de construção do visual no jornalismo impresso segue 9 variáveis/etapas: (1) o tempo; (2) o levantamento e a verificação de informações; (3) a avaliação das informações (4) a apresentação de alternativas quanto à forma e dimensão visual; (5) o filtro; (6) a construção propriamente dita; (7) a montagem do trabalho visual; (8) a reavaliação e (9) a revisão.

O ponto de partida da utilização de recursos multimodais nos jornais impressos é a necessidade de apresentar recursos verbos-visuais para a compreensão das diferentes informações que circulam nos diversos gêneros da esfera jornalística. Em relação à notícia, subordinadas à construção e à apresentação dos relatos, os elementos verbos-visuais não apenas recuperam considerações precisas dos fatos reportados, como podem causar determinados efeitos de sentido e valorações distintas. Para Moraes (1998, p. 43),

Em termos práticos, a narrativa visual em jornalismo surge da resposta a duas questões: [qual] é a melhor maneira de se contar a história? Temos informações suficientes para fazê-lo? Quais os efeitos de sentido pretendidos?

Para Moraes (1998), a variável tempo determina o período de execução dos padrões de qualidade aceitáveis, ou seja, o tempo determina a possibilidade ou impossibilidade de organização, planejamento e execução do material verbo-visual. Ao determinar o período de tempo disponível, parte-se para a etapa de levantamento e verificação de informações. Essa variável/etapa corresponde à apuração das notícias. Buscam-se informações visuais como mapas, fotografias e outras figuras de referência que possam contextualizar, explicar, detalhar, delimitar ou valorar a informação<sup>88</sup> em questão. De acordo com Moraes (1998, p. 44), “tais informações devem ser confrontadas e analisadas, de modo a conferirem credibilidade ao trabalho.”

Além disso, Moraes (1998) pontua que, levantadas e verificadas as informações, estas sofrem o processo de avaliação de modo a dar ou não continuidade ao trabalho. As avaliações correspondem à seleção dos dados relativos ao acontecimento, priorizando os que sejam coerentes e relevantes para a notícia. Segundo o autor, após a seleção, parte-se para a apresentação de alternativas quanto às formas e dimensões das imagens a serem enquadradas na notícia. Essas possibilidades são filtradas<sup>89</sup> por meio de um processo de seleção em que se leva em consideração sua disposição na página. Definidas formas e dimensões, dá-se início à construção propriamente dita, ou seja, o formato, a dimensão e a disposição<sup>90</sup> da imagem na página.

---

<sup>88</sup> Retomamos que Moraes (1998) discute o planejamento visual relativo aos diversos gêneros que circulam no jornal impresso. Contudo, acreditamos que suas discussões são, em adição, pertinentes para entendermos como funciona o planejamento visual dos gêneros multimodais que se intercalam no gênero jornalístico notícia da esfera do jornalismo impresso.

<sup>89</sup> Retomamos como esse “filtro” discutido por Moraes (1998) pode estar relacionado à recortes valorativos (posições axiológicas) que se engendram neste processo de “seleção” argumentado pelo autor.

<sup>90</sup> Acreditamos que todas essas instâncias de formatação possuem determinados efeitos d sentido valorativamente construídos.

Após as definições, a montagem do trabalho visual se dá quando “uma pessoa, de preferência a mesma responsável pelo *layout* ou projeto gráfico, vai recolhendo material verbal e não-verbal dispondo-o no espaço previsto” (MORAES, 1998, p. 46). Finalizada a montagem, apresentam-se cópias para uma reavaliação, retomando todos os aspectos – dimensões, estilos, desenho, precisão, textos, cores e efeitos -. A última etapa corresponde à revisão, isto é, novas cópias são retiradas da seção de reavaliação e direcionadas aos revisores do jornal. Para Moraes (1998), mesmo que pareça um exagero esse número de etapas de planejamento e execução visual, esse processo torna-se indispensável para conferir precisão e coerência<sup>91</sup> aos materiais visuais utilizados. Para o autor,

Mesmo depois de publicados, tais trabalhos devem ser avaliados para que se certifiquem de que foram alcançados os objetivos desejados quanto a aspectos formais e de conteúdo. Esse procedimento faz o trabalho crescer em termos de qualidade, tanto no que se refere ao jornalismo, como no que diz respeito ao design gráfico. [...] Esta etapa corresponderia à busca de sintonia com o leitor, na qual se vai modificando o desenho para que este possa ser entendido na maneira mais eficaz por aquele. [...] (MORAES, 1998, p. 47-51).

### 5.1.2 O Fotojornalismo

O uso de fotografias com objetivos de explicitar, explicar ou detalhar os dados da notícia, da reportagem e da entrevista entre outros gêneros recebeu o nome de fotojornalismo. Assim como os diversos textos que envolvem o leitor na recuperação ou reconstrução de fatos, as fotografias, em adição, recuperam acontecimentos e ações.

---

<sup>91</sup> Acreditamos que esse processo também englobe dialogicamente diferentes acentos de valor e efeitos de sentido, como discutido nas seções 5.1.2.1.1, 5.1.2.1.2, 5.1.2.1.3, 5.1.2.1.4, 5.1.2.1.5 e nas seções 5.1.3 e 5.1.4.

Beltrão (1992) apresenta uma visão da imagem como potencialização do relato contido na notícia. Com a imagem somada às palavras, os leitores potencializam sua compreensão dos fatos, recuperando participantes, espaços e ações representadas na fotografia e diretamente ligadas ao acontecimento. Outro aspecto que o autor retoma em suas discussões é que, assim como qualquer trabalho em jornalismo, a construção do relato em fotografia é realizada com base em critérios editoriais de escolha.

A esse respeito, podemos entender que ao saber o assunto que irá cobrir, o fotógrafo posiciona-se, escolhe o ângulo e define a cena, a partir do enquadramento (valorativo) que pretende apresentar, isto é, o recorte que a imagem irá sofrer estará de acordo com os efeitos de sentido pretendidos pelo seu produtor e orientado pelo recorte (axiológico) que se pretende dar à notícia. A partir desse processo, o trabalho de edição de imagens é orientado pelos efeitos pretendidos/objetivados. Assim, segundo Moraes (1998), o fotógrafo elimina elementos presentes na cena até atingir efeitos de sentido desejados. Para Guran (1992, p. 17),

[...] nem tudo que se vê [...] é fotografável, ou seja, [...] uma das potencialidades da fotografia é destacar um aspecto particular que se encontra diluído em um vasto e seqüenciado campo de visão, explicitando, através da seleção dos momentos e do enquadramento, o significado e a transparência de uma determinada cena.

Outro aspecto relevante que Guran (1992) discute é o desenvolvimento da tecnologia de editoração eletrônica, que provocou o crescimento e o desenvolvimento do fotojornalismo na mídia impressa no Brasil. Uma vez que os *softwares* possibilitaram efeitos<sup>92</sup> específicos nas fotografias, tais como recortes, retoques, alterações diversas, o fotojornalismo ascendeu na mídia jornalística a partir da década de 80 (GURAN, 1992; MORAES, 1998).

---

<sup>92</sup> Retomamos que nenhum efeito é neutro, mas recebe diferentes recortes valorativos.

Em síntese, acerca do trabalho da mídia impressa, foi o fotojornalismo um dos setores que sofreu maiores influências do advento da informatização, sejam positivos ou negativos, interferindo, conseqüentemente, em uma nova visão de jornalismo impresso.

A partir dessas discussões acerca do papel do fotojornalismo na mídia impressa, apresentamos considerações sobre a intercalação do gênero fotografia nas notícias analisadas. Retomamos que não será apresentada uma análise semiótico-discursiva<sup>93</sup> dos diferentes constituintes que compõem as fotografias, posto que o objetivo dessa seção é apenas discutir o papel das fotografias como gêneros que se intercalam na construção estilístico-composicional da notícia. Dessa forma, buscamos apresentar considerações sobre a imagem como enunciado, objetivando entender (a) as diversas visadas (objetivos, projetos) dialógico-valorativas que as imagens procuram reforçar/ressaltar/ significar em seu enquadramento nas notícias; (b) as relações dialógicas que se estabelecem entre as fotografias e (c) as projeções estilístico-composicionais que se engendram na construção enunciativa das imagens fotográficas.

Para essas discussões, revisitamos considerações epistemológicas da ADD, com o objetivo de compreender a fotografia não como um signo imanente e homogêneo, mas enquanto signo ideológico, isto é, a imagem fotográfica como discurso, como construção social, histórica e perpassada por orientações ideológico-valorativas.

---

<sup>93</sup> Ver, por exemplo, os estudos de Kress & van Leeuwen (1996) sobre a análise sociosemiótica de imagens.

#### 5.1.2.1 A Fotografia como Enunciado

Para Bakhtin (1998; 2003; 2006), a linguagem não pode ser compreendida sem que se considere sua natureza social e ideológica. Segundo o autor, toda forma lingüística se adapta a uma forma de interação; a natureza da enunciação é de ordem social. Além disso, Bakhtin (2006) postula que a linguagem é um fenômeno ideológico por natureza, posto que os signos são produtos da interação verbal entre indivíduos socialmente organizados, existindo não apenas como parte da realidade desses indivíduos, mas, em adição, refletindo e refratando uma outra.

É nesse panorama social e ideológico que Bakhtin (2003) apresenta suas considerações acerca do enunciado. O autor afirma que enunciados são unidades reais de comunicação discursiva e que o discurso só se realiza/ se concretiza na forma de enunciados. Cada enunciado é único, concreto e irrepetível, nasce nas interações sociais e se constitui sempre como resposta a outros enunciados, num intercâmbio sociodiscursivo ininterrupto (Cf. Seções 1.3 e 1.4).

A fotografia, nessa perspectiva, é concebida como uma unidade de comunicação, como uma unidade de sentido, necessariamente contextualizada. Isso significa que a fotografia se constitui não apenas por seus elementos semióticos internos (cor, enquadramento de luz, disposição dos elementos, foco, entre outros), mas, em adição, por condições extraverbais da situação social da qual se constitui e funciona.

Em *Discurso na Vida e Discurso na Arte – sobre a Poética Sociológica*, Bakhtin afirma que o enunciado é constituído por três fatores: (a) o horizonte espacial comum dos interlocutores; (b) a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores e (c) a avaliação comum dessa situação. Com isso, compreende-se que o enunciado e as condições sociais de sua enunciação constituem o processo de interação verbal, ou seja, o verbal (ou outro material semiótico) e o não-verbal (a dimensão social) que integram a situação. Com isso, compreendemos que a fotografia como enunciado se configura tanto por seus elementos semióticos internos quanto pelas particularidades de sua enunciação. A situação de enunciação e suas condições sociais se integram ao enunciado, constituindo-o. A esse respeito Bakhtin (1997, p. 6) afirma que

Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. [...] A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados.

Dessa forma, consideramos, nesta pesquisa, as fotografias enquanto enunciados, à medida que (a) são determinadas por seus horizontes temporal, espacial, temático e axiológico; (b) se constroem a partir da posição valorativa de seu autor; (c) são tecidas por diversas relações dialógicas e (d) intercaladas às notícias, apresentam *dixi* conclusivo. A partir dessas considerações teóricas, apresentamos algumas regularidades enunciativo-discursivas da fotografia na notícia.

#### 5.1.2.1.1 Visadas Dialógico-valorativas das Fotografias

Por visadas dialógico-valorativas das fotografias, entendemos determinados projetos/ objetivos discursivos que o autor da imagem fotográfica procura alcançar, intercalando-a na notícia. Além disso, as visadas dialógico-valorativas das imagens fotográficas seguem parâmetros constitutivos semelhantes das visadas dos enunciados verbais. Podemos compreender, em síntese, que ambas se complementam na construção do gênero notícia. Após a análise do *corpus*, constatamos que as visadas dialógico-valorativas que as imagens fotográficas visam a alcançar podem ser as seguintes:

(a) Fotografias para Localização Espacial e para Identificação de Participantes: são fotografias que procuram apresentar o local do acontecimento, assim como os participantes envolvidos. O foco está ou nas especificações do espaço em que se passa o relato da notícia ou no(s) participante(s) que é(são) agente(s) central(is) das informações noticiadas.

Vejamos a fotografia abaixo retirada da notícia OESP03, cujo foco é a identificação do participante como vítima central da enchente. Outro exemplo é a fotografia da notícia OESP02, cujo foco é o espaço no qual o acontecimento ocorreu.





Imagem 1 - Notícia OESP02



Imagem 2 - Notícia OESP03

(b) Fotografias de Detalhamento ou de Especificação – são aquelas que procuram detalhar aspectos sobre o acontecimento, isto é, que objetivam selecionar questões específicas dentre as diversas que se entrecruzam em uma determinada notícia. Vejamos a fotografia CP51, cujo foco é a especificação de uma das informações contida na notícia – o detalhamento sobre as 30 toneladas de cesta básica reunida pela LBV em Porto Alegre (RS) no dia 19/12/2007.



Imagem 3 - Notícia CP51

(c) Fotografias de Exemplificação – são aquelas que funcionam como exemplos de questões discutidas ao longo de uma determinada notícia. Vejamos a fotografia da notícia DC31, cujo objetivo é exemplificar, dentre os diversos grupos de funcionários da prefeitura de Joinville (SC), os funcionários que estavam trabalhando na remoção da lama nas calçadas e ruas da cidade depois da chuva do dia 12/12/2007.





Imagem 4 - Fotografia intercalada na notícia DC31

(d) Fotografias com Efeitos de Generalização – são aquelas que não focalizam um determinado sujeito participante do acontecimento relatado, mas apresentam diversos sujeitos envolvidos sem especificação ou detalhamento. Vejamos a fotografia da notícia DC06 que retrata a fila de 1,5 mil pessoas em busca de atendimento médico, no Hospital Universitário, no dia 12/12/2007.





Imagem 5 - Notícia DC06

(e) Fotografias Redundantes – são fotografias em que a imagem é tida como inferior ou repetitiva ao texto verbal, haja vista sua função coadjuvante na construção da notícia. Este é o caso da fotografia publicada junto à notícia DC15, que retrata o grupo de veteranas normalistas do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis (SC) que se encontram 40 anos depois da sua formatura. A fotografia apresenta-se redundante, à medida que apenas reitera as informações relatadas na notícia.



Imagem 6 - Fotografia que se intercala na notícia DC15.

A disposição das fotografias, por sua vez, é outro aspecto relacionado às visadas valorativas. A disposição pode estar caracterizada como:

(a) Fotografias dispostas por Atribuição: são fotografias que se dispõem uma do lado da outra ou uma abaixo da outra. Ambas se relacionam na construção de sentido na notícia, mas são relativamente independentes e noticiam tópicos diferentes de um mesmo assunto. É o caso das fotografias nas notícias DC40 e DC41, que estão intercaladas a notícias de mesmo assunto, mas retratam tópicos diferentes: uma retrata os obstáculos que atrasam as obras da Catedral de Florianópolis-SC e a outra retrata os custos dessa obra.



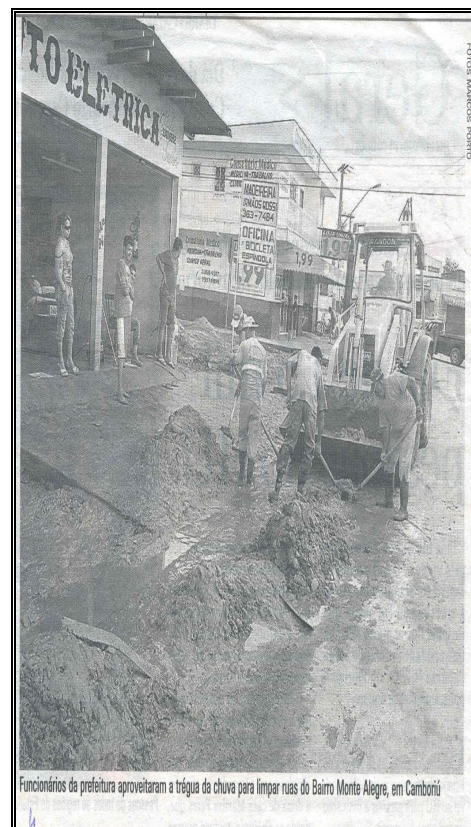


Imagem 7 - Notícia DC40/41

(b) Fotografias dispostas por Progressão: são imagens fotográficas que seguem uma determinada ordem para serem compreendidas. Essa ordem pode estar relacionada a parâmetros cronológicos, de causa-consequência entre outros. É o exemplo das fotografias intercaladas nas notícias DC30/31. As fotografias seguem uma ordem cronológica para construir sentido, ambas representam presente X passado; em outras palavras, uma das fotografias retrata o presente – a reunião das normalistas – e outra retrata o passado – o dia da formatura.



Imagens 9/10 - *Notícia DC30*



*Fotografia intercalada na notícia DC31*

(c) Fotografias dispostas por Complementarização: são fotografias que são dependentes uma das outras para a construção de sentido. É o caso das fotografias da notícia DC20: uma fotografia depende da outra para a construção de sentido de seu uso na notícia. Uma fotografia é do Altemir José da Igreja e outra de Flávio Júnior Biassi, patrão e funcionário que disputam o prêmio da Mega-sena na justiça.





Imagem 11 - *Fotografia intercalada na notícia DC20*

(d) Fotografias dispostas por Alternância: são imagens fotográficas que independem uma da outra para a construção de sentido. É o caso das fotografias que intercalam a notícia OESP02.





Imagem 12 - *Notícia OESP02*

O que observamos ao longo das especificações sobre as visadas dialógico-discursivas das imagens e sobre os processos de disposição é que as fotografias, em geral, têm relativamente características comuns, mesmo apresentando projetos discursivos distintos e disposições diferentes (como detalhado acima). Percebemos que as fotografias, portanto, procuram (a) identificar os espaços e os participantes dos acontecimentos relatados; (b) localizar o leitor das informações contidas na notícia, retomando-as e/ou reforçando-as; (c) projetar ao leitor um panorama visual dos relatos; (d) aproximar o leitor do acontecimento e (e) detalhar, explicar e exemplificar determinadas questões da notícia publicada e (f) persuadir o leitor das informações relatadas. Dessa forma, as fotografias funcionam, em adição aos recursos lingüísticos, como estratégias de persuasão e marcas ideológicas específicas, orientando interpretações, sentidos e recortando as informações valorativamente.

#### 5.1.2.1.2 As Relações Dialógicas entre Fotografias

Assim como as relações dialógicas entre enunciados das notícias (Cf. Seção 4.1.1), as fotografias engendram e se engendram em relações dialógicas. Observaram-se as seguintes relações:

(a) Relações dialógicas entre fotografias na mesma notícia - são fotografias que dialogam na mesma notícia. É o caso das fotografias que se intercalam na notícia DC20.

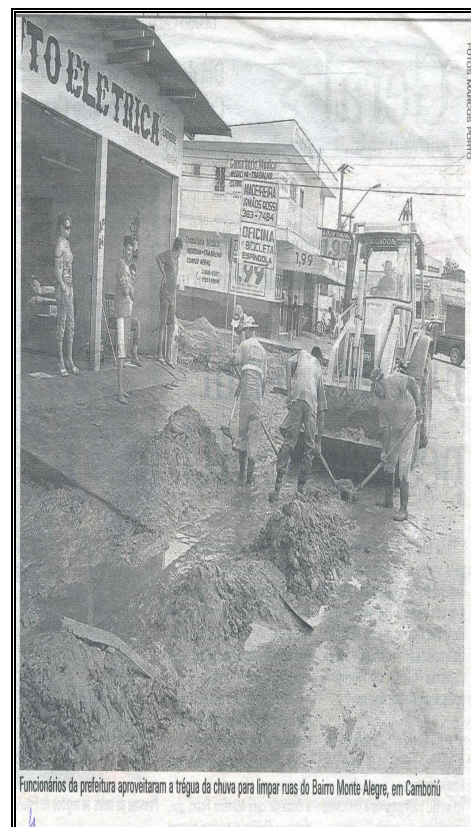


Imagem 13 - *Fotografias que se intercalam na notícia DC20.*

(b) Relações dialógicas entre fotografias de mesma temática na mesma página do jornal – são fotografias em diferentes notícias, mas que dialogam pela mesma temática<sup>94</sup>. É o caso das fotografias que dialogam nas notícias DC30 e DC31.

<sup>94</sup> Nesta pesquisa não se apresentam considerações pontuais sobre o horizonte temático das notícias, posto que as imagens fotográficas seguem as mesmas temáticas das notícias (Cf. Seção 4.1) nas quais se intercalam.





Imagens 14/15

*Fotografia intercalada na notícia DC30*    *Fotografia intercalada na notícia DC31*

(c) Relações dialógicas entre fotografias de diferentes temáticas na mesma página – são fotografias que se intercalam nas notícias de diferentes temáticas, mas que por sua disposição, dialogam uma com a outra na mesma página. É o caso, dentre diversos, das fotografias que intercalam as notícias DC42 e DC43, por exemplo.



Imagens 16/17 - *Notícia DC42*



*Notícia DC43*

(d) Relações dialógicas entre fotografias em diferentes seções do jornal – são fotografias que dialogam em diferentes seções do jornal, por exemplo, as fotografias que se intercalam na notícia em determinada seção (Policial, Geral, Turismo, etc) e a fotografia que aparece na chamada de capa ou na contracapa do mesmo jornal. É o caso da fotografia da notícia CP38, que dialoga com a fotografia na chamada de capa do mesmo jornal.



Imagem 18 - *Notícia CP38*

Após a breve apresentação sobre as relações dialógicas entre enunciados de fotografias, vejamos considerações sobre a valoração e as projeções estilístico-composicionais do enunciado fotográfico.

#### *5.1.2.1.3 Movimentos<sup>95</sup> Valorativos das Fotografias*

Por movimentos<sup>96</sup> valorativos das fotografias, entendemos os efeitos de sentido que as diferentes posições dos participantes (as pessoas fotografadas) das fotografias podem provocar. Alguns desses movimentos nas fotografias do *corpus* analisado são:

(a) Movimento Valorativo de Distanciamento: quando o participante está posicionado de lado ou seu rosto não está diretamente direcionado de frente para o leitor. Com o olhar desfocado para o leitor, a fotografia produz uma idéia de participante com desinteresse ou desatenção para o acontecimento que a notícia retrata. A posição do participante não provoca efeitos de credibilidade ou avaliação frente aos fatos relatados. O efeito é negativo. É o caso das fotografias que intercalam a notícias DC07 e DC18, por exemplo.

---

<sup>95</sup> Rodrigues (2001) apresenta estudo sobre os movimentos dialógicos no artigo assinado. Aqui se utilizam seus conceitos, mas com aplicação no discurso verbo-visual das notícias.

<sup>96</sup> Kress e van Leeuwen (1996) apresentam discussões sobre a posição dos participantes das imagens sob a ótica da metafunção interpessoal.





DIÁRIO CATARINENSE - QUINTA-FEIRA | 20 DEZEMBRO



Odália Melo, presidente da associação de moradores de Frei Damião, tem chave e já abriu o posto por conta própria

**Saúde** Apesar de prontos e equipados para funcionar, dois postos de Palhoça permanecem fechados para a população

## Duas mil pessoas sem atendimento médico

MARILIA PRADO

Palhoça

Mesmo morando quase em frente ao posto de saúde do Bairro Jardim Eldorado, em Palhoça, e usando muletas para se locomover, Maria Aparecida Schutz, 44 anos, vai de ônibus ao Centro da cidade para conseguir atendimento médico.

Unidade, construída no antigo prédio do posto policial, foi inaugurada em abril e já tem móveis. O que falta são profissionais para atender as cerca de 1,2 mil famílias que moram no local.

Há dois anos Maria Aparecida, que era costureira e agora não pode mais trabalhar, foi atingida no joelho por uma bala perdida e precisa de fisioterapia e consultas com ortopedista.

— É dinheiro nosso que está aí. Se o posto foi feito para a população, não é para ficar fechado — reclamou a dona de casa.

Na comunidade Frei Damião, o prédio, pronto desde abril de 2006, só é usado para mutirões de atendimento. Odália Gonçalves de Melo, presidente da associação de moradores da comunidade, tem uma chave e já abriu o posto sem autorização da prefeitura para que um mutirão de serviço odontológico fosse feito.

— Não adianta abrir o posto só às vezes. O ideal é que funcione sempre para o povo ser atendido. E usar o do Brejaru é ruim, tem muita gente e é longe — disse a líder comunitária.

**Secretário promete abertura para janeiro**

O secretário de Saúde de Palhoça, Ari Leonel Filho, confirmou que o posto no Jardim Eldorado está equipado, mas disse que falta um aparelho odontológico e a adequação da rede de esgoto. A previsão, segundo ele, é de que o posto comece a funcionar até 20 de janeiro de 2008.

Sobre a unidade da comunidade Frei Damião, Ari Leonel disse que há resistência de muitos servidores em trabalhar no local por causa da violência. A abertura também é prometida para o final de janeiro.

— Vamos deslocar as equipes do Programa Saúde da Família (PSF) do Brejaru: uma para a Frei Damião e uma para o Jardim Eldorado.

Sobre o posto do Bairro São Sebastião, que também está fechado, o secretário justificou que o prédio está na fase final da reforma, e pode ser inaugurado até fevereiro.

Até lá, o posto do Bairro Brejaru (o único da região que está aberto) precisa atender as 1,2 mil famílias do Jardim Eldorado, as 1,1 mil da Frei Damião e as quase mil do próprio bairro. Cada um dos três médicos faz cerca de 350 atendimentos por mês.

Imagens 21/22 - Notícia DC12

32 Geral > DIÁRIO CATARINENSE - QUINTA-FEIRA | 20 DEZEMBRO



A acadêmica de Economia Monise Langoni acumula 16 anos de estudos, mesmo tendo apenas 21 anos de vida

**Qualidade de vida** Estado é o segundo em desenvolvimento na faixa etária

## Jovens vivem melhor em SC

MARILIA PRADO

Santa Catarina é a segunda colocada no Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ) 2007. O estudo, divulgado ontem, é baseado no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Organização das Nações Unidas (ONU).

A pesquisa mede a qualidade de vida de pessoas entre 15 e 24 anos. O Distrito Federal lidera o ranking nacional. São Paulo está na terceira colocação, seguido do Rio Grande do Sul. De acordo com o IDJ, as regiões Sul e Sudeste apresentaram os melhores resultados.

Em Santa Catarina, o analfabetismo juvenil dá sinais de que pode desaparecer, com uma taxa que não chega a 1% dos pouco mais de 1 milhão de jovens do Estado, 18% da população catarinense. A maior concentração de analfabetos está na região Nordeste, com 2,3 dos jovens.

A universitária Monise Langoni é um exemplo do bom desempenho das mulheres na pesquisa (confirma mais informações no quadro ao lado). Aos 21 anos, ela já acumula 16 anos de estudos. Hoje, cursa Economia na Universidade Federal de Santa Catarina e trabalha no Departamento de Literatura. Monise faz parte dos 80% de jovens brasileiros que estudam, trabalham ou fazem as duas coisas.

**Quase 62% dos catarinenses entre 15 e 24 anos trabalham**

Segundo o relatório 61,9% dos jovens catarinenses exercem atividade remunerada. O número é superior à média da região Sul (57,9%), deixando o Estado em destaque em relação ao Rio Grande do Sul e Paraná.

O IDJ foi elaborado pelo sociólogo João Jacobo Waiselfisz, em parceria com o Instituto Sangari, do Ministério da Ciência e Tecnologia e da Rede de Informação Tecnológica Latino Americana (RITA).

marilia.prado@diario.com.br

Notícia DC21

(c) Movimento Valorativo de Apagamento: quando em uma imagem fotográfica são apresentados diversos participantes, mas apenas um ou alguns deles são focados na fotografia. Em outras palavras, é “apagada” a participação dos demais e apenas focada a atuação de um ou alguns participantes. É o caso da fotografia que intercala a notícia DC11. Entre vários participantes da corrida da longevidade de Florianópolis no dia 16/12/2007, apenas um participante é focado na fotografia em detrimento aos demais.



DIÁRIO CATARINENSE > SEGUNDA-FEIRA | 17 | DEZEMBRO | 2007

Geral > | 23 |

**Moeda Verde** Sessões serão amanhã e quarta-feira em três horários diferentes

## Mais seis vão depor na CPI

A CPI da Moeda Verde, na Câmara da Capital, encerra o ano com mais seis depoimentos, entre eles, o do procurador do município, Jaime de Souza, e dos secretários municipais Sebastião David Machado (Urbanismo e Serviços Públicos), Mário Roberto Cavallazzi (Turismo) e Carlos Roberto de Rolt (ex-secretário da Receita).

As sessões serão amanhã e quarta-feira, sempre às 9h, 14h e 16h. Também foram convocados Edelberth Adam (ex-servidor da Floram) e Adir Cardoso Gentil (empresário, ex-vereador e ex-senador). De acordo com o presidente da CPI, Jaime Tonello, outros depoimentos serão marcados para 2008.

Mais de 50 pessoas devem ser ouvidas pelo vereador. A CPI foi prorrogada até abril do próximo ano, quando deve ser concluído o relatório do vereador Deglauer Goulart (PMDB), líder do governo Dário Berger (PMDB) na Câmara.

O presidente da Comissão não descarta a possibilidade de produzir um relatório paralelo ao do peemedebista, criticado por faltar a algumas sessões. Goulart disse que as ausências foram justificadas e avisa que não pretende abrir mão da relatoria.

A CPI deve decidir se chama os ex-veredores Juarez Silveira (sem partido) e Márcio Ávila (PSB) e o empresário Carlos Amastha. Os três encaminharão ofício oferecendo colaboração à CPI, mas as convocações ainda não estão confirmadas.

A Comissão foi formada em maio, depois que a Justiça Federal encaminhou à Câmara relatório apontando suspeitas de envolvimento de servidores do Legislativo e do Executivo com irregularidades verificadas durante a Operação Moeda Verde, da Polícia Federal (PF). Encerrado em outubro, o inquérito, que está no Tribunal Regional Federal, resultou em 56 indiciamentos, entre eles, o do prefeito da Capital.

**Iniciativa** Mil pessoas em caminhada

### Por uma vida longa e saudável

Pelo menos mil pessoas participaram ontem da etapa de Florianópolis do Circuito de Corrida e Caminhada da Longevidade.

O objetivo do evento é incentivar a prática de exercícios, melhorar a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

O diretor do circuito, Lauter Nogueira, disse que é a maior corrida de rua amadora da Capital. Ele explicou que, em cada cidade que sede, pelo menos 200 participantes fazem avaliação de percentual de gordura. A intenção é elaborar um mapeamento das condições de saúde da população.

Os dados também servirão para os participantes que vão ser orientados sobre a situação física e maneiras de melhorar o desempenho. Na etapa de 2008, cada pessoa examinada poderá repetir a avaliação e descobrir como foi a evolução.

Ontem, 472 inscritos na corrida largaram às 9h15min, na Avenida Beira-Mar, no Centro de Florianópolis. Eles percorreram seis quilômetros e todos receberam medalhas de participação. A prova de caminhada, que teve percurso de 3,2 quilômetros, começou 15 minutos antes. Foram 30 categorias divididas por idade.

Yan Gabriel Szilagy estava lá. O bebê tem oito meses foi levado pelos pais, Danilo Szilagy, 25 anos, e Fernanda Szilagy, 24 anos. O casal disse que é bom para o filho se acostumar, desde pequeno, a cuidar da saúde para crescer com hábitos saudáveis.

Além de se exercitarem com a corrida e a caminhada, os participantes puderam fazer avaliação de índices de gordura

### Imagem 23 - Notícia DC11

(d) Movimento Valorativo de Generalização: quando a imagem apresenta diversos participantes sem focar nenhum. Todos são colocados sobre o mesmo plano, seja de distanciamento ou engajamento, dependendo da posição que são projetados na fotografia. É o caso das fotografias nas notícias CP43 e CP03.

### DRT homenageia os servidores

Discursos emocionados marcaram a homenagem da Delegacia Regional do Trabalho (DRT/RS) aos seus funcionários mais antigos, ocorrida ontem no auditório do órgão. Foram agraciados servidores com 20, 25, 30 e 35 anos de serviço. A DRT possui hoje um quadro funcional com 317 servidores ativos no Rio Grande do Sul, dos quais 108 têm 20 anos de trabalho, 13 têm 25 anos, 11 têm 30 anos e quatro estão há 35 anos no órgão. O prêmio foi instituído nacionalmente pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) com a Portaria 422/2007. Entre os agraciados está Helena Beatriz Maidana de Andrade, auditora fiscal do trabalho de Viamão. "Adoro o que faço e isso é um incentivo para continuar o meu trabalho", disse.

O delegado Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, Heron de Oliveira, afirmou que o prêmio é um reconhecimento aos servidores e um momento de confraternização. "Eles têm um papel importante como protetores do direito dos trabalhadores. Os auditores fiscais são pessoas anônimas que trabalham para proteger o direito da população. Temos auditores que têm, inclusive, assento na Organização Internacional do Trabalho."

PAULO NUNES

Foram agraciados com prêmio os mais antigos, entre 20 e 35 anos de serviço

ALEXANDRE VENEZ

Mobilização cobrava envio de projeto à Assembleia para repor perdas salariais

### Vigília de servidores da Justiça

Servidores do Judiciário montaram na sexta-feira um acampamento na praça em frente à sede do Tribunal de Justiça do Estado, em Porto Alegre, onde passaram o dia em vigília. A intenção era pressionar o presidente do TJ, Marco Antônio Barbosa Leal, a enviar para a Assembleia Legislativa projeto de lei que conceda reposição de perdas salariais dos servidores.

O coordenador geral do Sindicato/RS, Valtér Assis Macedo, afirmou que a defasagem é referente aos últimos quatro anos e já acumula 50,55%. "Em reunião com o presidente do TJ, em 23 de julho, ele nos prometeu que até o final do ano encaminharia o projeto e até agora nada", afirmou Macedo. A vigília terminou com ato à tarde, dando fim a uma agenda de atividades do sindicato, que visitou comarcas e fóruns no Interior, colocando faixas que exigiam reposição salarial e informando os 7,5 mil servidores ativos do Judiciário sobre a situação.

O presidente do TJ passou a sexta-feira viajando pelo Interior para inspecionar juizados e varas que vão ser inaugurados. Ele não quis se manifestar sobre o assunto, mas disse que os servidores têm direito de se manifestar publicamente.

### Imagens 24/25 - Notícia CP03

### Notícia CP43



#### *5.1.2.1.4 Projeções Estilístico-composicionais da Fotografia*

As fotografias, enquanto enunciados, possuem diversas regularidades verbos-visuais quanto a sua construção/ constituição estilística e composicional. Ressaltamos, contudo, que, nesta pesquisa, objetivamos apenas apresentar breves discussões sobre esse assunto, à medida que o objetivo geral da dissertação não é a análise descritivo-interpretativa das imagens, mas apenas do seu papel nas notícias.

As projeções estilístico-composicionais das fotografias nas notícias podem estar relacionadas com:

- (a) Cor – a fotografia colorida possui efeitos valorativos diferentes daquelas em preto e branco, isto é, imagens fotográficas em cores apresentam uma aceitabilidade por parte do leitor do fato ocorrido maior que quando apresentadas bicoloridas<sup>97</sup>.
- (b) Ambientalização – quanto mais a imagem estiver contextualizada, ou seja, quanto mais elementos da situação fotografada a imagem apresentar, melhor será a localização e compreensão do leitor em relação à notícia apresentada.
- (c) Foco e Desfoco – esse recurso valorativo estará de acordo com o projeto discursivo do autor em enfatizar um determinado elemento em detrimento a outro. Em outras palavras, algumas fotos focalizam um determinado espaço ou participante enquanto outras não. Essa projeção pode estar relacionada com a anterior – ambientalização – à medida que quanto mais focada a foto estiver sob um determinado elemento, menor será a apresentação de elementos contextualizadores outros sobre esse ambiente.

---

<sup>97</sup> Observações discutidas por Kress e van Leeuwen (1996).

(d) Enquadramento e Dimensionamento da Luz – para Brait (2004, p. 47), “o enquadramento, o dimensionamento da luz e outros recursos da linguagem fotográfica funcionam discursivamente [...], assinalam escolhas de um sujeito”. Dessa forma, podemos entender que, não só o enquadramento da luz, assim como as demais projeções acima explicitadas, constroem determinados efeitos de sentido.

(e) Profundidade – está relacionada com a ausência ou presença de perspectiva<sup>98</sup>.

(f) Disposição Dialógico-Valorativa dos Elementos – a disposição dos elementos e participantes na imagem fotográfica segue orientações e recortes valorativos, assim como projetam no leitor diferentes efeitos de sentido.

(g) Efeitos de Projeção – estão relacionados com as diferentes ações que a imagem fotográfica pode receber ao ir para o jornal e intercalar-se às notícias. Os efeitos de projeção estão de acordo com o como o autor organiza elementos e participantes na fotografia para atrair leitores: efeitos de cores, definições de foco, entre outras ações de *design* fotográfico.

(h) Legenda – a legenda complementa a fotografia, (a) descrevendo-a; (b) explicando-a; (c) atendendo às curiosidades dos leitores; (d) apresentando posições sobre o acontecimento e (e) esclarecendo dúvidas que as imagens podem suscitar.

Sobre as projeções estilístico-composicionais, ressaltamos que estas são recortadas por índices axiológicos e posições ideológicas, seja do autor/fotógrafo, seja da própria instituição jornalística da qual as fotos irão pertencer.

---

<sup>98</sup> Kress e van Leeuwen (1996) apresentam diversas considerações teórico-metodológicas a respeito.

As fotografias são enunciados, portanto, unidades de comunicação que se constituem nas diversas interações, sofrendo, portanto, recortes, entrecruzamentos e projeções de ideologias e valorações diversas, determinadas pelos participantes dessas interações.

#### 5.1.2.1.5 *Estratégias de Construção Verbo-visual das Fotografias*

A imagem fotográfica, assim como o texto verbal das notícias, também é construída por determinadas estratégias de configuração, e disposição dos elementos que as constituem.

As imagens fotográficas analisadas nas notícias que fazem parte do *corpus* desta pesquisa são construídas por estratégias de:

(a) Repetição ou Desdobramento: na imagem fotográfica se dá por reprodução de imagens redundantes ou semelhantes. Pode haver a justaposição de elementos, assim como a sucessão de diferentes ícones que se relacionam na imagem. Essa estratégia nas notícias projeta um efeito de validação ou reiteração, à medida que o próprio desdobramento das imagens orienta o leitor a determinadas conclusões e não a outras. Além disso, a repetição das imagens reitera a posição valorativa do autor, seu projeto discursivo e antecipa a atitude responsiva do leitor, orientando-a para determinado sentido. Este é o caso das fotografias que se intercalam nas notícias OESP02, por exemplo.



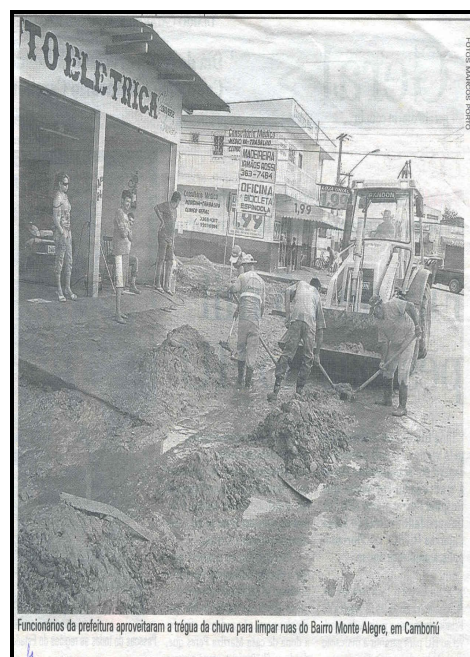
Imagem 26 - *Notícia OESP02*

(b) Progressão: essa estratégia se constrói através da sucessão de imagens fotográficas por meio de gradação: imagens que projetam uma idéia de progressão temporal (presente-passado-futuro), progressão dimensional (grande-pequeno), entre outros processos de gradação produzidos por determinados efeitos de diagramação. É o caso das fotografias em DC15.



Imagem 27 - *Fotografias que se intercalam na notícia DC15.*

(c) Oposição: quando imagens fotográficas são justapostas e projetam imagens em contraste, como, por exemplo, imagens de algo pronto e algo em realização; imagens de algo limpo e algo sujo; imagens de algo inteiro e algo destruído; imagens do antes e do depois, entre outros efeitos adversativos. É o caso das fotografias que se intercalam na notícia DC30 e DC31.



Imagens 28/29 - Notícia DC30

Fotografia intercalada na notícia DC 31

(d) Duplo Sentido – quando imagens fotográficas apresentam imagens de objetos ou pessoas que aparecem como idênticas, mas, no texto verbal, são apresentadas como diferentes. É o caso da fotografia CP16, que tem a legenda – “mães ficam com crianças nas ruas do centro”. Da análise depreendemos que, não são todas as mães como a legenda apresenta (por meio de um efeito de generalização), mas mães guaranis. É só por meio da leitura da notícia na íntegra que o leitor consegue identificar essa interpretação.



# Guaranis em condições precárias

**Crianças circulam na zona Sul, arriscando-se entre veículos para pedir dinheiro ou vender artesanato**

A presença de mulheres indígenas com crianças nas ruas do Centro de Porto Alegre tem se revelado mais um problema social da cidade. À espera de esmolas ou oferecendo artesanato, eles passam o dia sentados no chão em condições precárias de higiene e saúde. Embora o hábito seja freqüente há anos, o cenário provoca revolta na população, pois o quadro se agravou desde o começo deste mês – sendo visto como um descaso das autoridades em relação aos índios.

Também na zona Sul, há cerca de dois meses, crianças indígenas circulam entre veículos, pedindo dinheiro ou vendendo artesanato nas sinaleiras da Wenceslau Escobar com Barbedo e Otto Niemeyer. Muitos moradores temem pela segurança dos pequenos, que surgem no meio dos carros, correndo o risco de provocar acidentes.

As mulheres indígenas da área central da cidade são vistas em diversas esquinas, geralmente rodeadas por crianças pequenas que, desprotegidas, se misturam com as milhares de pessoas que circulam pelas ruas diariamente. A Rua dos Andradas, entre a Borges de Medeiros e a General Câmara, e a rua 7 de Setembro são alguns dos locais preferidos das índias guaranis.

A realidade do povo guarani no Centro de Porto Alegre é bem diferente das tribos de índios caingangues. Organizados em bancas de artesanato na Praça da Alfândega, os caingangues comercializam seus produtos e dispõem um cuidado especial às crianças.

Cacique da Tribo Caingangue da Lomba do Pinheiro, Felipe da Silva, chamado em sua língua de Rêtong, disse que a situação em que as mulheres guaranis encon-

tram-se na área central preocupa a tribo. "Ficamos tristes, pois o ideal é que elas passassem o dia nas aldeias, ou então de forma organizada aqui nas ruas", comentou o cacique Felipe da Silva.

A maioria das mães indígenas vistas no Centro da Capital provém de aldeias do Cantagalo e da Lomba do Pinheiro, onde vivem cerca de 50 famílias. A coordenadora do Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana, antropóloga Ana Elisa Freitas, explicou que um estudo antropológico comprova que os índios guaranis têm forte identificação com os arredores da Praça da Alfândega.

"O território é identificado como uma Tava – aldeia de antepassados, um local sagrado para eles", explicou a antropóloga.



Mães ficam com crianças nas ruas do Centro

Imagem 30 - Notícia CP16

(e) Elipse – é quando na imagem fotográfica há certas supressões de elementos, pressupondo que o leitor vá inferir o restante. Este é o caso das fotografias que se intercalam nas notícias CP51e CP27. Em ambas, o leitor tem apenas a apresentação de alguns dados que a notícia relata; ora só se tem participantes em lugares indefinidos, ora só participantes sem disposição de ambientes. O leitor, ao ler a parte verbal da notícia, infere o restante.



## Mil famílias recebem cestas básicas da LBV

Mil famílias das ilhas dos Marinheiros e Pavão e das vilas Farrapos, Navegantes e Bom Jesus receberam cestas básicas da Legião da Boa Vontade (LBV), ontem pela manhã, na Capital. A esquina das avenidas São Paulo e São Pedro foi fechada para a entrega das doações. Houve shows de artistas tradicionalistas que participaram da campanha de arrecadação dos alimentos.

Segundo a gerente administrativa da LBV/RS, Ana Paula Alves Campos, as 30 toneladas de alimentos distribuídas às famílias são uma recompensa pelo esforço delas ao longo do ano. "O Natal da LBV é permanente, pois promovemos fraternidade o ano inteiro." As famílias selecionadas são cadastradas no Centro Comunitário da LBV e participaram dos três projetos da entidade: Ronda de Caridade, Ser Mulher e Criança Futuro no Presente.



EDUARDO SEIDL

Entidade fez a distribuição de 30 toneladas de alimentos

Imagem 31 - Notícia CP51

## Servidores da Segurança protestam

**Funcionários do Estado se reuniram em frente ao Piratini e reivindicam definição de matriz salarial**

Servidores da Brigada Militar, Polícia Civil, Instituto Geral de Perícias (IGP), Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) e outras entidades do setor protestaram ontem em frente ao Palácio Piratini na Capital. Os funcionários estaduais instalaram, na Praça da Matriz, cadeiras com fotos de deputados estaduais. A situação ficou difícil por volta das 15h30min, quando houve um princípio de tumulto. Os servidores tentaram ingressar no Palácio e houve resistência. Os manifestantes, no entanto, permaneceram no saguão do prédio até que uma audiência entre os líderes do movimento e a governadora do Estado, Yeda Crusius, fosse marcada.

Segundo o presidente do Ugeirm-Sindicato, Isaac Ortiz, após um ano de governo, Yeda não teria participado de nenhuma reunião com representantes de entidades do setor. "Esse movimento significa a revolta de todos



PAULO NUNES

Manifestantes ficaram no saguão do Palácio até que audiência fosse marcada

os policiais civis e agentes penitenciários. Não agüentamos mais o descaso da governadora com a categoria", afirmou. Ele ressaltou que as

principais reivindicações referem-se à aposentadoria dos servidores, à definição de uma matriz salarial e à nomeação de profissionais aprovados por concurso.

A presidente do Sindipercias, Cláudia Bacelar, cobrou mais ação do governo. "Yeda havia prometido desarmar o projeto para a aposentadoria diferenciada da categoria, mas ainda não obtivemos resposta", alegou. O presidente da Amapergs, Flávio Berneiras, disse que as três categorias realizaram uma manifestação, no mês passado, sem obter avanços. O chefe de Polícia, delegado Pedro Rodrigues, que participava de solenidade na Secretaria Estadual da Segurança, ressaltou que o governo pretende atender às demandas dos policiais. Após o tumulto, uma comissão com representantes das entidades foi recebida pela chefia-de-gabinete da Casa Civil. No rápido encontro, uma audiência foi marcada com Yeda para o dia 17 de janeiro.

Imagem 32 - Notícia CP27

Ao final dessa subseção, torna-se relevante retomar que, nessa pesquisa, não houve um trabalho extensivo de análise de imagens (o que se sugere como um trabalho futuro – pesquisar as imagens sob a perspectiva da ADD do Círculo de Bakhtin).

O que se buscou, de fato, foi apresentar a função/ o propósito da fotografia intercalada no gênero notícia, discutindo apenas sobre seu enquadramento valorativo e dialógico como parte constitutiva do gênero analisado.

### **5.1.3 A Infografia<sup>99</sup>**

Como observado e discutido nas seções anteriores, podemos afirmar que o advento das imagens no jornalismo impresso se deu determinado por diferentes aspectos históricos.

Dentre eles, destacam-se o desenvolvimento da informatização nas mídias, favorecendo a oferta da informação em tempo reduzindo e em espaços ilimitados; o aparelhamento técnico das empresas jornalísticas, facilitando a utilização de cores no processo de impressão; e as diversas transformações socioculturais das últimas décadas, redefinindo hábitos e costumes do público leitor e de suas práticas sociais.

---

<sup>99</sup> Ressaltamos que esta pesquisa considera, em adição às fotografias, infográficos e mapas enquanto enunciados. Contudo, não serão apresentadas considerações teóricas específicas sobre eles. O que pretendemos nesta seção é apenas apresentar o infográfico como gênero multimodal que se intercala nas notícias analisadas.



Para Moraes (1998, p. 110), “o discurso jornalístico, antes baseado na palavra que ‘conta’, transferiu seus alicerces para a imagem que ‘mostra’.” Nessas diversas manifestações de um jornalismo impregnado de recursos multimodais, destaca-se a infografia, que é “recurso de apresentação de informações [...], um esforço de apresentar, de maneira clara, informações complexas o bastante para serem transmitidas apenas por textos<sup>100</sup>” (MORAES, 1998, p. 111).

Nos trabalhos atuais do jornalismo impresso, a apresentação multimodal das informações por meio de gráficos de informações tem recebido o nome de infografia<sup>101</sup>. O vocábulo significa “informação gráfica” e é um empréstimo lexical do conceito em espanhol *infografía*, que por sua vez é uma contração do inglês *information graphics* (*infographics*).

Em síntese, infográficos são informações apresentadas visualmente a partir do entrecruzamento de recursos multimodais - visuais e verbais – na construção de sentido. “O que rege o trabalho é a harmonia entre a imagem e a palavra de modo que sejam complementares e objetivas, sem deixar dúvidas quanto ao conteúdo” (MORAES, 1998, p. 112-113).

Para o jornalismo impresso contemporâneo, o uso da infografia tem seu foco no resultado, isto é, nos efeitos de sentido que a notícia pretende produzir nos seus leitores. A partir da confluência entre imagem e texto verbal, os infográficos objetivam explicitar ou detalhar interpretações relacionáveis às notícias reportadas.

---

<sup>100</sup> Para o autor o texto corresponde apenas à materialidade verbal, diferente da posição que defendemos nesta pesquisa. Contudo, as discussões de Moraes (1998) são pertinentes nesta presente seção.

<sup>101</sup> Termo também utilizado para trabalhos jornalísticos na mídia virtual e televisiva.

Dessa forma, os infográficos apresentam-se como recursos de validação das informações, uma vez que legitimam as informações relatadas ao longo da notícia impressa. Moraes (1998, p. 121), a esse respeito, argumenta que

A busca de credibilidade é responsável por um traço bastante característico dos infográficos, que os torna conceitualmente diferentes das outras modalidades do jornalismo visual. A produção de uma infografia supõe o trabalho de investigação jornalística. Quer dizer, para se fazer um infográfico é necessário ao infografista mais que uma pesquisa de referências, como é comum na produção de ilustrações. Há que se levantar e apurar informações; dimensioná-las de acordo com o objetivo do trabalho; traduzi-las ao máximo possível para a linguagem não-verbal e relacioná-las de forma clara com o elemento verbal [...].

Assim como as fotografias, os infográficos passam por etapas de planejamento visual, assim caracterizadas por Moraes (1998, p. 131):

- (a) Escolha da Imagem – Nossa história pode ser melhor entendida com um gráfico?
- (b) Avaliação – Temos informações suficientes? Dispomos de tempo?
- (c) Levantamento de Informações – Verbais e Não-verbais;
- (d) Seleção dos Dados – Temos dados suficientes?
- (e) Projeção – Definição da forma e dimensões, visando à integração com a página;
- (f) Avaliação – A proposta é adequada?
- (g) Produção – Elaboração dos elementos verbais e não-verbais;
- (h) Montagem – Pré-edição.
- (i) Edição – Estamos no rumo certo?
- (j) Revisão – Temos erros?
- (k) Paginação – Posicionamento na página;

## (I) Avaliação – Análise do produto impresso: atingimos nossos objetivos?

Podemos observar que, de acordo com Moraes (1998), cada etapa pressupõe uma metodologia e recursos próprios, assim como são diversos os agentes que trabalham em conjunto no processo de finalização dos infográficos. As perguntas propostas pelo autor descrevem as possíveis indagações que os sujeitos agentes desse processo devem recuperar em cada etapa metodológica. Para o autor, “vale destacar que a rotina da produção diária, aliada à experiência adquirida pela prática, faz com que essa seqüência se desenvolva quase que imperceptivelmente” (MORAES, 1998, p. 132-133). Alguns exemplos de infográficos encontram-se nas notícias OESP24, OESP04 e CP30 apresentadas abaixo.

### Para colegas, conduta de psiquiatra é injustificável

Quantidade e combinação de drogas chamam a atenção; para receitá-las, médico deveria acompanhar o paciente

**Emílio Sant'Anna**

O psiquiatra Sabino Ferreira de Farias Neto, de 56 anos, responsável pelo atendimento do lutador Ryan Gracie na cadeia, ainda tem uma série de questões a responder. Sua conduta no caso é considerada sem justificativa por alguns colegas – embora a maioria prefira não se identificar, por questões legais. Acusado pela família Gracie de erro médico, Farias Neto será investigado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp). O psiquiatra revelou ter aplicado seis medicamentos no lutador: três comprimidos de Dienpax (benzodiazepínico), dois de Topamax (anticonvulsivo), um de Leponex (para esquizofrenia), duas ampolas de Fenergan (um antialérgico), três de Haldol (antipsicótico), além de um comprimido de Capoten (um anti-hipertensivo).

Para os especialistas, a quantidade utilizada chama a atenção, assim como algumas das drogas escolhidas, que apenas se justificariam caso o médico fizesse um acompanhamento constante de Ryan Gracie. Esse

#### MEDICAMENTOS DADOS A RYAN GRACIE

**Dienpax (Calmante)**  
● Age no sistema nervoso central, reduzindo a ansiedade

**Topamax (Anticonvulsivo)**  
● Age no sistema nervoso central  
● Também utilizado no tratamento para o controle da compulsão do uso de álcool e drogas  
● Apresenta forte ação antimaniaca e controladora da agressividade

**Leponex (Combate a esquizofrenia)**  
● Age no sistema nervoso central  
● Apresenta sintomas colaterais como aceleração do ritmo do coração, tontura, dores de cabeça, náuseas ou vômitos, desconforto abdominal

**Haldol (Antipsicótico)**  
● Age no sistema nervoso central  
● Utilizado para controlar a agitação e agressividade provocadas por perturbações mentais

**Fenergan (Antialérgico)**  
● Utilizado em associação com Haldol para diminuir a agitação

**Capoten (Anti-hipertensivo)**  
● Age na glândula supra-renal, controlando a produção de uma enzima que favorece quadros de hipertensão

é o caso do Leponex. A droga é utilizada normalmente para o tratamento de pacientes esquizofrênicos refratários a outros medicamentos. “Não existe justificativa para dar essa droga em uma situação aguda”, diz o coordenador da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (Uniad) da Unifesp, Ronaldo Laranjeira. “Em nenhum lugar do mundo, esse seria um procedimento correto.”

Laranjeira, no entanto, afirma que Farias Neto acertou ao não se omitir. Para ele, a interação entre os medicamentos e as drogas ingeridas por Gracie é uma das hipóteses mais viáveis para a morte do lutador. Antes de ser preso, Gracie consumiu maconha, cocaína e benzodiazepínicos. “Não é possível afirmar o que causou a morte”, diz. “Se for a medicação, na verdade será a interação entre eles.”

O coordenador do Uniad também levanta a hipótese do uso de anabolizantes por Gracie. A substância – utilizada para o ganho de massa muscular – expõe o paciente a quadros de surto psicótico quando combinada com outras drogas, como a cocaína.

Sobre os processos que Farias Neto vai enfrentar, Laranjeira afirma que dificilmente o médico será condenado pela escolha das drogas. “Mas teve uma conduta inadequada ao revelar que o paciente usava cocaína e, por isso, certamente será condenado.” ●

INFOGRÁFICO/AE

Imagem 33 - Notícia OESP24



## TRANSPORTES

# Metrô de SP tem pior avaliação da década, diz pesquisa da ANTP

Satisfação caiu de 93% para 85%; ônibus municipais têm a maior rejeição: só agradam a 42%

Bruno Tavares

A aprovação dos passageiros ao Metrô de São Paulo atingiu em 2007 o menor patamar nos últimos oito anos, deslizando de 93% para 85% de satisfação, na comparação com 2006. O resultado consta da pesquisa anual sobre a imagem dos transportes públicos coordenada pela Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) e patrocinada por autarquias municipais, estaduais e sindicatos patronais. Os ônibus municipais da capital voltaram a ter o pior desempenho entre os três modais (trens metropolitanos, ônibus e metrô), com aprovação de apenas 42% dos 2.300 entrevistados, ante os 48% obtidos no ano passado, quando o índice já havia sido considerado o mais baixo da década.

cessiva e isso compromete a qualidade do serviço", avaliou o consultor de transportes Flaminio Fichmann.

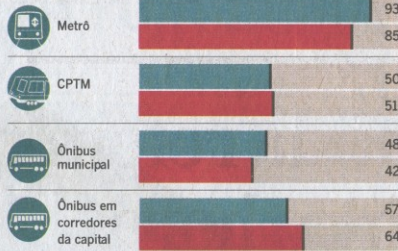
Pela primeira vez desde que começou a ser realizada, em 1985, a pesquisa da ANTP mediu a satisfação dos passageiros em relação ao atendimento prestado por funcionários do sistema de transporte público, como motoristas e cobradores. A média foi de 6,22, em uma escala de 0 a 10. Os mais críticos foram os entrevistados das classes A e B e os que têm entre 20 e 30 anos. Outra novidade da pesquisa feita entre setembro e outubro foi a avaliação dos serviços de informação e reclamação, como o 156 da Prefeitura. O Metrô teve o melhor desempenho, com 83% de aprovação, seguido pela CPTM (20%) e ônibus municipais da capital (17%).

## PESQUISA

## Avaliação do transporte em SP

EM PORCENTAGEM DE APROVAÇÃO

2006 2007



Metrô foi o mais bem avaliado, mas sua aprovação caiu 8 pontos em relação a 2006



Apesar da boa imagem, índice de satisfação do metrô foi o menor dos últimos oito anos

Imagem 34 - Infográfico intercalado na Notícia OESP04

# 19,9% dos jovens não fazem nada

Pesquisa mostrou que qualidade de vida é superior no Distrito Federal. Mortalidade aumentou

Uma pesquisa sobre a situação dos 35 milhões de jovens entre 15 e 24 anos que habitam o Brasil foi apresentada ontem, com dados sobre acesso à educação, saúde e renda. Quase 7 milhões, 19,9% da população nessa faixa etária, não estudam nem trabalham.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2007, divulgado pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla), o Distrito Federal lidera o ranking de qualidade de vida entre os jovens. O Índice de Desenvolvimento Juvenil registrado na capital federal é de 0,666, numa escala de 0 a 1. Em seguida, aparecem Santa Catarina (0,647) e São Paulo (0,626). Nas últimas colocações estão Maranhão (0,429), Pernambuco (0,394) e Alagoas (0,367).

Na análise por região, o Sul é primeiro lugar (0,597), seguido do Sudeste (0,592), do Centro-Oeste (0,563), do Norte (0,462) e do Nordeste

(0,443). O responsável pela pesquisa, sociólogo Júlio Jacobo, afirma que as desigualdades estão na educação, saúde e renda. O levantamento conclui que o analfabetismo juvenil dá sinais de desaparecer a curto prazo graças a políticas nacionais e à universalização na cobertura do ensino fundamental. Em 1993, a taxa era 8,2%. Em 2001, caiu para 4,2%; em 2003, 3,4%; e, em 2006, 2,4%.

A mortalidade vem crescendo, com causas externas ou violentas. Conforme o estudo, 72,8% morrem por razões externas. O Mapa da Violência 2006 mostra o Brasil como terceiro país em número de mortes de jovens por homicídios, só superado pela Colômbia e Venezuela. A média nacional da renda familiar per capita dos jovens indica uma redução de 15,7% entre 2001 e 2003. No entanto, caíram os níveis de concentração de renda, com ganhos em setores de extrema pobreza.

## Prêmio ARI chega à 49ª edição

Foram divulgados ontem os vencedores do 49º Prêmio ARI de Jornalismo. O fotógrafo Luis Gonçalves se destacou em Fotojornalismo, pela sequência Intolerância no Trânsito, do **Correio do Povo** de 6 de setembro, e Imagem, pela reportagem Rachas, veiculada dia 28 de setembro na Rede Record. A empresa recebeu o prêmio Antonio Gonzalez, pela contribuição especial à Comunicação Social, ao lado do Grupo RBS e da Revista Voto.

"A qualidade do material inscrito trouxe dificuldade prazerosa aos julgadores", afirmou o presidente da ARI, Ercy Torma. Juremir Machado da Silva, do **Correio do Povo**, ficou em segundo lugar na categoria Reportagem Cultural, com Fronteiras do Pensamento. Além do 1º lugar a reportagem Hora de Calar a Boca, de Luiz Carlos Reche, a Guaíba ganhou menção honrosa em Reportagem Esportiva, com Felipe Gamba.

VALMOCY VASCONCELOS

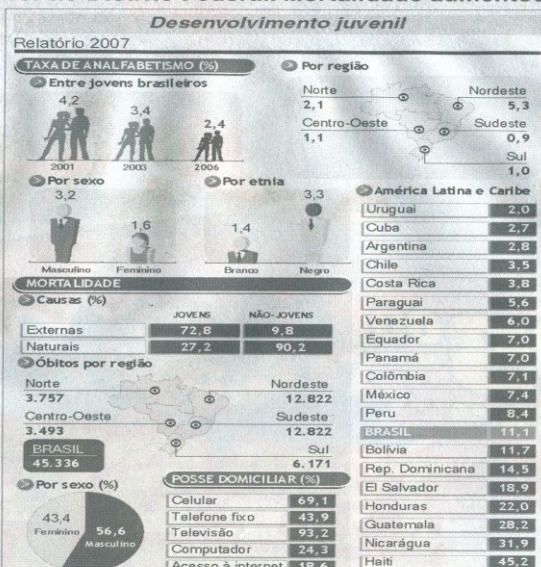


Imagem 35 - Notícia CP30

Em suma, os infográficos funcionam como estratégias de validação, posto que provocam efeitos de credibilidade e validade para as informações relatadas. Não apenas apresenta-se como uma estratégia de melhor condensar as narrativas jornalísticas, pois os infográficos viabilizam e legalizam as informações veiculadas – são recursos de integridade e credibilidade de informações discutidas por Charaudeau (2006). Contudo, a intercalação de infográficos nas notícias apresenta vantagens e desvantagens (MORAES, 1998).

Dentre as vantagens, Stovall (s/d) afirma que: (a) os infográficos permitem ao jornalista apresentar informações que não poderiam ser apresentadas de outra forma que não seja a multimodal; (b) os infográficos permitem aos jornalistas mostrar relações diversas entre dados e informações numéricas, permitindo aos leitores chegarem as suas próprias conclusões quanto às informações.

Além disso, Stovall afirma que, os infográficos possibilitam a apresentação de uma grande quantidade de informação em espaços menores do que a extensão típica de notícias e enquanto gênero multimodal, os infográficos chamam atenção dos leitores em proporções maiores do que as notícias sem recursos verbos-visuais.

Quanto às desvantagens, o autor postula que (a) os infográficos demandam tempo e equipe especializada na redação jornalística; (b) os infográficos podem ser facilmente distorcidos quanto à interpretação e (c) os infográficos podem entreter ao invés de informar os leitores.

Stovall, em adição, apresenta os princípios de construção composicional dos infográficos e seus parâmetros de convenção. Sobre a construção composicional dos infográficos, Stovall (s/d, p. 20-24) afirma que a disposição de dados deve ser na direção esquerda-para-direita e de cima– para-baixo, postulando que “este princípio é óbvio [...]. A tendência de esquerda-para-direita e cima-para-baixo é um processo cognitivo cultural<sup>102</sup>” (p. 20-21). Outra caracterização retomada pelo autor é que o foco e o contraste são elementos importantes, assim como a unidade na apresentação das informações e sua disposição.

#### **5.1.4 Mapas<sup>103</sup>**

O mapa é um gênero multimodal freqüentemente intercalado às notícias, cujo objetivo discursivo é auxiliar o jornalista a construir uma representação física e mental de uma localização para o leitor.

Com o advento das tecnologias nas redações jornalísticas, os mapas passaram a ser diagramados nos mesmos processos e *softwares* dos infográficos. Após a análise dos dados, constatou-se que os mapas podem ser de:

---

<sup>102</sup> Tradução do autor. A versão original é “This principle is obvious, but it is important for anyone involved in design to remember. The tendency of left-to-right, top-to-bottom reading and viewing is so prevalent that it seems cognitive and cultural”.

<sup>103</sup> Retomamos, como já afirmado na seção anterior, que a presente pesquisa não apresentará uma análise exaustiva sobre o gênero multimodal mapa; apenas se apresentarão discussões que sejam relevantes para a compreensão dos mapas enquanto enunciados que se intercalam nas notícias.



(a) Mapas de Localização Geral: são geralmente mapas monodimensionais e lineares que simplesmente auxiliam o leitor a localizar mentalmente o(s) local(is) do(s) fato(s) ocorrido(s) e relatado(s) na notícia. É, por exemplo, o caso do mapa que intercala a notícia ZH07.



Imagem 36 - Mapa que se intercala na notícia ZH07

(b) Mapas de Apresentação de Dados: são mapas que são utilizados para expor, detalhar e especificar dados/ informações que são específicas de uma dada região geográfica. Esses mapas dispõem dados numéricos em localizações geográficas a fim de produzir informações relevantes sobre os dados, localizando o leitor sobre as informações. É o caso do mapa que intercala a notícia DC44.

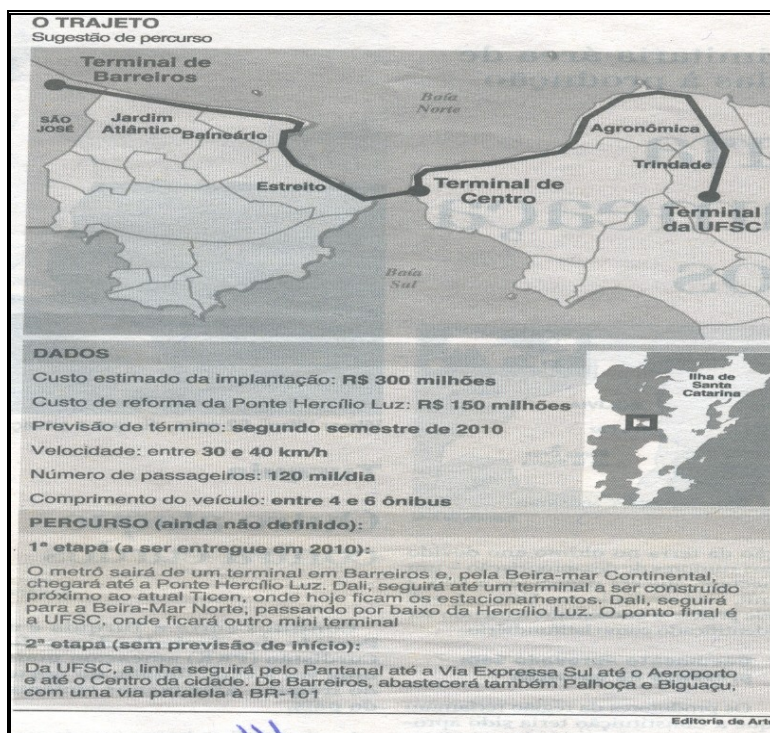


Imagem 37 - Mapa que se intercala na notícia DC44

(c) Mapas Explicativos: são mapas que apresentam detalhamentos sobre determinado ambiente em relação ao fato narrado na notícia. É o caso dos mapas em OESP15 e OESP07.



Imagem 38 - Mapa que se intercala na notícia OESP15



## 205

## **VI SÍNTESE DA PESQUISA**

Este capítulo, breve em sua extensão, mas completa em seu propósito, busca apresentar os principais resultados da pesquisa acerca do gênero notícia da esfera do jornalismo impresso. Objetivamos localizar o leitor acerca dos diferentes dados que a pesquisa alcançou em sua trajetória, explicitando nas tabelas abaixo, os diversos conceitos explorados, as categorias, as projeções e as regularidades da notícia impressa. São informações sintetizadas que remetem aos vários capítulos e seções dispostos ao longo da dissertação com o propósito de conceituar a notícia sob uma perspectiva dialógica e social.

O 1º quadro explora a dimensão social, isto é, as diversas discussões teórico-metodológicas da Teoria do Jornalismo (TJ) e dos postulados da Análise Dialógica de Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin, retomando o diálogo que a pesquisa estabeleceu entre as duas áreas. O 2º quadro expõe os resultados da análise da dimensão verbal das notícias, apresentado tanto os diversos recursos lingüístico-textuais de sua construção, como também aspectos relativos ao dialogismo, à ideologia e à valoração. O 3º quadro, por sua vez, explora a funcionalidade das fotografias, infográficos e mapas enquanto gêneros multimodais intercalados às notícias.

Em síntese, após as diversas discussões teóricas e metodológicas acerca do gênero jornalístico notícia, esse capítulo sistematiza as regularidades de constituição e funcionamento do gênero notícia na mídia impressa, destacando os principais dados resultativos do período de pesquisa e desenvolvimento desta dissertação.

<i>Dimensão Social</i>	
<i>Considerações sob a perspectiva da Teoria do Jornalismo (TJ)</i>	<i>Considerações sob a perspectiva da Análise Dialógica de Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Critérios de Noticiabilidade:</li> <li>(a) Origem dos Fatos;</li> <li>(b) Tratamento dos Fatos;</li> <li>(c) Visão dos Fatos.</li> <li>- Valores-Notícia;</li> <li>- O Acontecimento;</li> <li>- Teorias da Notícia:</li> <li>(a) Teoria do Espelho;</li> <li>(b) Construção Social da Realidade.</li> <li>- Jornalismo Investigativo;</li> <li>- Novo Jornalismo;</li> <li>- Objetividade;</li> <li>- Conceitos de Notícia;</li> <li>- Movimentos da Notícia:</li> <li>(a) Co-temporais = Atualidade;</li> <li>(b) Espaciais = Referencialidade;</li> <li>(c) Hierárquicos = Seleção.</li> <li>- Construção da Notícia:</li> <li>(a) Seleção de Eventos;</li> <li>(b) Ordenação de Eventos;</li> <li>(c) Nomeação.</li> <li>- Visibilidade;</li> <li>- Legibilidade;</li> <li>- Inteligibilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esfera Social do Jornalismo;</li> <li>- Tipificação;</li> <li>- Interação Social;</li> <li>- Dialogismo;</li> <li>- Ideologia;</li> <li>- Valoração;</li> <li>- Cronotopo;</li> <li>- Público-leitor;</li> <li>- Autoria;</li> <li>- Condições Sociais de Produção;</li> <li>- Agentes Sociais de Produção;</li> <li>- Instâncias Dialógicas;</li> <li>(a) Concepção;</li> <li>(b) Editoração;</li> <li>(c) Responsividade.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discurso da Notícia &amp; Discurso da Informação;</li> <li>- Notícia e Representação Social;</li> <li>- Notícia, Discurso e Ética;</li> <li>- O Papel das Mídias e a Construção de Sentido na Esfera do Jornalismo.</li> </ul>	

Tabela 1 – Conceitos discutidos a partir da análise da dimensão social do gênero notícia da esfera do jornalismo impresso.

A análise da dimensão social do gênero notícia nos revelou que, na esfera praxiológica e científica do jornalismo, diferentes concepções são apresentadas quanto à compreensão do que seja a notícia propriamente dita. A compreensão as notícia enquanto representação ou recorte do real está subsidiada pela *Teoria do Espelho* ou *Teoria Representacionalista*, cujos postulados teóricos estão baseados em uma perspectiva estruturalista ou formalista de linguagem (Cf. seção 3.1). Sob essa visão de espelhamento da realidade, a notícia visa à objetividade, neutralidade e imparcialidade dos fatos.

Por outro lado, há a *Teoria Socioconstrutivista* de notícia, que objetiva compreendê-la enquanto prática social condicionado seja por aspectos sociais, históricos e culturais, seja por diferentes orientações ideológicas. Dentro da perspectiva social da notícia, uma questão relevante para a compreensão do funcionamento e da constituição da notícia na mídia impressa, diz respeito aos *critérios de noticiabilidade*. Segundo teóricos da Teoria do Jornalismo (TJ), critérios de noticiabilidade são aspectos a serem considerados na seleção de acontecimentos que possuem *valor-notícia*, isto é, critérios estabelecidos para, dentre os diversos acontecimentos do dia-a-dia, um ou mais ser selecionado para “virar” notícia no jornal. Além disso, aspectos relativos aos *movimentos de construção da notícia, efeitos de veracidade, integridade e credibilidade* foram também discutidos ao longo do capítulo acerca da dimensão social da notícia a partir do escopo da TJ.

Em adição às discussões sob o âmbito da TJ, apresentamos diversas considerações acerca do gênero notícia a partir da perspectiva epistemológica da Análise Dialógica de Discurso (ADD). Conceitos como *esfera, dialogismo, valoração e ideologia* foram relacionados à compreensão da notícia na *esfera social do jornalismo impresso* (Cf. seção 3.2).

Após a análise, constatamos que o gênero notícia é engendrado e engendra-se em *situações sociais de interação típicas* consubstanciadas por diferentes *horizontes apreciativos* (posições valorativas, axiológicas) e *orientações ideológicas*. Esses horizontes e essas projeções entrecruzam-se nas *condições sociais de produção* da notícia (concepção, editoração e responsividade), não apenas significando-a, como regulando-a e organizando-a enquanto modos sociais de dizer, modos sociais de significar o modo.

<i>Dimensão Verb0-visual: a construção linguística</i>
<p><i>Horizonte Temático</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O Horizonte Temático do Gênero Notícia;</li> <li>- Ressonâncias Temáticas;</li> <li>- Cruzamentos/ Atravessamentos Temáticos; <ul style="list-style-type: none"> <li>(a) Legalizadores da Notícia;</li> <li>(b) Discurso Regulador;</li> <li>(c) Discurso Autoritativo;</li> <li>(d) Efeitos de Credibilidade e Legitimidade.</li> </ul> </li> </ul>
<p><i>Relações Dialógicas da Notícia</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Enunciados de outros gêneros na materialização enunciativo-discursiva da notícia;</li> <li>- Enunciados de outros gêneros que se intercalam na construção composicional da notícia;</li> <li>- Enunciados de outros gêneros que se entrecruzam na seção na qual a notícia é publicada;</li> <li>- Enunciados de gêneros em diferentes seções do jornal que dialogam;</li> <li>- Enunciados de notícias que dialogam na mesma seção;</li> <li>- Enunciados de notícias que dialogam em diferentes dias de publicação no mesmo jornal;</li> <li>- Enunciados de notícias que dialogam em jornais diferentes.</li> </ul>
<p><i>Projeto Sociodiscursivo da Notícia</i></p>
<p><i>Reenuniação e o Discurso de Outrem</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Enquadramento do Discurso de Outrem <ul style="list-style-type: none"> <li>(a) Efeitos de Autoridade;</li> <li>(b) Efeitos de Reconhecimento;</li> <li>(c) Efeitos de Validação;</li> <li>(d) Efeitos de Avaliação;</li> <li>(e) Efeitos de Compartilhamento de Responsabilidade;</li> <li>(f) Efeitos de Justificação.</li> </ul> </li> </ul>
<p><i>Estilo e Valoração no Gênero Notícia</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Visadas Dialógico-Valorativas <ul style="list-style-type: none"> <li>(a) Localização Tempo-Espacial;</li> <li>(b) Identificação de Participantes;</li> <li>(c) Retomada de Assuntos;</li> <li>(d) Ativação do Conhecimento Prévio ou Compartilhado;</li> <li>(e) Direcionamento ou Referência ao Leitor;</li> <li>(f) Validação;</li> <li>(g) Avaliação.</li> </ul> </li> </ul>
<p><i>Projeções Estilístico-Composicionais da Notícia</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Marcadores de Pressuposição;</li> <li>- Identificadores Atitudinais;</li> <li>- Marcadores Avaliativos;</li> <li>- Índices de Domínio;</li> <li>- Operadores Lógicos de Organização Lingüístico-Textuais;</li> <li>- Marcadores Discursivos;</li> <li>- Verbos de Citação/ Identificação do Discurso de Outrem;</li> <li>- Indicadores Modais;</li> <li>- Recurso das Aspas;</li> <li>- Discurso de Senso Comum;</li> <li>- Marcas de Discurso Direto;</li> <li>- Marcas de Discurso Indireto;</li> <li>- Marcas de Discurso Bivocal;</li> <li>- Verbos no Presente do Indicativo;</li> </ul>

-Verbos no Pretérito Perfeito do Indicativo.
<i>Composicionalidade do Gênero Notícia</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Especificador Temático;</li> <li>- Título;</li> <li>- Marcas de Autoria;</li> <li>- Lead;</li> <li>- Corpo da notícia;</li> <li>- Gêneros Multimodais Intercalados;</li> <li>- Localização Geográfica da Notícia;</li> <li>- Estratégias de Construção Lingüístico-Textual</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>(a) Formulação;</li> <li>(b) Referenciação;</li> <li>(c) Enumeração;</li> <li>(d) Antecipação.</li> </ul>

Tabela 2- Regularidades enunciativo-discursivas da construção lingüística do gênero notícia na esfera do jornalismo impresso.

A análise da dimensão verbo-visual do gênero notícia, a partir de sua construção lingüística, nos mostrou que a notícia se constrói por meio de diferentes regularidades enunciativas em sua materialidade lingüístico-textual. Primeiramente, constatamos que o *tema* do gênero é relatar assuntos cotidianos da atualidade, tais como esporte, clima, política, educação, justiça entre outros (Cf. seção 4.1). Observamos, em adição, que este *horizonte temático* é atravessado por *ressonâncias temáticas*, que, por sua vez, funcionam como *legalizadores das notícias*, como *discursos regularizadores* e como *discursos de autoridade*, além de construírem *efeitos de credibilidade e legitimidade* na notícia.

Além disso, a análise nos revelou que a notícia engendra-se em diferentes *relações dialógicas* (Cf. seção 4.1.1), que a regulam e a significam no jornal. Essas relações se constroem seja no mesmo jornal, seja entre jornais diferentes e estão determinadas pelo horizonte temático e pelo *projeto sociodiscursivo* da notícia. Dessa forma, podemos compreender que a notícia (assim como qualquer gênero) possui um conteúdo temático específico e seu projeto discursivo próprio (Cf. seção 4.1.2).

Outra regularidade constante na construção enunciativo-discursiva da notícia é o processo de *enquadramento do discurso do outro*. A *reenunciação* acontece seja sob o âmbito do *discurso relatado direto* ou *indireto*, seja a partir do *discurso bivocal*. Observamos, em adição, que o discurso de outrem reenunciado na notícia constrói determinados *efeitos de sentido*, a nomear: *efeitos de autoridade, de reconhecimento, de validação, de compartilhamento de responsabilidade e de justificação* (Cf. seção 4.1.3). Esses efeitos orientam os sentidos entre o gênero e seus interlocutores, não apenas direcionado os leitores a determinadas significações, como antecipando sua *atitude responsiva* frente aos acontecimentos relatados na notícia.

Quanto ao estudo sobre o estilo e o horizonte axiológico (Cf. seção 4.2), contamos que a notícia, em sua construção estilístico-composicional, apresenta diferentes *visadas dialógicas e valorativas*, isto é, recursos enunciativo-discursivos que objetivam orientar o leitor a determinados sentidos recortados e projetados axiologicamente. Esses sentidos/visadas podem ser de *localização do espaço, do tempo e/ou dos participantes* da notícia em questão, de *retomada do assunto* tratado, de *ativação do conhecimento prévio ou compartilhado* do público-leitor, de *direcionamento* a esse público, assim como de *validação e avaliação* dos relatos apresentados.

Quanto os recursos lexicais e fraseológicos utilizados na notícia enquanto *projeções estilístico-composicionais* utilizadas para alcançar o projeto discursivo do gênero, constatamos que na construção textual da notícia, há diferentes recursos lingüísticos (Cf. seção 4.2.2) .

Esses recursos funcionam como sinalizadores ou marcadores de sentidos específicos que direcionam a responsividade dos leitores. Esses recursos podem ser: *marcadores de pressuposição, identificadores atitudinais, marcadores avaliativos, índices de domínio, operadores lógicos, marcadores discursivos, verbos de enquadramento do discurso do outro, indicadores modais, recursos das aspas, marcas de discurso de senso comum, marcas de discurso relatado direto, indireto e bivocal*, assim como o uso de *verbos no presente e no pretérito perfeito do indicativo*.

Acerca da investigação sobre a *composicionalidade textual* da notícia, verificamos que esta relativamente apresenta em sua extensão: *especificador temático, título, marcas explícitas de autoria, lead, gêneros multimodais intercalados e localização geográfica* da onde os relatos se contextualizam. Essas são marcas/projeções que geralmente as notícias apresentam em sua materialidade textual (Cf. seção 4.3).

Ao fim, analisamos quais são as diferentes estratégias de construção textual utilizada. Verificamos que com frequência as notícias se constroem por meio de estratégias (Cf. seção 4.3.1) de *formulação*, de *referenciação*, de *enumeração* e de *antecipação*.

Em suma, podemos verificar que diversas são as regularidades da construção lingüística da notícia, que não apenas se entrecruzam na constituição desse gênero, como consubstanciam seu funcionamento discursivo.



*A importância da Imagem no Jornalismo Impresso*

- A Imagem no Século XXI
  - (a) Transformações das práticas profissionais e imposição das novas tecnologias;
  - (b) O advento da imagem na década de 1980.
- A Imagem no Jornalismo Impresso
  - (a) Os Gêneros Multimodais Intercalados;
  - (b) Outras Mídias.

*O Planejamento Visual*

- Variáveis do Planejamento
  - (a) Tempo;
  - (b) Levantamento e Verificação de Informações;
  - (c) Avaliação das Informações;
  - (d) Forma e Dimensão Visual;
  - (e) Filtro;
  - (f) Construção;
  - (g) Montagem Visual;
  - (h) Reavaliação;
  - (i) Revisão.

*O Fotojornalismo*

- Visadas Dialógico-Valorativas das Fotografias
  - (a) Fotografias para Localização Espaço-Temporal;
  - (b) Fotografias para Identificação de Participantes;
  - (c) Fotografias de Detalhamento ou Especificação;
  - (d) Fotografias de Exemplificação;
  - (e) Fotografias com Efeitos de Generalização;
  - (f) Fotografias Redundantes.
- Disposição Valorativa das Fotografias
  - (a) Fotografias dispostas por Atribuição;
  - (b) Fotografias dispostas por Progressão;
  - (c) Fotografias dispostas por Complementarização;
  - (d) Fotografias dispostas por Alternância
- Relações Dialógicas entre Fotografias
  - (a) Relações dialógicas entre fotografias na mesma notícia;
  - (b) Relações dialógicas entre fotografias de mesma temática na mesma página;
  - (c) Relações dialógicas entre fotografias de temáticas diferentes na mesma página;
  - (d) Relações dialógicas entre fotografias em seções diferentes do mesmo jornal;
- Movimentos Valorativos das Fotografias
  - (a) Distanciamento;
  - (b) Engajamento;
  - (c) Apagamento;
  - (d) Generalização.
- Projeções Estilístico-composicionais da Fotografia
  - (a) Cor;
  - (b) Ambientalização;
  - (c) Foco / Desfoco;
  - (d) Enquadramento e dimensionamento da luz;
  - (e) Profundidade;
  - (f) Disposição Dialógico-valorativa dos elementos;

(g) Efeitos de projeção; (h) Legenda.  - Estratégias de Construção Verbo-visual das Fotografias (a) Repetição ou Desdobramento; (b) Progressão; (c) Oposição; (d) Duplo Sentido; (e) Elipse.
<i>A infografia</i>  -Planejamento Visual; (a) Estratégias de Validação; (b) Vantagens e Desvantagens.
<i>Mapas</i>  - Tipologia de Mapas (a) Mapas de Localização Geral; (b) Mapas de Apresentação de Dados; (c) Mapas Explicativos.

Tabela 3 – Regularidades e projeções da construção imagética do gênero notícia.

Na análise da dimensão verbo-visual, a partir da *construção imagética* do gênero notícia, observamos que o jornalismo impresso sofreu diversas transformações nas práticas profissionais a partir do advento de novas tecnologias. É a partir de 1980 (Cf. seção 5.1) que as imagens começam, efetivamente, a serem enquadradas nas notícias. Investigamos, em adição, como se dá o processo de *planejamento visual* da construção imagética dos diversos gêneros do jornal, dentre eles a notícia. Estudos acerca da construção gráfica dos jornais revelam que, o planejamento visual obedece a variáveis tais como: *tempo, levantamento e verificação de informações, avaliação das informações, forma e dimensão visual, filtro, construção, montagem visual, reavaliação e revisão*. Estágios e variáveis que se entrecruzam a todo momento (Cf. seção 5.1.1).

Observamos que as fotografias se constroem por meio de visadas dialógico-valorativas, de efeitos de disposição, de relações dialógicas, de movimentos valorativos e de projeções. Quanto às *visadas dialógico-valorativas* (Cf. seção 5.1.2.1.1), estas podem ser de: *localização tempo-espacial ou de identificação de participantes, detalhamento ou especificação, exemplificação, generalização e redundância*. Quanto à disposição, as fotografias podem ser dispostas por *atribuição, progressão, complementarização e alternância*. Além disso, as fotografias engendram-se em diferentes *relações dialógicas* (Cf. seção 5.1.2.1.2), assim como em diferentes *movimentos valorativos* (de distanciamento, de engajamento, de apagamento e de generalização) (Cf. seção 5.1.2.1.3). Há também diferentes projeções (Cf. seção 5.1.2.1.4) que se articulam na construção e funcionamento da notícia: *cor, ambientalização, foco, desfoco, enquadramento da luz, profundidade, disposição valorativa dos elementos, efeitos de projeção e legenda*.

Investigamos, em adição às relações dialógicas, movimentos, projeções visadas e disposições valorativas, como funcionam as estratégias de construção verbo-visual das notícias. Observamos que podem ser por meio de cinco processos que nomeamos: *repetição ou desdobramento, progressão, oposição, duplo sentido e elipse*.

Para completarmos a análise da dimensão verbo-visual, a partir da construção imagética dos gêneros que se intercalam na notícia, buscamos discutir o papel dos *infográficos* e *mapas* que se enquadram a composicionalidade do gênero.

Entendemos que os infográficos funcionam como *estratégias de validação* das informações apresentadas na notícia. Os mapas, por sua vez, podem ser de *localização geral*, de *apresentação de dados* ou de *explicação* (Cf. discutido nas seções 5.1.3 e 5.1.4).

Em conclusão, objetivamos, ao longo deste capítulo, apresentar uma breve contextualização sobre os principais dados alcançados ao longo da pesquisa sobre o gênero notícia. Apresentamos tabelas explicativas sobre a dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero, identificando conceitos e regularidades que constatamos ao longo de nossas análises e discussões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa realizou uma análise descritivo-interpretativa do gênero do discurso *notícia* da esfera do jornalismo impresso. Buscamos identificar e interpretar as regularidades do gênero, partindo de suas dimensões social e verbo-visual, procurando não apenas compreender sua constituição discursiva, como, em adição, seu funcionamento social.

Por meio da investigação sobre a dimensão social do gênero, evidenciamos a relação de mútua constituição entre esfera social e gênero, compreendendo como este se constrói e funciona nas diversas redes intersociais que se constituem e se tipificam historicamente nas diferentes situações de interação. Em um segundo momento, a análise da dimensão verbal da notícia demonstrou como este gênero se constrói discursivamente por determinados recursos que relativamente se estabilizam no estilo, no tema e na composicionalidade da notícia na mídia impressa. Retomamos, contudo, que essa proposta metodológica de análise das dimensões se justifica somente para fins de pesquisa, à medida que ambas as dimensões – social e verbo-visual – possuem caráter indissolúvel na materialização concreta do enunciado.

Outra questão que se recupera nessas considerações é o fato de que uma análise de gênero sob a perspectiva da ADD não apresenta categorias pré-estabelecidas; o tratamento investigativo sobre gêneros sob o escopo da ADD requer do pesquisador um caminho exaustivo de “idas e vindas” acerca do *corpus*, haja vista seu caráter heterogêneo, polifônico, pluriestilístico, interdiscursivo e dialógico.

As regularidades dos gêneros surgiram a cada leitura, a cada exploração, a cada reflexão sobre o *corpus*, impossibilitando a aplicação/reprodução de regularidades de gêneros outros para o gênero em investigação. Cada gênero do discurso assenta-se em um cronotopo, em uma rede social e em situações de interação singulares, se construindo a partir de caracterizações próprias. Dessa forma, as regularidades enunciativo-discursivas apresentadas nesta pesquisa sob o âmbito da notícia são diferentes das regularidades do gênero artigo assinado (RODRIGUES, 2001) ou do gênero entrevista pingue-pongue (SILVA, 2007), por exemplo.

Além disso, a presente dissertação pode suscitar novas pesquisas, tais como: (a) uma análise de discurso das notícias em determinados jornais impressos ou *online* sob a perspectiva epistemológica da ADD; (b) um estudo comparativo entre as regularidades do gênero notícia de jornais impressos e jornais virtuais; (c) uma análise de imagens (fotografias e/ou infográficos) sob o âmbito da ADD; (d) um estudo aplicado sobre a didatização do gênero jornalístico notícia, entre outras possibilidades de investigações em Lingüística, Lingüística Aplicada ou em áreas afins.

A partir disso, a pesquisa contribui para a consolidação de uma Análise Dialógica de Discurso (ADD) e de uma Teoria Dialógica de Gêneros do Discurso, ambas sob a perspectiva epistemológica do Círculo de Bakhtin. Em adição, procuramos apresentar um trabalho que se enquadrasse na rede dialógica de pesquisas em Lingüística Aplicada, cujo foco fosse a relação transdisciplinar de diferentes áreas para compreensão de um determinado objeto.

Em conclusão, por meio do estudo sobre a notícia, a presente investigação percorreu caminhos diversos que em confluência viabilizaram um atravessamento axiológico de conceitos, relações e sentidos e cujos resultados não apenas demonstraram a heterogeneidade e fluidez dos gêneros, dentre eles a notícia, como, em adição, reforçaram o postulado bakhtiniano da natureza dialógica da linguagem.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. **Ensino de Produção Textual – Questões Teóricas e Aplicadas**. Santa Cruz do Sul. Revista Letra Magna/UNISC, 2006a. Disponível em [www.letramagna.com](http://www.letramagna.com)

\_\_\_\_\_. **Gêneros, Multimodalidade, Multiletramento e Ensino**. Brasília. Revista Desempenho/UNB, 2006b. Disponível em [www.revistadesempenho.com.br](http://www.revistadesempenho.com.br)

\_\_\_\_\_. **Ensino/Aprendizagem de Leitura e a Questão dos Gêneros do Discurso - Aspectos Teórico-Aplicados**. Santa Maria. Revista Linguagem e Cidadania/UFSM, 2007a. Disponível em [www.revistalinguagemecidadania.com.br](http://www.revistalinguagemecidadania.com.br)

\_\_\_\_\_. **Discurso e Enunciação – o gênero carta de aconselhamento sob a perspectiva sociodialógica de Bakhtin**. Santa Cruz do Sul. Revista Letra Magna/UNISC, 2007b. Disponível em [www.letramagna.com](http://www.letramagna.com)

\_\_\_\_\_. **Gêneros do discurso: experiências psicossociais tipificadas**. Santa Cruz do Sul. Revista Letra Magna/UNISC, 2008. Disponível em [www.letramagna.com](http://www.letramagna.com)

ADAM, P. G. **Color, contrast, and dimension in news design – understanding the theory of color and its applications**. St. Petersburg: The Poynter Institute for Media Studies, 1995.

ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1993.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. De J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença - Martins Fontes, 1974 [1970].

ANTUNES, I. **Aula de Português – Encontro & Interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica)**. Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

\_\_\_\_\_. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Edited and Translated by Caryl Emerson. Minnesota: UMP, 1989.

\_\_\_\_\_. **Para uma Filosofia do Ato**. Texto completo da edição americana Toward a philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993.



\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance**. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. A Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERKENKOTTER, C. **Genre systems at work: DSM-IV and rhetorical recontextualization in psychotherapy paperwork**. Written Communication, 18, 326-349, 2001.

BEZERRA, P. **Polifonia**. In: BRAIT, B. Bakhtin – Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007.

BHATIA, V. **Applied genre analysis: analytical advances and pedagogical procedures**. In: JOHNS, A. (Ed.), *Genre in the classroom: multiple perspectives*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2002.

BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse – A genre-based view**. London: Continuum, 2004.

BAZERMAN, C; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL. (Orgs.). **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Gêneros, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BELTRÃO, L. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. Coleção Clássicos do Jornalismo Brasileiro, V. 05. São Paulo: Editora da USP, 1992.

BENITES, S. A. L. **A História contada nas páginas dos jornais**. Revista de Letras. N. 5, p. 197-219, jan./jun.2001. Disponível em: <<http://calvados.cs3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view>>. Acesso em 18/07/2007.

BRAIT, B. **A Construção do sentido: exemplo fotográfico persuasivo**. Líbero: São Paulo, v. 06, n. 11, p. 44-49, 2004.

\_\_\_\_\_. **Análise e Teoria do Discurso**. In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Bakhtin – Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Bakhtin – Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAIT, B. & MELO, R. **Enunciado/enunciado concreto /enunciação**. In: **Bakhtin – Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007a.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

BRANDIST, C. **Mikhail Bakhtin e os primórdios da sociolinguística soviética**. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C. & CASTRO, G. Vinte Ensaio sobre Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

BRASIL, MEC/SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio**. Brasília, DF, 1998.

BRETON, P. **A Argumentação na Comunicação**. Bauru: EDUSC, 2003.

BUZEN, C. **Livro Didático de Língua Portuguesa: um gênero do discurso**. Dissertação de Mestrado. IEL – Universidade Estadual de Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da Era da Composição à era dos Gêneros: O Ensino de Produção de Texto no Ensino Médio**. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) Português no Ensino Médio e Formação do Professor. São Paulo: Parábola, 2006. p. 139-162.

\_\_\_\_\_ & MENDONÇA, M. (orgs.) **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

CALVET, I.J. **Sociolinguística – Uma Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CARMAGNANI, A. M. **A argumentação e o discurso jornalístico**. São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica, 1996.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique. Du savoir savant au savoir enseigné**. Genebra : La Pensée Sauvage, 1991.

CHARAUDEAU, P. **Visadas Discursivas, Gêneros Situacionais e Construção Textual**. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFGM, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CORU, D. **Ética da Informação**. Bauru: EDUSC, 1998.

DEVITT, A. **Intertextuality in tax accounting: Generic, referential, and functional**. In: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. (Eds.), *Textual dynamics of the professions: historical and contemporary studies of writing in professional communities*. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Writing genres**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

DE PIETRI, E. **Práticas de Leitura e Elementos para a Atuação Docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DELL'ISOLA, R.L.P. **Retextualização de Gêneros Escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

EL-MIR, A. J. **Diseño, color y tecnología en prensa**. Barcelona: Editora Prensa Ibérica, 1995.

FARACO, C. A. **Autor e autoria**. In: BRAIT, B. *Bakhtin – Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

FIORIN, J.L. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. Ática: São Paulo, 2006.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

Fontcuberta, M. **La Notícia: Pistas para Percebir El Mundo**. Barcelona : Paidós Ibérica, 1993

FURLANETTO, M.M. **Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau**. In: In: MEURER, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros – Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

GIL, G; RAUBER, A.S; CARAZZAI, M.R; BERGSLEITHNER, J. **Pesquisas Qualitativas no Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira: a sala de aula e o professor**. Florianópolis: EDUFSC, 2005.

GORSKI, E.M & COELHO, I.L. **Sociolinguística e Ensino – Contribuições para a Formação do Professor de Língua**. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

GRIGOLETTO, M. **Memória, funcionamento discursivo e lugar de escuta em editoriais jornalísticos**. *Crop*, n.9, p.139-154, 2003.

GRILLO, S. **Formas de produção do real na imprensa brasileira**. São Paulo, Tese(Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

GURÁN, M. **Linguagem Fotográfica e Informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

HEIDERMAN, W. & WEININGER, M. J. **Wilhelm von Humboldt: Linguagem, Literatura e *Bildung***. Florianópolis: UFSC, 2006.

HYLAND, K. **Genre and second language writing**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004.

JEUDY, H.P. **A sociedade transbordante**. Lisboa: Século XXI, 1995.

KARWOSKI, A.M; GAYDECZKA, B; BRITO, K.S. (Orgs.) **Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê. 2005.

KATZ, E. **Os acontecimentos midiáticos – o sentido da ocasião**. In: TRAQUINA, N. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Veja, 1993. p. 52-60.

KLEIMAN, A. B. **A interface de questões éticas e metodológicas na pesquisa em lingüística aplicada**. In: Denize Silva e Josênia Vieira (Orgs.) *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras; Editora Plano, 2001.

\_\_\_\_\_. **Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio**. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.

KOCH, I. G. V. **A Inter-Ação pela Linguagem**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2006a.

KRESS, G. & van LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 1996.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002, p.19-36.

\_\_\_\_\_. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação.** In: A. M. KARWOSKI; B. GAYDECZKA; K. S. BRITO. (Orgs.) *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino.* Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê. 2005. p. 17-34.

\_\_\_\_\_. **Diversidade dos Gêneros do Discurso.** In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso.* Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia** (jornalismo como produção social de segunda natureza). São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. **Gêneros – Teorias, Métodos e Debates.** São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

MIOTELLO, V. **Ideologia.** In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

MIOTTO, G. B. **A construção da notícia.** In: SILVEIRA, A.C.M. (Org.) *Jornalismo além da notícia.* Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003. p. 45-60.

MOITA LOPES, L.P. **A Transdisciplinariedade é possível em Linguística Aplicada?.** In: SIGNORINI, I & CAVALCANTI, M.C. (orgs.) *Linguística Aplicada: Perspectivas.* Campinas: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

MORAES, A. **Infografia – O design da notícia.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Design. PUCRJ, 1998.

MOTTA-ROTH, D. **Enumeração e Antecipação.** In: MEURER, J.L. & MOTTA-ROTH, D. *Parâmetros de Textualização.* Santa Maria: EDUFSM, 1997. p. 97 – 122.

\_\_\_\_\_. **Questões de Metodologia em Análise de Gêneros.** In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. *Gêneros Textuais – Reflexões e Ensino.* Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005. p. 179-202.

\_\_\_\_\_. **O Ensino de Produção Textual com base em Atividades Sociais e Gêneros Textuais.** Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 6, número 3, set./dez. Florianópolis, 2006.

NACAGAKI, N. **Diagram Graphics 2.** Tokyo: Pie Books, 1995.

O GLOBO. **Manual de Redação e Estilo de O Globo.** Luiz Garcia, 24. Ed. Rio de Janeiro: Globo, 1997.

OLIVEIRA, S. M. M. **Linguagem, ideologia e conhecimento – novas perspectivas para se compreender o jornalismo.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação – UNCAMP, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso.** Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAULIUKONIS, M.A.L. & GAVAZZI, S. **Da Língua ao Discurso – Reflexões para o Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PAVEAU, M.A.& SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Lingüística – da gramática comparada a pragmática.** São Carlos: Claraluz, 2006.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** (Trad. Eni Orlandi et. al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PRIOR, P. **From Bakhtin to mediated multimodal genre systems.** Anais do IV SIGET. Tubarão, SC: UNISUL, 2007.

\_\_\_\_\_. **Writing/disciplinarity: a sociohistoric account of literate activity in the academy.** Mahwah: Erlbaum, 1998.

PONTE, C. **Leituras de Notícias.** Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

RICOUER, P. **Interpretação e Ideologias.** Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo.** Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de Gêneros do Discurso na Teoria Bakhtiniana: Algumas Questões Teóricas e Metodológicas.** Revista Linguagem em Dis(curso). V. 4, nº 2, jan. jun. 2004.

\_\_\_\_\_. **Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin.** In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. Gêneros – Teorias, Métodos e Debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

\_\_\_\_\_. **A Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin no Horizonte dos Estudos da Lingüística.** Anais do IV SIGET, Tubarão, SC: UNISUL, 2007.

RODRIGUES, A. D. **Delimitação, natureza e funções do discurso midiático.** In: PORTO, D. O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: UNB, 2002. p. 51-137.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas.** IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

\_\_\_\_\_. **Fazer Lingüística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento.** In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.

\_\_\_\_\_. **Gêneros do discurso no Círculo de Bakhtin – ferramentas para análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas.** Anais do IV SIGET, Tubarão, SC: UNISUL, 2007.

ROSSI, C. **O que é Jornalismo.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAUSSURE, F. d. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros Orais e Escritos na Escola.** Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, I. **Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Lingüística Aplicada.** In: Inês Signorini e Marilda Cavalcanti (Orgs.). Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Repensando a questão da língua legítima na sociedade democrática.** In: Luiz Paulo Moita Lopes (Orgs.). Novos modos de teorizar e fazer Lingüística Aplicada, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gêneros Catalisadores – Letramento e Formação do Professor.** São Paulo: Parábola, 2006.

SILVA, G. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. In: Estudos de Jornalismo e Mídia. V.2, n.1. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia da UFSC, 2005.

SILVA, N. **O Gênero Entrevista Pingue-Pongue: Reenunciação, Enquadramento e Valoração do Discurso do Outro**. Dissertação de Mestrado. PGL. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SPINUZZI, C. **Four ways to investigate assemblages of texts: genre sets, systems, repertoires, and ecologies**. ACM SIGDOC 2004 Conference Proceedings. New York: ACM, 2004. Available at <http://portal.acm.org/citation.cfm?id=1026560&dl=&coll=&CFID=15151515&CFTOKEN=6184618> . Acesso em 10/09/2007.

SOBRAL, A. **Ato/atividade e evento**. In: BRAIT, B. (Orgs.) **Bakhtin – Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007a.

STELLA, P.R. **Palavra**. In: BRAIT, B. (Orgs.) **Bakhtin – Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007a.

STOVALL, J. G. **Infographics – A Journalist’s Guide**. University of Alabama, S/D.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings**. Cambridge: CUP. 1990.

\_\_\_\_\_. **Research genres: exploration and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Worlds of Genres – Metaphors of Genres**. Anais do IV SIGET. Tubarão, SC: UNISUL, 2007.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2001.

UCHÔA, C.E.F. **O Ensino da Gramática: Caminhos e Descaminhos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.



## ANEXO 1

